

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**Patrícia Scheeren**

## **Comportamentos de infidelidade em homens e mulheres**

Tese apresentada no curso de Doutorado em Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Psicologia.

**Orientadora: Profa. Dra. Adriana Wagner**

Porto Alegre, RS

Abril de 2016.

## AGRADECIMENTOS

Pois é chegado o momento de encerrar o ciclo mais importante da minha formação acadêmica. Chegar nesse momento me fez lembrar sobre os últimos quatro anos e em todas as pessoas que possibilitaram a realização desse sonho, me acompanharam e me apoiaram das mais diversas formas.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o carinho, as horas de trabalho e todos os ensinamentos da minha querida orientadora Dra. Adriana Wagner. Adri, tu me fez acreditar no meu potencial e fez dessa caminhada um momento gostoso, de compartilhamento e muito aprendizado. Ensinamentos que vão além da metodologia e da pesquisa, mas sobre cultura, sobre a vida e sobre ser pessoa e psicóloga. Minha imensa gratidão por tudo e sempre seguirás sendo minha inspiração pela grande profissional e pessoa que és.

Às minhas queridas colegas do grupo de pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, que nas nossas trocas, reuniões, momentos de cafezinhos sempre encontrei apoio, uma palavra de conforto e um empurrão de motivação. Obrigada Lisi, Paola, Marina, Angélica, Ana Cristina pela ajuda e por todos os momentos de partilha.

Meu muito obrigado a todos os professores do Pós-graduação em Psicologia da UFRGS que sempre foram muito generosos nos seus ensinamentos e nos levam a excelência dos nossos trabalhos. Agradeço em especial à Professora Dra. Denise Bandeira que aceitou ser relatora deste trabalho, contribuindo com seu enriquecimento. Meu agradecimento aos professores Dr. Maycoln Teodoro, Dra. Mirian Goldenberg, Dra. Olga Falceto, Dra. Mariana Boeckel e Dra. Clárisse Mosmann que aceitaram o convite para participar da banca de qualificação de projeto de tese e de defesa, colaborando com esse trabalho.

Meu agradecimento aos meus colegas do PPG-Psicologia UFRGS com quem partilhei muito conhecimento e aprendi a crescer profissionalmente. Obrigada a CAPES pelo apoio através da concessão de bolsa de doutorado e doutorado sanduíche.

Deixo aqui um abraço carinhoso aos meus colegas do Marriage and Family Program da University of Nebraska-Lincoln e aos meus co-orientadores Dr. Cody Hollist e Dr. Paul Springer que me acolheram como da família e contribuíram de forma muito comprometida com minha formação e com este trabalho, além de possibilitar recursos tecnológicos para a realização da coleta de dados.

A todos os homens e mulheres que dispenderam do seu tempo respondendo aos questionários desta pesquisa, participando de forma voluntária e expondo sua opinião e vivência sobre a infidelidade, além de auxiliarem na divulgação do link da pesquisa. Vocês possibilitaram a realização desse trabalho, fica aqui meu muito obrigada!

Meu carinho a todos meus amigos e aos meus colegas e professores do INFAPA que de diversas formas me motivaram, deram energia, compreenderam meu momento e sempre estiveram presentes me incentivando para a realização deste sonho.

Meu carinho especial para meu amor Bruno que me acompanhou bem de perto no desafio da redação desta tese, respeitando meu momento, sendo fonte de muito incentivo e vibrando a realização desta conquista ao meu lado. Obrigada, meu lindo!

E meu imenso agradecimento a minha querida família, que me ensinou o valor do estudo, da educação e me acompanhou em todas minhas etapas com muito orgulho da pessoa e profissional que me tornei. Pois saibam que compartilho com vocês esta vitória! Obrigada pai, mãe e mano por todo o carinho de sempre e estendo meu abraço ao Raul, Lauren, Helene e Lorenzo.

## SUMÁRIO

<b>Capítulo I</b>	
Introdução .....	9
<b>Capítulo II</b>	
<b>O que sabemos sobre infidelidade ? Um estudo de revisão sistemática da literatura nacional e internacional</b>	
Resumo.....	13
Abstract.....	13
Introdução.....	14
Método.....	17
<i>Procedimento</i> .....	17
<i>Análise dos dados</i> .....	18
Resultados e discussão.....	18
<i>Análise do planejamento e estrutura das pesquisas</i> .....	18
<i>Conteúdos vinculados à infidelidade</i> .....	25
Considerações finais.....	27
Referências.....	30
<b>Capítulo III</b>	
<b>Comportamentos de Infidelidade Conjugal : A construção de um instrumento</b>	
Resumo.....	36
Abstract.....	36
Introdução.....	37
<i>Etapa 1 : Construção do Questionário de Comportamentos de Infidelidade Conjugal</i> ....	40
Método.....	40
Participantes do Processo de Elaboração e validação de conteúdo.....	41
<i>Etapa 2 : Evidências de validade do Questionário de Comportamentos de Infidelidade</i> ..	42
<b>Estudo 1</b> .....	42
Método.....	42
<i>Participantes</i> .....	43
<i>Instrumentos</i> .....	43
<i>Procedimentos</i> .....	43
Resultados.....	44
<b>Estudo 2</b> .....	49
Método.....	50
<i>Participantes</i> .....	50
<i>Instrumentos</i> .....	50
<i>Procedimentos</i> .....	51
Resultados.....	51
<b>Estudo 3</b> .....	56
Método.....	56
<i>Participantes</i> .....	56
<i>Instrumentos</i> .....	56
Resultados.....	57
Discussão.....	59
Referências.....	62

## **Capítulo IV**

### **Ser infiel na conjugalidade : A experiência de homens e mulheres**

Resumo.....	66
Abstract.....	66
Introdução.....	67
Método.....	71
<i>Participantes</i> .....	71
<i>Instrumentos</i> .....	72
<i>Procedimentos</i> .....	73
Resultados.....	73
Discussão.....	86
Referências.....	89

## **Capítulo V**

### **(In) fidelidade em homens e mulheres de uma amostra brasileira**

Resumo.....	92
Abstract.....	92
Introdução.....	93
Método.....	96
<i>Participantes</i> .....	96
<i>Instrumentos</i> .....	97
<i>Procedimentos</i> .....	98
Resultados.....	99
Discussão.....	108
Referências.....	111

## **Capítulo VI**

### **A ocasião faz o ladrão ? Fatores preditores da infidelidade conjugal**

Resumo.....	117
Abstract.....	117
Introdução.....	118
Método.....	121
<i>Participantes</i> .....	121
<i>Instrumentos</i> .....	122
<i>Procedimentos de coleta de dados</i> .....	123
<i>Procedimentos de análise de dados</i> .....	124
Resultados.....	124
Discussão.....	131
Referências.....	133

<b>Conclusão</b> .....	138
------------------------	-----

<b>Anexos</b> .....	141
<i>Anexo A : Aceite do comitê de ética</i> .....	142

## LISTA DE TABELAS, QUADROS E FIGURAS

### Capítulo III

Tabela 1.....	44
Tabela 2.....	47
Figura 1.....	55
Tabela 3.....	57

### Capítulo IV

Tabela 1.....	74
Tabela 2.....	76
Tabela 3.....	78
Tabela 4.....	82
Tabela 5.....	83
Tabela 6.....	84
Tabela 7.....	85

### Capítulo V

Tabela 1.....	100
Tabela 2.....	102
Tabela 3.....	104
Tabela 4.....	105
Tabela 5.....	106

### Capítulo VI

Tabela 1.....	121
Tabela 2.....	124
Tabela 3.....	125
Tabela 4.....	127
Tabela 5.....	128
Tabela 6.....	129
Tabela 7.....	130

## RESUMO

Scheeren, P. (2016). **Comportamentos de infidelidade em homens e mulheres**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Este trabalho objetivou compreender os fatores envolvidos na infidelidade em homens e mulheres casados ou coabitando a partir de quatro domínios importantes para sua compreensão: características pessoais, características do companheiro(a), casamento e contexto. Para responder aos objetivos, o tema foi desenvolvido ao longo de cinco estudos. O primeiro artigo tratou de uma revisão sistemática da literatura sobre a infidelidade nos últimos cinco anos no cenário nacional e internacional e buscou identificar a maneira como a temática vem sendo pesquisada. Constatou-se deficiências nas pesquisas, tais como a não explicitação da definição da infidelidade, grande diversidade de instrumentos e baixo rigor metodológico. Desta forma, o segundo estudo teve por objetivo propor uma medida de infidelidade a partir do que homens e mulheres consideram comportamentos de infidelidade emocional, sexual, virtual emocional e virtual sexual. Este artigo demonstrou a não existência de diferenças significativas entre os comportamentos de infidelidade de homens e mulheres e sugeriu tratar a infidelidade como um fenômeno único, pois as tipologias acabam por gerar uma visão reducionista do constructo. O estudo subsequente tratou de investigar a vivência da infidelidade em homens e mulheres, descrevendo frequência, tipos de comportamentos e motivos de busca da infidelidade. Ambos os sexos tiveram comportamentos de infidelidade semelhantes e o principal motivador foi a insatisfação com a relação e com o companheiro(a). Em seguida, os dois últimos estudos visaram investigar a diferença entre homens e mulheres que foram infiéis daqueles que se mantiveram fiéis ao parceiro(a) e delinear os preditores da infidelidade. Os achados apontaram para o domínio casamento tendo uma grande importância na diferenciação dos grupos, além de ser um preditor da infidelidade juntamente com as variáveis contextuais. Desta forma, dada a importância do domínio casamento para a compreensão da temática, conclui-se que a infidelidade se trata de um fenômeno relacional, demonstrando a necessidade de clínicos avaliarem a qualidade da relação e o contexto que predispõe ao risco de infidelidade.

Palavras-chave: infidelidade, relação conjugal, diferença de gênero, preditor, psicometria

## ABSTRACT

Scheeren, P. (2016). **Infidelity behaviors in men and women**. Doctoral Dissertation. Graduation Program in Psychology at the Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

This study aimed to understand the factors involved in infidelity in married or cohabiting men and women considering four important domains: personal characteristics, partner characteristics, marriage and context. To answer the objectives of this thesis, the manuscript was developed over five studies. The first article performed a systematic review of the national and international literature about infidelity in the past five years to identify the infidelity research scenario. The results show some shortcomings in the researches, such as lack of infidelity definition, great diversity of instruments and low methodological accuracy. The second study aimed to propose an infidelity measure considering which behaviors men and women define as emotional, sexual, emotional-virtual and sexual-virtual infidelity. This article evidences the absence of significant differences between the behaviors that men and women consider infidelity and suggest treating infidelity as a unique phenomenon, as far as the typology generates a reductionist view of the construct. The subsequent study investigated the experience of infidelity in men and women, describing frequency, types of behaviors and reasons for infidelity. The results show similarities between men and women considering the infidelity behaviors and point to the main reason for infidelity was the partner and relationship dissatisfaction for both men and women. Then the last two studies aimed to investigate the differences between men and women who were unfaithful from those who remained faithful to the partner and to delineate the predictors of the infidelity. The findings pointed that the marriage variables have a great importance in differentiate the groups, besides being a predictor of infidelity with contextual variables. Thus, given the importance of the marriage domain for understanding the phenomenon, it is concluded that infidelity is a relational theme, demonstrating the need for clinicians to assess the quality of the relationship and the context that predispose to the risk of infidelity.

Keywords: infidelity, marriage, gender differences, predictor, psychometrics

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado é o resultado de estudos progressivos e consecutivos sobre a temática da infidelidade e se insere na linha de pesquisa que estuda temas relativos a “Relações conjugais: conflito, diversidade e qualidade conjugal” no Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares ([www.ufrgs.br/relacoesfamiliares](http://www.ufrgs.br/relacoesfamiliares)) coordenado pela orientadora desta tese Professora Dra. Adriana Wagner. O interesse pela temática se deve tanto pela relevância científica, mas também social que percebo sobre o tema da infidelidade. Minha experiência clínica com casais tem demonstrado que a infidelidade é um assunto que assombra a maioria dos relacionamentos e causa um efeito devastador tanto para aquele que foi traído como para pessoa que cometeu a infidelidade. Além da minha vivência clínica, como estou vinculada ao grupo de pesquisa que tem nos últimos anos se dedicado a pesquisar temáticas da conjugalidade e inserida em projetos que visam identificar estratégias para melhorar a saúde conjugal, percebi que um grande tema de conflito gerador de sofrimento nos casais é a infidelidade. Essa temática também causa dificuldade no manejo clínico e muitos terapeutas se sentem despreparados para lidar com o tema, ainda que seja um grande motivador para a busca de terapia de casal. Como percebo o diálogo entre pesquisa e prática fundamental, este trabalho reuniu esforços para avançarmos sobre os conhecimentos na área da infidelidade com uma amostra de adultos além de terapeutas de casais a partir de algumas inquietações que tenho a respeito da temática.

Na literatura encontramos um vocabulário vasto para nos referirmos a quebra do contrato de exclusividade emocional e/ou sexual em um relacionamento amoroso. Palavras tais como traição, infidelidade, relacionamento extraconjugal, extradiádico, caso, adultério, sexo casual, são utilizadas nos estudos e no senso comum, sendo que algumas remetem a ideias pejorativas sobre a temática. Neste trabalho, optamos pelo conceito de infidelidade, considerando que a fidelidade ainda é um valor fundamental para a maioria dos casais. Homens e mulheres buscam e valorizam a fidelidade na sua relação conjugal e é a quebra deste contrato que causa grande sofrimento nos seus membros.

Além disso, ressalta-se que este trabalho se apoia na perspectiva ecológica-sistêmica, na qual o ambiente ecológico se estende muito além da situação imediata e afeta diretamente a pessoa em desenvolvimento e os objetos/pessoas com os quais ela interage (Bronfenbrenner, 1994). Desta forma, entende-se que diversos contextos estão envolvidos na infidelidade,

influenciando o fenômeno e para compreendê-lo na sua integralidade se faz necessário entender a interdependência entre os diversos sistemas. Assim, partimos de fatores pessoais, relacionais e ambientais (Huston, 2000) a fim de capturar a natureza multideterminada e desenvolvimental da infidelidade, compreendendo o tema a partir de quatro domínios que podem operar separadamente ou em interação: as características pessoais da pessoa que comete infidelidade, as características do companheiro(a), o casamento e o contexto.

A primeira etapa deste trabalho foi realizar uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional dos últimos cinco anos para analisar de que maneira a infidelidade vinha sendo pesquisada e de que forma nossa pesquisa poderia contribuir para os avanços dos conhecimentos na área. Essa etapa deu origem ao artigo **“O que sabemos sobre infidelidade? Um estudo de revisão sistemática da literatura nacional e internacional”** que descreve os principais pontos fortes e deficiências das pesquisas, fazendo um aparato do cenário atual sobre a temática.

Dadas as dificuldades encontradas nas pesquisas evidenciadas na revisão da literatura, tais como a não explicitação da definição da infidelidade, grande diversidade de instrumentos e baixo rigor metodológico na medida do constructo, essa pesquisa objetivou contribuir com a construção de um questionário para investigar comportamentos de infidelidade (emocional, sexual, virtual emocional e virtual sexual) e identificar associações e preditores vinculados à temática quanto aos quatro domínios: características pessoais, características do companheiro(a), casamento e contexto.

Partindo destes resultados, o segundo estudo teve como objetivo investigar quais comportamentos as pessoas consideravam infidelidade para construir um questionário de comportamentos de infidelidade que fizesse sentido no contexto brasileiro. Esta etapa da pesquisa contou com a colaboração do Dr. Cody Hollist e Dr. Paul Springer da University of Nebraska-Lincoln dos Estados Unidos, local onde realizei meu doutorado sanduíche por três meses no ano de 2015. Com a supervisão dos professores americanos e da minha orientadora, construímos os passos para a realização do questionário dos comportamentos de infidelidade: levantamento de itens, validação de juízes, validação de conteúdo e aparente e coleta de dados quantitativa. Dada a importância da temática para a clínica de casais, esta etapa da pesquisa também abrangeu psicólogos clínicos que estão em contato com o tema para aproximar teoria e prática. Desta forma, foi realizado um grupo focal com psicólogos que atendem casais para validarem os comportamentos de infidelidade que percebem na sua prática clínica. Todos os passos e resultados estão descritos no segundo artigo intitulado **“Comportamentos de Infidelidade Conjugal: A construção de um instrumento”**.

A fim de compreender mais profundamente a respeito do comportamento infiel, o terceiro estudo, nomeado “**Ser infiel na conjugalidade: a experiência de homens e mulheres**” procurou descrever como homens e mulheres coabitando ou casados vivenciam a infidelidade, com relação a frequência, tipos de comportamentos e motivos da busca. A partir de uma coleta de dados online, homens e mulheres de diversas partes do Brasil participaram da pesquisa. Apesar dos estudos na área revelarem grandes diferenças entre comportamentos e motivações da infidelidade entre homens e mulheres, este estudo apontou para a proximidade dos comportamentos de infidelidade em ambos os sexos. Homens e mulheres não difeririam quanto aos tipos de comportamentos que perpetuam e ao observar os motivadores para a infidelidade os resultados também se assemelharam: o principal motivador para a traição em ambos os sexos foi a insatisfação com o companheiro(a) ou com a relação. Esses achados evidenciam que, de maneira geral, homens e mulheres vivenciam a infidelidade de maneira semelhante, mantendo suas idiosincrasias, além de apontar para a importância do relacionamento conjugal na compreensão do tema.

Partindo de uma melhor compreensão da vivência da infidelidade em homens e mulheres, nós buscamos entender mais profundamente as diferenças entre pessoas que traem seus companheiros(as) daquelas que mantêm-se fiéis na relação a partir dos quatro domínios que descrevem o fenômeno. Realizou-se uma coleta online com homens e mulheres, e as análises apontaram para diferenças entre os grupos nos domínios características pessoais e contexto, e principalmente no domínio casamento. Todas as variáveis analisadas nesse domínio apresentaram diferenças para aqueles que cometeram infidelidade quando comparado com os fiéis, evidenciando que a qualidade e a satisfação no relacionamento tem um papel importante na tomada de decisão para a traição. Como vimos no terceiro estudo, homens e mulheres traem quando estão insatisfeitos com o parceiro e o relacionamento e esses dados corroboram esses resultados. Assim, a pesquisa evidenciou a importância de considerar a dinâmica do relacionamento para a compreensão da infidelidade, principalmente para clínicos que trabalham com casais. Os resultados deste estudo estão descritos no artigo “**(In) fidelidade em homens e mulheres de uma amostra brasileira**”.

Por fim, mesmo tendo encontrado diversas diferenças entre aqueles que cometeram infidelidade e aqueles que não foram infiéis, nos perguntamos quais seriam os preditores da infidelidade conjugal? Partindo desta indagação, o quinto artigo “**A ocasião faz o ladrão? Fatores preditores da infidelidade conjugal**” investigou os preditores da infidelidade nos quatro domínios importantes a partir de uma coleta de dados online com homens e mulheres casados ou coabitando. Os resultados apontaram para preditores nos quatro domínios, contudo

o maior poder explicativo foi para o domínio casamento, reforçando a ideia de um fenômeno relacional. Em ambos os sexos, houve uma importância de um modelo parental de infidelidade, aliado a intenção de divórcio. O contexto também desempenhou um papel importante, para as mulheres, estar em um ambiente laboral que propicie a infidelidade e para os homens estar distante da companheira foram igualmente preditores da infidelidade. Os resultados apontaram para variáveis contextuais e do relacionamento como preditoras de risco de infidelidade em casais, alertando terapeutas para áreas importantes de investigação e de trabalho terapêutico. Espera-se, através deste trabalho, contribuir para a produção de conhecimentos acerca da infidelidade, proporcionando reflexões importantes e aportando conhecimento técnico-teórico para terapeutas da área de casal.

## CAPÍTULO II

### **O que sabemos sobre infidelidade ? Um estudo de revisão sistemática da literatura nacional e internacional**

Patrícia Scheeren

Adriana Wagner

**Resumo :** A infidelidade tem sido relacionada aos conflitos e separações conjugais, sendo considerada uma temática devastadora para a conjugalidade. Dada a alta incidência e despreparo dos terapeutas para lidar com a infidelidade na clínica, essa pesquisa busca revelar como esse fenômeno tem sido estudado nos últimos cinco anos no contexto nacional e internacional. Analisou-se 39 artigos a partir de: conceito, tipos de infidelidade, teorias, metodologia e variáveis associadas. A análise revelou que grande parte dos artigos não explicita a definição de infidelidade sendo que os instrumentos de medida são diversificados e muitas vezes abarcam somente a infidelidade sexual. Constatou-se que se trata de um fenômeno complexo que abrange fatores pessoais, relacionais e contextuais. Apresenta-se uma discussão crítica sobre as publicações analisadas.

**Palavras-chave :** infidelidade, conjugalidade, revisão sistemática

### **What we know about infidelity? A systematic review of Brazilian and international literature**

**Abstract :** Infidelity has been related to marital conflict and divorce, and is considered a devastating issue for couples. Given the high incidence and unpreparedness of therapists to deal with infidelity, this research aim to reveal how this phenomenon has been studied in the past five years in the national and international context. A group of 38 articles were analysed regarding concept, types of infidelity, theories, methodology and associated variables. The analysis revealed that most articles did not specify the definition of infidelity and the instruments are diversified and often cover only sexual infidelity. It was found that this is a complex phenomenon related to personal, relational and contextual factors. This article presents a critical discussion of the publications analyzed.

**Keywords :** infidelity, couple, systematic review

A infidelidade tem sido relatada como uma das maiores causas de divórcio, tanto no cenário nacional (Zordan & Strey, 2011) como internacional (Whisman, Gordon, & Chatav, 2007). Além de ser um assunto controverso que implica em crenças e mitos a respeito dos relacionamentos amorosos, esse fenômeno está no cerne de muitos conflitos conjugais e de problemas familiares, sendo, muitas vezes, a experiência mais temida e devastadora de um casamento (Pittman, 1994). Essa dificuldade também reverbera no encaminhamento da situação, sendo esta avaliada por terapeutas como um dos problemas mais difíceis de tratar em terapia de casal (Blow & Hartnett, 2005b).

Os registros da literatura sobre o tema revelam a labilidade do conceito e a dificuldade na sua definição (Blow & Hartnett, 2005a ; Thompson, 1984) devido a sua natureza multidimensional (Mattingly, Wilson, Clark, Bequette, & Weidler, 2010). Essa dificuldade em definir o conceito se expressa na diversidade de termos utilizados na literatura nacional e internacional para referir-se ao envolvimento extraconjugal, tais como: infidelidade, infiel, sexo extraconjugal, traição, sexo casual, caso, adultério, entre outros. O grande número de termos e a dificuldade de caracterizar os atos relacionados à infidelidade são reflexo da falta de sistematização da terminologia relativa ao campo das relações extraconjugais.

Com relação ao conceito da infidelidade, em estudos americanos (Blow & Hartnett, 2005b ; Drigotas & Barta, 2001) encontra-se a definição associada a quebra de confiança da exclusividade emocional e sexual no relacionamento. Nessa perspectiva, a infidelidade pode ser desmembrada em diferentes tipos: emocional e sexual. A primeira abarca uma conexão emocional com um indivíduo fora do relacionamento, o qual passa a ser a fonte de amor romântico, o objeto de atenção e dedicação (Fish, Pavkov, Wetchler, & Bercik, 2012), existindo na literatura uma inconsistência na definição de quais comportamentos não sexuais são indicativos de infidelidade (Wilson, Mattingly, Clark, Weidler, & Bequette, 2011). Contudo, os comportamentos de envolvimento sexual estão claramente descritos na literatura. Qualquer relação com pessoa fora do relacionamento no qual haja contato sexual é considerado um ato de infidelidade sexual (Carpenter, 2012). Além disso, Thompson (1984), que foi referência nos estudos sobre o assunto nos anos oitenta, propõe uma terceira categoria: a combinação entre o envolvimento sexual e o emocional.

Apesar da conotação negativa relacionada à infidelidade, se conhece números crescentes de envolvimento extraconjugal. Estudo realizado por Goldenberg (2011) com 1279 homens e mulheres das camadas médias urbanas do Rio de Janeiro mostrou que 60% dos homens e 47% das mulheres já foram infiéis. Quando questionados se já foram traídos, 41% das mulheres e 32% dos homens responderam que sim. Segundo levantamento feito com

1320 mulheres de todo o Brasil, 40,5% das mulheres com mais de 40 anos já traíram seus parceiros, denotando um aumento dos índices nacionais femininos de infidelidade que em 2007 eram de 24% (Lima, 2013).

Contudo, é difícil ter uma precisão nos índices de infidelidade, pois os estudos na área não se mostraram robustos e cientificamente rigorosos devido a problemas metodológicos graves, o que se expressa em resultados contraditórios e foco de investigação pouco definido (Blow & Hartnett, 2005a). Por exemplo, a maioria dos estudos na área tem abordado os aspectos sexuais, prestando menos atenção ao envolvimento emocional. Autores sugerem que os índices de infidelidade seriam mais acurados e expressivos se todas as pesquisas avaliassem o envolvimento sexual e emocional (Mattingly et al., 2010). Além disso, outro limite das pesquisas diz respeito ao desenho dos estudos. A maioria das publicações possui delineamento transversal, o que não impede que uma pessoa jovem que não se envolveu com outra fora do relacionamento não possa vir a ter este comportamento no futuro (Thompson, 1984). E os estudos não priorizam a diversidade das configurações familiares, incluindo, muitas vezes, amostras compostas somente de pessoas casadas, heterossexuais e a infidelidade sexual como único critério de inclusão.

Esta dificuldade metodológica também é percebida na mensuração do fenômeno, onde estudos com métodos diferentes de avaliação acabam por demonstrar resultados muitas vezes contraditórios quanto à incidência dos tipos de infidelidade (Carpenter, 2012). Apesar do estudo da infidelidade datar do início da década de 70, ainda hoje são insuficientes as definições deste fenômeno, resultando em instrumentos de avaliação reduzidos, muitas vezes, a uma única questão : « ocorreu infidelidade ? sim x não » ; ou à simplificada classificação entre emocional/sexual (Viegas & Moreira, 2013). Encontra-se também aqueles que avaliam a infidelidade através de situações hipotéticas, onde se estima a probabilidade destes envolvimento acontecerem (Carpenter, 2012). Porém, escalas psicométricas também foram desenvolvidas com o objetivo de investigar os tipos de infidelidade (Bogda & Sendil, 2012 ; Drigotas, Safstrom, & Gentilia, 1999 ; Palencia, Rivera-Aragón, & Díaz-Loving, 2007), atitudes frente a infidelidade (Buunk, 1998 ; Weiss, 1998), motivações para ser infiel (Palencia et al., 2007) e comportamentos indicativos de infidelidade (Wilson et al., 2011).

Outro aspecto que dificulta a definição, a epidemiologia e a avaliação da infidelidade está relacionado à natureza do ato. Os participantes podem omitir os atos infieis por não se tratar de um comportamento socialmente aceito (Walters & Burger, 2012), ser um assunto íntimo e, também, por medo da quebra da confidencialidade (Blow & Hartnett, 2005a ; Mark, Janssen, & Milhausen, 2011). Visando diminuir esse viés, pesquisas sugerem que

questionários online possam reduzir o efeito da deseabilidade social, especialmente para questões relacionadas à sexualidade. Questionários de auto-relato também oferecem melhor qualidade de dados (Canto-Ortiz, García-Leiva, & Jacinto, 2009) que entrevistas cara a cara devido ao caráter do conteúdo.

Em pesquisa, se utiliza múltiplos enquadres para explicar um fenômeno ao longo do tempo. Nessa perspectiva, Drigotas e Barta (2001) fizeram uma revisão das teorias explicativas do comportamento infiel e as categorizaram em quatro eixos: abordagem descritiva, documenta as associações entre infidelidade e dados sociodemográficos; abordagem normativa, atribuem a infidelidade às normas da sociedade, como conhecer ou estar próximo de pessoas que traem seus companheiros (Buunk & Bakker, 1995); *Investment Model*, que avaliam o nível de compromisso<sup>1</sup> relacionado à infidelidade (Drigotas et al., 1999 ; Rusbult, 1980); e abordagem evolucionista, que enfatiza aspectos reprodutivos e da evolução da espécie para explicar o comportamento infiel (Buss, 1998).

Entre as teorias explicativas, encontra-se aquelas que enfocam fatores individuais, outras que dão conta dos fatores relacionais e algumas que se detém nos fatores contextuais. Nesse sentido, a infidelidade deve ser compreendida como um processo abarcando três partes que podem operar separadamente ou em interação: a pessoa envolvida em uma situação de infidelidade, o casamento e o contexto (Whisman et al., 2007).

As pesquisas sobre o sujeito envolvido em infidelidade costumam associar aos dados socioeconomicos, fatores pessoais (ex. personalidade, estilo de apego) e diferenças de gênero. Com relação ao casamento, a satisfação conjugal é a variável mais relatada na literatura, sendo que a maioria dos estudos apontam para uma correlação negativa entre satisfação conjugal e infidelidade (Mark et al., 2011 ; Whisman et al., 2007), podendo inclusive a insatisfação conjugal ser preditora da infidelidade (Mattingly et al., 2010). Quanto aos fatores contextuais implicados na infidelidade aparece : a variedade de oportunidade de trair, aceitação social, contexto geográfico e número de filhos.

A importância da temática para a clínica de casais é indiscutível diante dos altos índices de infidelidade de homens e mulheres, por estar no cerne dos conflitos e separações conjugais. Contudo, percebe-se um paradoxo relacionado a temática, pois ao mesmo tempo em que se trata de um tema de extrema relevância, ainda hoje há uma inconsistência na sua definição, resultados de pesquisas contraditórios e dificuldade de mensurar o fenômeno. Desta forma, esta pesquisa visa avançar no estudo sobre a infidelidade, buscando conhecer a forma

---

<sup>1</sup> Tradução livre para o termo *commitment*

como tem se estudado o fenômeno nos últimos cinco anos no contexto nacional e internacional, segundo seu conceito, método das pesquisas, instrumentos de avaliação e variáveis associadas.

## **Método**

Trata-se de uma revisão sistemática de estudos empíricos sobre infidelidade conjugal publicados nos últimos cinco anos em periódicos indexados em bases nacionais e internacionais da área de Psicologia.

### *Procedimento*

Para responder a pergunta de pesquisa “Como está descrito na literatura acadêmica atual o fenômeno da infidelidade?” foi conduzida uma revisão sistemática nas bases bibliográficas *PsycInfo*, *Academic Search Premier* (EBSCO) e BVS-Psi delimitando o período entre janeiro de 2009 a março de 2014. As bases de dados acima citadas foram escolhidas por integrarem a produção em Psicologia indexada no Brasil e no exterior.

A escolha dos termos de pesquisa se deu através da utilização de ferramentas como *Thesaurus* e da procura por palavras-chaves nas publicações sobre a temática. A busca nas bases internacionais foi realizada utilizando a *string* « *infidelity* OR *extradyadic* OR *extramarital* » utilizando o filtro « 2009 a 2014 ». Na base BVS-Psi utilizou-se a *string* « infidelidade OR extraconjugal ». Especificamente na base EBSCO também usou-se como limitador « revista acadêmica ». A seleção inicial resultou em 1271 artigos. Os resumos foram analisados conforme os seguintes critérios de inclusão : a) estudo empírico publicado em revista acadêmica; b) infidelidade como tema central do artigo ; c) ser da área da Psicologia ; d) participantes de orientação heterossexual ; e) participantes do sexo feminino e/ou masculino adultos com média de idade superior a 21 anos; f) artigos publicados em língua inglesa, espanhola, portuguesa ou francesa. Mil cento e onze artigos não atenderam aos critérios de inclusão.

Os 160 artigos restantes foram analisados de acordo com os seguintes critérios de exclusão : a) artigos que analisaram apenas a infidelidade ocorrida pela internet (N = 12) ; b) temática sobre terapia para casais infieis (N = 34). Quarenta e seis trabalhos foram excluídos por se enquadrarem nesses critérios. Dados os critérios de inclusão e exclusão, 121 artigos foram identificados como relevantes. Destes, 39 estavam duplicados nas três bases analisadas

e 4 não haviam texto completo disponível. Por fim, 70 artigos atenderam aos critérios da pesquisa. Porém, ao ler o texto completo das 70 publicações, foram excluídos 3 artigos por serem artigos teóricos (N=3) e analisarem população com média de idade inferior a 21 anos (N=29). Sendo assim, este artigo é baseado na análise de 39 manuscritos. As publicações incluídas nessa revisão estão marcadas com um asterisco nas referências do presente trabalho.

Todos os artigos selecionados foram lidos na íntegra e, a partir dessa leitura detalhada, foi preenchido um formulário para análise das informações, incluindo os seguintes tópicos : nome do estudo, autores, ano de publicação, revista de publicação, local onde se realizou o estudo, conceito de infidelidade, tipos de infidelidade (emocional, sexual), teoria de base, objetivo do estudo, delineamento do estudo, descrição dos participantes da pesquisa, principais resultados e variáveis associadas à infidelidade.

### *Análise dos dados*

A análise dos dados foi norteada por dois eixos : análise do planejamento e estrutura das pesquisas e a análise dos conteúdos apresentados. Essa análise se deu de maneira qualitativa, a partir do agrupamento de temáticas afins, conforme os resultados descritos.

## **Resultados e Discussão**

### *Análise do planejamento e estrutura das pesquisas*

Infidelidade é um tema que aciona fantasias a respeito dos relacionamentos amorosos e tratando-se de um assunto de interesse da maior parte da população, sendo uma temática comumente exploradas em filmes, novelas e conversas informais, analisou-se os dados encontrados nos artigos buscando responder as seguintes perguntas : Quem tem se interessado em estudar a infidelidade ? Quem é investigado quando o assunto é infidelidade? Como a infidelidade é compreendida e definida nesses estudos ? À luz de quais perspectivas teóricas a infidelidade tem sido estudada ? Como a infidelidade tem sido abordada? Como a infidelidade tem sido mensurada?

## **Quem tem se interessado em estudar a infidelidade ?**

A infidelidade é um assunto que interessa pesquisadores de todos os continentes, pois a análise dos manuscritos apontou para publicações com amostras na América do Norte, Central e Latina, Europa, Ásia, África e Oceania. Nota-se que a maioria dos artigos são internacionais (n = 37), em sua grande parte publicados nos EUA (n = 19).

Esses estudos foram publicados em diversas revistas, totalizando 29 periódicos. Os trabalhos foram, na sua maioria, publicados em língua inglesa (n = 32), alguns em língua espanhola (n = 4) e portuguesa (n = 3). Essas publicações foram escritas por 112 autores e coautores. Dentre esta diversidade de pesquisadores, encontramos somente quatro com mais de uma publicação sobre o tema, denotando a ausência, na atualidade, de um *expert* na área que tenha se dedicado ao estudo desse fenômeno e seja referência no assunto.

## **Quem é investigado quando o assunto é infidelidade?**

Será que somente pessoas em um relacionamento estável tem participado das pesquisas ou outras situações conjugais também tem sido foco de investigação? Dos 39 manuscritos analisados, 13 foram com amostras de diferentes situações amorosas: solteiros, casados, separados, em coabitação; enquanto 16 pesquisas avaliaram somente pessoas que estavam em um relacionamento estável (namorando, coabitando ou casado) no momento da coleta dos dados. Um artigo avaliou pessoas que estavam solteiras e nove artigos não descreveram no método a situação amorosa dos participantes. Com exceção de seis artigos que tiveram participantes estudantes, os demais foram realizados com pessoas da população geral.

Com relação ao sexo destes participantes, a grande maioria eram de amostras mistas, homens e mulheres. Contudo, três artigos investigaram somente mulheres, analisando o significado da traição (Sousa, Santos, & Almeida, 2009), a motivação para trair (Jeanfreau, Jurich, & Mong, 2014) e a relação com a pornografia (Wright, 2013). Outros quatro artigos investigaram somente a população masculina, analisando a relação da infidelidade com a violência conjugal (Kaighobadi et al., 2009), atitudes morais e infidelidade (Schafer, 2014), a prevalência de infidelidade entre caminhoneiros chineses (Fung, Wong, & Tam, 2009). Finalmente, uma das pesquisas realizada na China avaliou somente o público masculino devido aos índices de infidelidade serem baixos para mulheres na *survey* aplicada (Tian, Merli, & Qian, 2014).

Algumas pesquisas explicitaram seus critérios de inclusão: pessoas que já haviam sido infiéis; que estavam em relacionamento estável há no mínimo 6 meses, 1 ano ou 2 anos; e alguns critérios mais específicos, como ser recém-casado ou não ter filhos. Como critério de exclusão, uma única pesquisa citou o fato de nunca ter tido um relacionamento amoroso.

### **Como a infidelidade é compreendida e definida nesses estudos ?**

A infidelidade tem sido um tema de interesse de diversos pesquisadores, contudo a falta de clareza no conceito utilizado reverbera em resultados contraditórios, dificultando a compreensão do fenômeno. Apenas 18 artigos dos 39 analisados apresentaram o conceito de infidelidade adotado na pesquisa. Dentre eles, classificou-se em três tipos : 1) se referem a uma violação ou rompimento de um acordo sem fazer menção ao tipo sexual ou emocional ; 2) se referem a um rompimento de acordo dos limites sexuais e emocionais do relacionamento ; 3) faz menção a intimidade física e sexual com alguém fora do relacionamento primário monogâmico, sem mencionar o rompimento de um acordo.

Além desses conceitos, é possível encontrar a menção de infidelidade sexual, emocional e a combinação sexual e emocional. Apesar da literatura atentar para a importância de considerar os comportamentos sexuais e emocionais na avaliação da infidelidade, pouco mais de um terço dos artigos analisados consideraram esses dois tipos de infidelidade, sendo apenas um a abordar a combinação da infidelidade sexual e emocional proposta por Thompson (1984). Dezoito trabalhos avaliaram somente a infidelidade sexual, sendo que apenas um dos artigos fez uma crítica a isso nas suas considerações finais (Shaw, Rhoades, Allen, Stanley, & Markman, 2013). Além disso, percebe-se que metade dos artigos que avaliam somente a infidelidade sexual provém de dados de *surveys* de amostras nacionais que já haviam sido previamente coletadas à pesquisa. Desta maneira, o principal objetivo destes artigos não era investigar a infidelidade, mas aproveitaram dados de pesquisas mais amplas para analisar aspectos relativos ao fenômeno. Assim, é possível que muitos destes resultados tenham sido enviesados pelos procedimentos de coleta de dados da pesquisa.

O mais curioso é que sete estudos avaliaram a infidelidade sem fazer distinção entre emocional e sexual. Esses trabalhos não conceituaram o fenômeno na introdução, não sendo possível ao leitor entender o que os autores consideraram por infidelidade e nem os tipos avaliados. Contudo, três desses artigos citaram como um limite da pesquisa não terem feito a distinção entre infidelidade sexual e emocional ao avaliar o fenômeno.

Entretanto, os dados também revelaram que nem sempre deixar clara a definição do conceito é garantia de qualidade e coerência na publicação. Dos 18 artigos que apresentaram o conceito de infidelidade na parte teórica, em apenas 11 trabalhos encontrou-se uma coerência entre o conceito e os tipos de infidelidade analisados.

### **À luz de quais perspectivas teóricas a infidelidade tem sido estudada ?**

Diversas teorias tem sido utilizadas para explicar o comportamento infiel. A análise revelou que grande parte dos artigos não explicitam o referencial de base que utilizam para a compreensão da infidelidade. Contudo, dentre os estudos que deixaram claro a teoria utilizada, a teoria evolucionista foi a mais citada para compreender o fenômeno (n = 8), seguida da teoria do *investment model* (n = 2). Dentre as demais teorias, encontra-se, *The Dual Control Model*, Teoria do Esquema Moral, *Cognitive Appraisal Theory* e *Dark Triad*.

A teoria evolucionista (Buss, 1998) enfatiza aspectos reprodutivos e da evolução da espécie para explicar o comportamento infiel, revelando diferenças biológicas entre homens e mulheres para justificar o comportamento infiel dos homens através da perpetuação da espécie enquanto que as mulheres traem em busca de conforto emocional e segurança. Desta forma, homens ficariam mais atentos a situações de infidelidade sexual e trairiam mais sexualmente que as mulheres, enquanto estas ficariam mais desconfortáveis com a infidelidade emocional de seus companheiros. Contudo, Zhang (2010) aponta para uma teoria evolucionista moderna que enfatiza que homens e mulheres tem se adaptado e podem se engajar em relacionamentos extraconjugais de maneira semelhante tanto a curto quanto a longo prazo pelas adaptações às mudanças do ambiente social.

A teoria do *investment model* (Rusbult, 1980) preconiza que a força primária nos relacionamentos é o compromisso, definido como um apego psicológico e motivacional para seguir no relacionamento. Três forças influenciam o nível de compromisso no relacionamento: satisfação, sendo definida pelo quão feliz o sujeito é no seu relacionamento, aparecendo positivamente correlacionado com compromisso; qualidade das alternativas, conceituado como o potencial de satisfação provindo de relacionamentos fora da relação oficial, aparecendo negativamente correlacionado com compromisso, e por fim, investimentos, relacionado a fatores intrínsecos e extrínsecos que a pessoa perderia ou ganharia com o relacionamento, aparecendo positivamente correlacionado com o compromisso. Pessoas altamente comprometidas no relacionamento são menos suscetíveis a serem infiéis, pois são motivadas a diminuir o potencial das alternativas a fim de proteger o

relacionamento e quando tentadas a serem infiéis, consideram as consequências a longo prazo, podendo desistir da infidelidade.

*The Dual Control Model* (Janssen & Bancroft, 2007) propõe que o desejo sexual depende de uma balança entre excitação e inibição, sendo que o número de parceiros sexuais, a compulsão sexual, a responsividade para situações sexuais estariam implicados nesta balança e relacionados à infidelidade (Mark et al., 2011). A teoria de esquemas morais (Firat & McPherson, 2010) está relacionada a esquemas cognitivos construídos através da internalização de normas e valores sociais e lapidados pelo uso de informação cultural nas interações cotidianas. Associou-se esses esquemas à avaliação moral da infidelidade (Schafer, 2014). A *Cognitive Appraisal Theory* (Peacock & Wong, 1990) é baseada na teoria do *coping*. Esta teoria preconiza que duas dimensões podem ser vivenciadas diante de eventos estressantes: centralidade, onde a pessoa percebe a importância de um evento para seu bem-estar; ameaça, na qual avalia o potencial de prejuízos e perdas resultados da ocorrência do evento. Como as reações à infidelidade dependem de processos cognitivos, a avaliação desse fenômeno como ameaça ou centralidade pode estar associada às emoções vivenciadas diante da infidelidade (Wang, King, & Debernardi, 2012). Por fim, a *Dark Triad* (Paulhus & Williams, 2002) está relacionada a três traços de personalidade (psicopatia, maquiavelismo e narcisismo) relacionados ao comportamento malevolente, tendo esses três traços sido associados ao comportamento infiel (Jones & Weiser, 2014).

### **Como a infidelidade tem sido abordada?**

Apesar da infidelidade ser compreendida como um fenômeno relacional que abrange mais de uma pessoa envolvida, além da relação e do contexto, somente seis artigos abarcaram tanto a perspectiva do traidor quanto do traído através de amostras independentes. A maioria dos trabalhos tratou da avaliação somente da pessoa infiel ( $n = 31$ ), enquanto dois trabalhos abordaram a perspectiva da pessoa traída. Um dos artigos que abordam a pessoa traída tratou da relação entre apego e reações comportamentais e emocionais diante da revelação da traição (Wang et al., 2012), enquanto o segundo abordou a interação entre estabilidade emocional do homem e percepção da infidelidade da parceira como preditores da violência conjugal (Kaighobadi et al., 2009).

O delineamento destes artigos variou de quantitativo ( $n = 34$ ), qualitativo ( $n = 3$ ) e misto ( $n = 2$ ). Dentre as metodologias utilizadas pelos artigos qualitativos, encontra-se um

estudo etnográfico com observações durante 4 meses, totalizando 24 observações; e os demais com entrevista semi-estruturada.

A grande maioria das pesquisas foram transversais ( $n = 35$ ), e apenas quatro estudos longitudinais. Dentre estes quatro estudos, um deles realizou análises transversais e longitudinais de uma amostra de estudantes canadenses testados em um *follow-up* de 10 semanas (Beaulieu-Pelletier, Philippe, Lecours, & Couture, 2011). Os outros três artigos foram realizados com populações norte-americanas. Um deles através de uma survey nacional com *follow-up* de 20 anos (DeMaris, 2013); outro realizado com recém-casados, seis *follow-ups* de 6 a 8 meses (Russell, Baker, & McNulty, 2013); e por fim um estudo com amostra nacional com um *follow-up* de 20 meses (Shaw et al., 2013).

Sobre a coleta dos dados, 12 trabalhos foram realizados através de *surveys* nacionais, com dados coletados no período de 1983 a 2008. Contaram com número elevado de participantes que variou de  $n = 993$  (Shaw et al., 2013) a  $n = 16.090$  (Allen & Atkins, 2012). Essas *surveys* não eram específicas para a temática da infidelidade, mas avaliavam de alguma forma o fenômeno. Com relação aos artigos quantitativos nos quais a coleta de dados não se deu através de *surveys*, oito tiveram coleta de dados pela internet, sendo os demais através de medidas de autorrelato preenchidas em papel mediante coleta presencial.

Além disso, muitos dos artigos discutiram nas considerações finais as limitações referentes às características das amostras que inviabilizavam a generalização dos dados por investigarem populações peculiares, com características sociodemográficas e idades específicas. Os estudos com delineamento transversal também consideraram isso nos limites, apontando que as associações na seção de resultados não poderiam ser entendidas como causa-efeito por tratar-se da avaliação de um momento específico. As respostas enviesadas por desejabilidade social também foram citadas, sendo muitas vezes questionável a honestidade com a qual os participantes responderam a pesquisa. Alguns artigos também referiram como limites, o baixo tamanho do efeito e variância explicada do modelo, uso de escalas com baixa fiabilidade e falta de análises estatísticas robustas.

### **Como a infidelidade tem sido mensurada ?**

Diante da complexidade do fenômeno, muitos são os instrumentos utilizados para avaliar e mensurar a infidelidade. Nos 39 artigos analisados encontrou-se: 1) entrevistas e questionários com perguntas abertas, 2) escalas de infidelidade, 3) cenários hipotéticos de situações de infidelidade, e 4) perguntas fechadas e específicas sobre o tema. Ainda foram

encontrados dois artigos realizados com amostras chinesas que não mencionaram de que maneira a infidelidade foi avaliada (Fung et al., 2009 ; Zhang, Parish, Huang, & Pan, 2012).

Sobre as entrevistas e questionários com perguntas abertas, quatro artigos qualitativos e um artigo misto utilizaram entrevistas semiestruturadas para coletar os dados da pesquisa. Contudo, o roteiro da entrevista não estava claro no método e também não foi possível identificar os tipos de infidelidade analisados por não mencionarem comportamentos sexuais e/ou emocionais. Além disso, um estudo utilizou um questionário com perguntas abertas (Omarzu, Miller, Schultz, & Timmerman, 2012) sobre infidelidade, perguntando a respeito do tempo de relacionamento, quem iniciou a traição, como planejavam os encontros, onde se encontravam, razões para ser infiel, descrição de emoções positivas e negativas durante os encontros.

No que tange as escalas de infidelidade, encontraram-se dez escalas que foram utilizadas nos artigos analisados, com diferentes objetivos. Dentre elas, escalas que mensuram a infidelidade emocional, sexual e a combinação sexual-emocional ( *The Infidelity Scale* de Drigotas et al., 1999 ; *Perceptions of Dating Infidelity Scale* (PDIS) de Wilson et al., 2011), permissividade sexual (*Reiss Extramarital Sexual Permissiveness Scale* de Reiss, 1998), atitudes de exclusividade conjugal (*Attitudes Toward Marital Exclusivity Scale* de Weiss, 1998), probabilidade de se engajar em atividade extraconjugal frente a uma oportunidade (*Extramarital Behavioral Intentions Scale* [EBIS] de Buunk, 1998; *Infidelity Tendency Questionnaire* de Bogda & Sendil, 2012), experiência de infidelidade (*Extradyadic Behavior Experience Inventory* (EBEI) de Bogda & Sendil, 2012), consequências da infidelidade (*Distress at Sexual or Emotional Infidelity* de Buss, 1998 ; Inventário Multidimensional de Infidelidade Palencia et al., 2007) e, por fim, motivação para o comportamento infiel (*Escala de Factores Psicológicos Asociados a la Infidelidad Sexual o Emocional – EFPAISE –* de Galarza, Martínez-Taboas, & Ortiz, 2009).

No que concerne aos cenários hipotéticos de infidelidade, cinco artigos analisados mensuraram a infidelidade através deste método. Os cenários visavam avaliar se a cena reportada na pesquisa constituía ou não um ato de infidelidade (Viegas & Moreira, 2013), a moralidade (Schafer, 2014) e as reações frente a infidelidade. Este último também aplicou uma escala de afetos vinculada ao cenário para medir as reações frente a infidelidade (Canto-Ortiz, García-Leiva, & Jacinto, 2009 ; Canto-Ortiz, García-Leiva, Perles, San Martín, & Ruiz, 2009; Wang et al., 2012)

Por fim, algumas pesquisas avaliaram e averiguaram a presença de infidelidade através de perguntas fechadas, algumas vezes dicotômicas (sim/não) e outras em escala *likert*,

variando de 4 a 9 pontos de diferentes magnitudes (nunca a muito frequente ; definitivamente não a definitivamente sim). Na sua maioria avaliaram a infidelidade sexual, com exceção de dois estudos que avaliaram a sexual e emocional. O julgamento moral também foi mensurado através de uma pergunta fechada « o quanto você acha errado uma pessoa casada se envolver em sexo extraconjugal ? » medida em escala *likert* de 4 pontos (1 = muito errado a 4 = nada errado). Cabe destacar que algumas pesquisas utilizaram somente uma pergunta, enquanto outras usaram mais de uma pergunta para afinar os resultados.

Ademais das medidas acima citadas, encontrou-se dois artigos que utilizaram somente um item das escalas de infidelidade. Além das medidas de infidelidade, os estudos analisados também aplicaram outras escalas para complementar os dados, tais como medidas de apego, escalas sobre a sexualidade, permissividade sexual, busca de sensações, escala de ciúmes e satisfação sexual.

Levando em consideração a complexidade da temática e a deficiência de algumas dessas medidas, alguns artigos reportaram a insuficiência e questionavam a validade e fidedignidade dos dados coletados. Alguns apontaram como uma falha não terem perguntado aos participantes quais comportamentos eles estavam considerando como infiéis, deixando a definição de infidelidade « aberta » e a mercê da interpretação dos respondentes (Allen & Atkins, 2012 ; Mark et al., 2011 ; Russell et al., 2013 ; Shaw et al., 2013). Além disso, Mark et al. (2011) questionaram se o uso da palavra « cheated » para se referir a infidelidade não teria influenciado os resultados por ser um vocábulo de conotação negativa. Da mesma forma, Zhang (2010) afirma que muitas terminologias podem ser utilizadas para caracterizar a infidelidade e a escolha vai depender de como a relação extraconjugal é compreendida.

DeMaris (2013) reconheceu que utilizar somente uma pergunta fechada para mensurar a infidelidade é falho, pois esse método normalmente subestima a incidência da infidelidade. O mesmo autor, na publicação de 2009, apontou utilizar uma medida problemática, pois além de utilizar somente uma pergunta fechada para mensurar a infidelidade, a maneira como a questão foi construída subestimou sua incidência, pois considerou somente as traições não toleradas pelo outro membro do casal.

### *Conteúdos vinculados à infidelidade*

Considerando a infidelidade um tema complexo, procurou-se mapear os conteúdos que apareciam associado as pesquisas a respeito do fenômeno.

## **O quanto homens e mulheres traem ?**

A fim de investigar a incidência de infidelidade nos estudos analisados, desconsiderou-se os artigos que utilizaram cenários hipotéticos ou que avaliaram a probabilidade e a tendência dos participantes serem infiéis diante de uma oportunidade. Assim, 16 estudos revelaram o percentual de traição da amostra investigada. Essa porcentagem teve alta variabilidade com valores entre 13% (Beaulieu-Pelletier et al., 2011) e 89,4% (Zhang et al., 2012) entre os sujeitos pesquisados.

Apesar de diversos artigos fazerem a distinção entre infidelidade sexual e emocional, somente um dos trabalhos apresentou índices de incidência para cada um dos tipos de infidelidade (Canto-Ortiz, García-Leiva, & Jacinto, 2009). Com relação às taxas para homens e mulheres, mais uma vez poucos manuscritos apresentaram os valores relativos ao sexo do sujeito investigado. Dentre aqueles que o fizeram, em dois estudos homens e mulheres apresentaram os mesmos índices de infidelidade (Jones & Weiser, 2014 ; Shaw et al., 2013), em três trabalhos a incidência de infidelidade foi superior para os homens quando comparados com as mulheres (Allen & Atkins, 2012 ; Galarza et al., 2009 ; London, Allen, & Wilmoth, 2012) e somente um manuscrito apresentou dados nos quais as mulheres foram mais infiéis que os homens (Havlicek, Husarova, Rezacova, & Klapilova, 2011). No artigo de Canto-Ortiz, Gacía-Leiva e Jacinto. (2009), os homens tiveram maiores índices de infidelidade sexual enquanto as mulheres de infidelidade emocional.

Apesar de evidente a influencia dos procedimentos de coleta nos resultados encontrados nas amostras estudadas, poucos artigos citaram esse fato nas suas limitações. Dentre os manuscritos que utilizaram o cenário hipotético na coleta de dados, Viegas e Moreira (2013) relataram nos limites do seu estudo que não haviam investigado se as pessoas haviam sido infiéis, pois analisaram os julgamentos que faziam diante da infidelidade. O mesmo ocorreu com Wang et al. (2012) que afirmaram nas considerações finais que um cenário hipotético pode não despertar os mesmos comportamentos e emoções que uma infidelidade real. Nos artigos de Canto-Ortiz, García-Leiva e Jacinto (2009) assim como Canto-Ortiz, Gacía-Leiva, Perles et al. (2009), os autores sugerem a utilização de medidas de autorrelato no lugar de cenário hipotético para melhorar a avaliação.

## **Quais variáveis estão associadas à infidelidade ?**

Segundo os artigos analisados, a infidelidade encontra-se associada a três outros fatores: as características da pessoa infiel, ao casamento e ao contexto. É importante abarcar o máximo dessas características para dar conta de um fenômeno tão complexo e multideterminado. Alguns estudos buscaram dar conta da complexidade, abordando variáveis do nível pessoal, do casamento e do contexto (n = 6). Outros 13 estudos abordaram, no mínimo, duas esferas do fenômeno, predominando a combinação de fatores pessoais e do casamento (n = 10).

Dentre os fatores pessoais, destacam-se a medida de dados sociodemográficos (idade, escolaridade, profissão, orientação sexual, situação amorosa, raça), ser praticante de religião, estilos de apego (n = 7), permissividade sexual (n = 2) e traços de personalidade (n = 3).

No que concerne ao casamento, a qualidade/satisfação conjugal é o constructo mais associado à infidelidade (n = 11), seguido por satisfação sexual (n = 9), tempo de relacionamento (n = 4) e tolerância/ocorrência de divórcio (n = 6). Os altos índices de pesquisas associando a satisfação sexual à infidelidade está relacionado ao grande número de artigos que focam na infidelidade sexual.

Com relação ao contexto, a renda, o número de filhos, status laboral, residir em meio urbano ou rural, trabalhar no setor público ou privado, estar exposto a pornografia, ter valores patriarcais, trabalho com possibilidade de traição ao ter na empresa pessoas do sexo oposto e realizar viagens a trabalho, fazem parte das variáveis contextuais avaliadas nos artigos.

## **Considerações Finais**

Revisar a literatura especializada dos últimos cinco anos possibilitou avançar no conhecimento sobre a temática da infidelidade no sentido de melhor compreender o fenômeno. Mesmo sendo de grande incidência e com consequências dolorosas para a conjugalidade, a infidelidade ainda não é uma temática compreendida na sua totalidade pelos estudiosos da área. Os métodos e as teorias até o momento utilizados para investigar e iluminar o fenômeno, não dão conta de explicá-lo na sua abrangência e esbarram em problemas de validade e fidedignidade dos achados.

Ainda que seja um tema recorrente na clínica terapêutica e na vivência da conjugalidade, a infidelidade mostrou-se como um tema complexo e difícil de ser sistematizado através de pesquisas científicas. Tal fato pode ser comprovado na falta de um

pesquisador *expert* na área, visto que não encontrou-se um estudioso de referência na temática. Contudo, a infidelidade mostra-se como um assunto de interesse mundial, tendo nessas publicações amostras representantes de todos os continentes, o que corrobora a sua incidência e universalidade nas relações amorosas, independentemente do contexto.

Mas por que é difícil a pesquisa sobre essa temática? Diversos fatores podem ser levados em conta. A infidelidade ainda é um assunto tabu em algumas sociedades e muitas pessoas temem discuti-la, pois associa-se a esse comportamento uma enormidade de conotações morais e até mesmo religiosas. O mito do amor eterno, por fazerem parte do amor romântico, ainda perdura nas relações contemporâneas. Sendo assim, muitas pessoas não revelam suas traições e não conversam a respeito com outras pessoas, podendo temer que, ao participar de pesquisas, sua intimidade seja revelada. Falar sobre temas de fórum íntimo é difícil e essa dificuldade é potencializada quando o tema em questão está carregado de conotações pejorativas e moralmente condenadas no contexto social. Sendo assim, é bastante provável que os sujeitos investigados respondam muito mais aquilo que é desejado socialmente do que revelem a sua real situação e experiência amorosa e/ou sexual. Desse modo, é necessário duvidar da fidedignidade de determinadas respostas às pesquisas.

Um outro aspecto que compõe a complexidade no estudo do fenômeno é o caráter circunstancial e contextual envoltos no comportamento infiel. Frente a escassez de estudos longitudinais encontrados nessa revisão, fica a pergunta ainda sem resposta: será que a traição no início do relacionamento se dá da mesma maneira e pelos mesmos motivos que uma traição em um casamento de longa data?

Os estudos sobre infidelidade conjugal nos últimos cinco anos tentaram dar conta da diversidade conjugal existente, abordando diferentes configurações na vivência de uma relação amorosa: casados, solteiros, pessoas que coabitam e divorciados. Além disso, salienta-se como um aspecto positivo que, a grande maioria das pesquisas abrange tanto o ponto de vista feminino como o masculino, sendo incluídos sujeitos de ambos os sexos nas pesquisas. Os resultados encontrados, normalmente, apontam para diferenças entre homens e mulheres frente ao fenômeno. De fato, apesar de que as fronteiras entre os distintos papéis de gênero estarem cada vez mais difusas em nossos dias, é possível que homens e mulheres pensem o ato da traição de forma diferente, já que vivenciam o relacionamento conjugal de maneiras distintas. Mulheres costumam ser mais insatisfeitas com a relação conjugal e tendem a tomar a iniciativa do divórcio quando comparadas com os homens. É possível que essas características também reverberem na forma como lidam com a infidelidade, na revelação da mesma para o parceiro e nas consequências do ato na relação conjugal. Afinal, ainda é mais

comum na sociedade ocidental contemporânea uma mulher perdoar uma “escapada” do marido que o contrário. Além das questões vinculadas ao gênero, é necessário estar atento a reverberação do contexto, pois a cultura impacta os relacionamentos e, conseqüentemente, as traições. Nessa perspectiva, salienta-se que grande parte dos estudos analisados são ocidentais, realizados em sociedades monogâmicas e, maioritariamente, patriarcais. Logo, as respostas dos participantes refletem a sua cultura a qual reverbera os valores e crenças culturalmente aprendidos.

O volume e a complexidade das variáveis que fazem parte do fenômeno da infidelidade conjugal são fatores complicadores para a definição do constructo, o que aparece na sua inconsistência conceitual encontrada na amostra de artigos analisados. Mais de 50% dos manuscritos não explicitaram o conceito de infidelidade adotado na pesquisa. Os 18 estudos que definiram o tema o fizeram através de três conceitos diferentes, sendo que um deles não considerou a diferença entre o envolvimento sexual e emocional. Contudo, sabe-se que a incidência desses dois tipos de infidelidade diferem, além de poderem ter impactos diferentes nas relações. Dessa forma, pode-se pensar que uma padronização dos conceitos, ao menos com relação aos tipos de infidelidade, permitiria a comparação dos resultados encontrados (Mattingly et al., 2010). Assim, é necessário que o conceito o qual está sendo investigado seja explicitado, pois favorece a compreensão mais sistemática e rigorosa sobre o fenômeno, além de viabilizar a comparação dos resultados, garantindo também sua fidedignidade. Nessa perspectiva, foram encontradas muitas variações em como as pesquisas foram conduzidas, em termos de características da amostra e em como a infidelidade foi definida.

A temática carece de uma ampliação na avaliação não somente dos aspectos comportamentais classificatórios em sexual ou emocional, mas também do seu significado para o relacionamento conjugal. A prática clínica tem demonstrado que a infidelidade deve ser lida como um sintoma que sinaliza dificuldades não só do relacionamento, como também em nível individual dos sujeitos envolvidos na relação. Sendo assim, o sofrimento diante de uma infidelidade pode ser devastador para a relação ou possibilitador de um reinvestimento emocional na relação conjugal. É um desafio superar a dor de uma traição, mas a infidelidade nem sempre é nefasta para os relacionamentos. Pittman (1994), na década de noventa, já apontava para os benefícios de um triângulo amoroso na relação conjugal em casais que, muitas vezes, reacendem a paixão após um ato de traição. Assim, a infidelidade pode se mostrar como uma oportunidade de repensar a relação conjugal e dar um novo rumo para a

vida de casal. Nesse sentido, esse trabalho instiga os pesquisadores da área e terapeutas de casais a reflexões sobre as possíveis reverberações que podem provir de uma infidelidade.

Dessa forma, a infidelidade deve ser considerada eminentemente como um fenômeno relacional que, além de um traidor e um traído, está em jogo uma relação e um contexto. Sendo assim, pode-se observar que a maioria das pesquisas foca no traidor. Não encontrou-se nenhuma pesquisa que investigou a díade -traidor e traído-. Sabe-se que é difícil pesquisar sobre esse assunto, quem dirá investigar casais. Seria esse o argumento dos pesquisadores? Contudo, estudos sobre a díade seriam ricos para avançar nos conhecimentos sobre a temática.

A partir dessa revisão sistemática, incentiva-se que outras pesquisas possam ser realizadas com amostras brasileiras. Dado os altos índices registrados de infidelidade no Brasil (Lima, 2013), é importante compreender a dinâmica da temática em homens e mulheres brasileiros, considerando a cultura e seus aspectos contextuais a fim de poder encaminhar esse fenômeno tão presente na conjugalidade da melhor maneira possível. Talvez, a partir de pesquisas que reflitam a realidade que ocorre na intimidade dos casais frente a infidelidade, se possa superar a ideia de que traição é como um vaso quebrado... Será ?

### Referências

- \*Allen, E. S., & Atkins, D. C. (2012). The association of divorce and extramarital sex in a representative U.S. sample. *Journal of Family Issues*, 33(11), 1477–1493.
- \*Arent, M. (2009). (In) fidelidade feminina: Entre a fantasia e a realidade. *Psicologia Clínica*, 21(1), 153-167.
- \*Balderrama-Durbin, C. M., Allen, E. S., & Rhoades, G. K. (2012). Demand and withdraw behaviors in couples with a history of infidelity. *Journal of Family Psychology*, 26(1), 11-17.
- \*Beaulieu-Pelletier, G., Philippe, F. L., Lecours, S., & Couture, S. (2011). The role of attachment avoidance in extradyadic sex. *Attachment & Human Development*, 13(3), 293–313. doi:10.1080/14616734.2011.562419
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005a). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183–216.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005b). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217–233.

- \*Boğda, D. K., & Şendil, G. (2012). Investigating infidelity tendency and conflict management based on attachment styles and gender. *Electronic Journal of Social Sciences*, 40(11), 205–220.
- \*Burchell, J. L., & Ward, J. (2011). Sex drive, attachment style, relationship status and previous infidelity as predictors of sex differences in romantic jealousy. *Personality and Individual Differences*, 51(5), 657–661. doi:10.1016/j.paid.2011.06.002
- Buss, D. M. (1998). *Evolutionary Psychology*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Buunk, B. (1998). The anticipated sexual jealousy scale. In C. M. Davis, W. L. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer, & S. L. Danis (Eds.), *Handbook of Sexually-related Measures* (pp.224-225). Thousand Oaks, CA : Sage.
- Buunk, B. P., & Bakker, A. B. (1995). Extradyadic sex - The role of descriptive and injunctive norms. *The Journal of Sex Research*, 32(4), 313–318.
- \*Canto-Ortiz, J. M., García-Leiva, P., Perles, F., San Martín, J. E., & Ruiz, M. (2009). Los celos en la infidelidad emocional y en la infidelidad sexual- Una perspectiva sociocognitivista. *Revista de Psicología Social*, 24(3), 307–318.
- \*Canto-Ortiz, J. M. C., García-Leiva, P. G., & Jacinto, L. G. (2009). Celos y emociones : Factores de la relación de pareja en la reacción ante la infidelidad. *Athenea Digital*, 55(primavera), 39–55.
- Carpenter, C. J. (2012). Meta-analyses of sex differences in responses to sexual versus emotional infidelity: Men and women are more similar than different. *Psychology of Women Quarterly*, 36(1), 25–37. doi:10.1177/0361684311414537
- \*DeMaris, A. (2009). Distal and proximal influences on the risk of extramarital sex: A prospective study of longer duration marriages. *Journal of Sex Research*, 46(6), 597-607.
- \*DeMaris, A. (2013). Burning the candle at both ends: Extramarital sex as a precursor of marital disruption. *Journal of Family Issues*, 34(11), 1474–1499.
- Drigotas, S. M., & Barta, W. (2001). The cheating heart : Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10(5), 177–180.
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509–524.
- \*Estep, H. M., & Olson, J. N. (2011). Parenting style, academic dishonesty, and infidelity in college students. *College Student Journal*, 45(4), 830-839.

- \*Fish, J., Pavkov, T. W., Wetchler, J. L., & Bercik, J. (2012). Characteristics of those who participate in infidelity: The role of adult attachment and differentiation in extradyadic experiences. *The American Journal of Family Therapy*, *40*(3), 214-229.
- Firat, R., & McPherson, C. (2010). Toward an integrated science of morality: Linking mind, society, and Culture. In S. Hitlin & S. Vaisey (Eds), *Handbook of the Sociology of Morality*. (pp. 361-384). New York: Springer.
- \*Fung, C. S. C., Wong, W. C. W., & Tam, M. S. M. (2009). Familial and extramarital relations among truck drivers crossing the Hong Kong-China border. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *35*(3), 239–44. doi:10.1080/00926230802716377
- \*García-Méndez, M., Rivera-Aragón, S., & Díaz-Loving, R. (2011). La Cultura , el poder y los patrones de interacción vinculados a la infidelidad. *Revista Interamericana de Psicología*, *45*(3), 429-438.
- \*Galarza, J. G., Martínez-Taboas, A., & Ortiz, D. M. (2009). Factores psicológicos asociados a la infidelidad sexual y/o emocional y su relación a la búsqueda de sensaciones en parejas puertorriqueñas. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, *20*, 59–81.
- Goldenberg, M. (2011). *Por que homens e mulheres traem?* (2 ed.). Rio de Janeiro, RJ: Edições BestBolso.
- \*Havlicek, J., Husarova, B., Rezacova, V., & Klapilova, K. (2011). Correlates of extra-dyadic sex in Czech heterosexual couples: Does sexual behavior of parents matter? *Archives of Sexual Behavior*, *40*(6), 1153–63. doi:10.1007/s10508-011-9869-3
- Janssen, E., & Bancroft, J. (2007). The dual-control model: The role of sexual inhibition & excitation in sexual arousal and behavior. In E. Janssen (Ed.), *The psychophysiology of sex* (pp. 197-222). Bloomington: Indiana University Press.
- \*Jeanfreau, M. M., Jurich, A. P., & Mong, M. D. (2014). An examination of potential attractions of women’s marital infidelity. *The American Journal of Family Therapy*, *42*(1), 14–28. doi:10.1080/01926187.2012.737283
- \*Jones, D. N., & Weiser, D. A. (2014). Differential infidelity patterns among the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, *57*, 20–24.
- \*Kaighobadi, F., Shackelford, T. K., Popp, D., Moyer, R. M., Bates, V. M., & Liddle, J. R. (2009). Perceived risk of female infidelity moderates the relationship between men’s personality and partner-directed violence. *Journal of Research in Personality*, *43*(6), 1033–1039. doi:10.1016/j.jrp.2009.08.001
- \*Lammers, J., Stoker, J. I., Jordan, J., Pollmann, M., & Stapel, D. (2011). Power increases infidelity among men and women. *Psychological Science*, *22*(9), 1191-1197.

- Lima, P. (2013). Gaúchas de 40 mais vaidosas e menos fiéis. *Zero Hora*, 23 de maio de 2013.
- \*London, A. S., Allen, E., & Wilmoth, J. M. (2012). Veteran status, extramarital sex, and divorce: Findings from the 1992 National Health and Social Life Survey. *Journal of Family Issues*, 34(11), 1452–1473. doi:10.1177/0192513X12460510
- \*Mark, K. P., Janssen, E., & Milhausen, R. R. (2011). Infidelity in heterosexual couples: demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of Sexual Behavior*, 40(5), 971–82. doi:10.1007/s10508-011-9771-z
- \*Mattingly, B. A., Wilson, K., Clark, E. M., Bequette, A. W., & Weidler, D. J. (2010). Foggy Faithfulness: Relationship Quality, Religiosity, and the Perceptions of Dating Infidelity Scale in an Adult Sample. *Journal of Family Issues*, 31(11), 1465–1480.
- \*Omarzu, J., Miller, A. N., Schultz, C., & Timmerman, A. (2012). Motivations and emotional consequences related to engaging in extramarital relationships. *International Journal of Sexual Health*, 24(2), 154–162.
- Palencia, A. R., Rivera-Aragón, S., & Díaz-Loving, R. (2007). Desarrollo del inventario multidimensional de infidelidad (IMIN). *Revista Iberoamericana de Diagnóstico Y Evaluación Psicológica*, 23(1), 121–147.
- Paulhus, D. L., & Williams, K.M. (2002). The Dark Triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36, 556-563.
- Peacock, E. J., & Wong, P. T. P. (1990). The stress appraisal measure (SAM): A multidimensional approach to cognitive appraisal. *Stress Medicine*, 6, 227-236.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: A infidelidade e a traição da intimidade*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- \*Rada, C. (2012). The prevalence of sexual infidelity, opinions on its causes for a population in Romania. *Revista de Psihologie*, 58(3), 211-224.
- Reiss, I. L. (1998). Reiss extramarital sexual permissiveness scale. In C. M. Davis, W. L. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer, & S. L. Danis (Eds.), *Handbook of Sexually-related Measures* (pp.226-228). Thousand Oaks, CA : Sage.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172–186.
- \*Russell, V. M., Baker, L. R., & McNulty, J. K. (2013). Attachment insecurity and infidelity in marriage: Do studies of dating relationships really inform us about marriage? *Journal of Family Psychology*, 27(2), 242–51. doi:10.1037/a0032118
- \*Schafer, M. H. (2014). Schema via structure? Personal network density and the moral evaluation of infidelity. *Sociological Forum*, 29(1), 120–136.

- \*Shaw, A. M. M., Rhoades, G. K., Allen, E. S., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2013). Predictors of extradyadic sexual involvement in unmarried opposite-sex relationships. *Journal of Sex Research, 50*(6), 598–610.
- \*Sousa, D. L. de, Santos, R. B., & Almeida, T. De. (2009). Vivências da infidelidade conjugal feminina. *Pensando Famílias, 13*(2), 197–214.
- \*Stieglitz, J., Gurven, M., Kaplan, H., & Winking, J. (2012). Infidelity, jealousy, and wife abuse among Tsimane forager-farmers: Testing evolutionary hypotheses of marital conflict. *Evolution and Human Behavior, 33*(5), 438-448.
- Thompson, A. P. (1984). Emotional and sexual components of extramarital relations. *Journal of Marriage and the Family, (february)*, 35–42.
- \*Tian, F. F., Merli, M. G., & Qian, Z. (2014). Job mobility and extramarital sex in Reform-Era Urban China evidence from Shanghai. *Chinese Sociological Review, 46*(1), 60–82. doi:10.2753/CSA2162
- \*Træen, B., & Thuen, F. (2013). Relationship problems and extradyadic romantic and sexual activity in a web-sample of Norwegian men and women. *Scandinavian Journal of Psychology, 54*(2), 137-145.
- \*Viegas, T., & Moreira, J. M. (2013). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia, 18*(3), 411-418.
- \*Vu, L., Tun, W., Karlyn, A., Adebajo, S., & Ahonsi, B. (2011). Attitudinal and behavioral factors associated with extramarital sex among Nigerian men: Findings from a National Survey. *International Journal of Sexual Health, 23*(4), 258-268.
- \*Wang, C. D. C., King, M. L., & Debernardi, N. R. (2012). Adult attachment, cognitive appraisal, and university students' reactions to romantic infidelity. *Journal of College Counseling, 15*(July), 101–117.
- \*Walters, A. S., & Burger, B. D. (2012). “I love you, and I cheated”: Investigating disclosures of infidelity to primary romantic partners. *Sexuality & Culture, 17*(1), 20-49.
- Weiss, D. L. (1998). Attitudes toward marital exclusivity scale. In C. M. Davis, W. L. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer, & S. L. Danis (Eds.), *Handbook of Sexually-related Measures* (pp.229-230). Thousand Oaks, CA : Sage.
- Whisman, M. A., Gordon, K. C., & Chatav, Y. (2007). Predicting sexual infidelity in a population-based sample of married individuals. *Journal of Family Psychology, 21*(2), 320–4. doi:10.1037/0893-3200.21.2.320

- Wilson, K., Mattingly, B. A., Clark, E. M., Weidler, D. J., & Bequette, A. W. (2011). The gray area: Exploring attitudes toward infidelity and the development of the Perceptions of Dating Infidelity Scale. *The Journal of Social Psychology, 151*(1), 63–86.
- \*Wright, P. J. (2013). Internet pornography exposure and women's attitude towards extramarital sex: An exploratory study. *Communication Studies, 64*(3), 315–336.
- Zordan, E. P., & Strey, M. N. (2011). Separação conjugal: aspectos implicados nessa decisão, reverberação e projetos futuros. *Pensando Famílias, 15*, 71-88.
- \*Zhang, N. (2010). A mixed-methods analysis of extramarital sex in contemporary China. *Marriage & Family Review, 46*(3), 170-190.
- \*Zhang, N., Parish, W. L., Huang, Y., & Pan, S. (2012). Sexual infidelity in China: Prevalence and gender-specific correlates. *Archives of Sexual Behavior, 41*(4), 861–873.

## CAPÍTULO III

### Comportamentos de Infidelidade Conjugal: A construção de um instrumento

Patrícia Scheeren

Adriana Wagner

**Resumo :** A infidelidade, apesar de prevalente e causadora de grande sofrimento nos casais, ainda carece de medidas que avaliem os comportamentos sexuais, emocionais, virtual sexual e virtual emocional vinculados a ruptura do contrato de exclusividade sexual e/ou emocional. Este estudo teve por objetivo avaliar os comportamentos que homens e mulheres consideram infidelidade a fim de criar um instrumento de medida de comportamentos de infidelidade. A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira etapa consistiu na criação e validação de conteúdo e aparente dos itens. A segunda etapa constituiu em avaliar as evidências de validade do instrumento a partir de três estudos. O primeiro estudo avaliou quais comportamentos homens e mulheres consideram infidelidade em uma amostra de 526 pessoas com idade média de 31 anos ( $DP = 9,12$ ). O segundo estudo consistiu em um Grupo Focal com quatro terapeutas de casal para avaliar a pertinência na prática clínica dos itens do questionário. Por fim, o terceiro estudo avaliou a incidência desses comportamentos em uma amostra de 237 pessoas casadas ou que coabitavam com idade média de 38 anos ( $DP = 11,22$ ) que haviam sido infiéis ao parceiro(a) atual. Os resultados apontam para a complexidade de avaliar o fenômeno e suas particularidades em homens e mulheres considerando a ausência de fatores nítidos e exclusivos (sexual, emocional, virtual sexual e virtual emocional) na definição e avaliação da infidelidade. Esses achados corroboram o fenômeno como multifatorial e complexo.

**Palavras-chave :** infidelidade, conjugalidade, instrumento, psicometria

#### Infidelity behaviors: Building a questionnaire

**Abstract :** Although infidelity is prevalent and cause a great suffer in couples, there is a lack of measures to assess sexual, emotional, sexual-virtual and emotional-virtual infidelity's behaviors. This study aimed to evaluate the behaviors that men and women consider infidelity to create a measure of infidelity behaviors. The survey was conducted in two stages. The first stage was the creation and validation of the questionnaire items. The second stage consisted in

assessing instrument validity over three studies. The first study evaluated what men and women consider infidelity behaviors in a sample of 526 participants aged in average of 31 years old (SD = 9.12). The second study consisted in a focus group with four couple therapists to assess the relevance of the questionnaire items in the clinical practice. Finally, the third study assessed the incidence of these behaviors in a sample of 237 married or cohabiting couples aged in average of 38 years old (SD = 11.22) who had been unfaithful to their current partner. The results shows the complexity of assessing the phenomenon and their particularities in men and women. It also point out the absence of clear and unique factors (sexual, emotional, sexual-virtual and emotional-virtual) in the definition and evaluation of infidelity. These findings indicates that infidelity is a multifactorial and complex phenomenon.

**Keywords :** infidelity, marriage, measure, psychometrics

Apesar da dificuldade em obter índices acurados de infidelidade nos relacionamentos, as pesquisas apontam para um número crescente de envolvimento extraconjugal. Pesquisa realizada com 1279 homens e mulheres das camadas médias urbanas do Rio de Janeiro mostrou que 60% dos homens e 47% das mulheres já foram infiéis (Goldenberg, 2011). Outro levantamento feito com 1320 mulheres de todo o Brasil, apontou que 40,5% das mulheres com mais de 40 anos já traíram seus parceiros, enquanto que em 2007 os índices eram de 12%, denotando um aumento dos comportamentos de infidelidade (Lima, 2013).

Mesmo diante de altos índices de traição, a infidelidade é ainda um tema polêmico e um construto multifacetado que carece ser investigado. O estudo de revisão sistemática realizado por Scheeren e Wagner (no prelo) a respeito da temática revelou que grande parte dos artigos na área não explicita a definição de infidelidade sobre a qual desenvolve os estudos, utilizando instrumentos de medida diversificados e que, muitas vezes, abarcam somente a infidelidade sexual.

A definição mais usual do conceito de infidelidade que aparece na literatura internacional trata o fenômeno como uma quebra de confiança da exclusividade emocional e/ou sexual no relacionamento (Blow & Hartnett, 2005; Drigotas & Barta, 2001). Estudo brasileiro com 276 homens e mulheres usuários da internet evidenciou que a resposta mais frequente dada pelos participantes ao conceito de infidelidade foi a quebra de contrato e rompimento de um compromisso (Haack & Falcke, 2013).

Esse rompimento pode se dar tanto no nível emocional como sexual. A infidelidade emocional é definida como uma conexão emocional com um indivíduo fora do relacionamento, o qual passa a ser a fonte de amor romântico, o objeto de atenção e dedicação (Fish, Pavkov, Wetchler, & Bercik, 2012). Essa conexão emocional pode ocorrer com ou sem o envolvimento sexual, sendo que o envolvimento emocional pode gerar um estresse nos membros do casal equivalente ou maior que o sexual (Mattingly, Wilson, Clark, Bequette, & Weidler, 2010). Ainda que os relatos dos cônjuges revelem diversas condutas que sinalizam o envolvimento extraconjugal, na literatura ainda existe uma inconsistência na definição de quais comportamentos não sexuais são indicativos de infidelidade (Wilson, Mattingly, Clark, Weidler, & Bequette, 2011), evidenciando uma dificuldade em mensurar esse construto. Nessa perspectiva, a infidelidade sexual tem uma definição mais consensuada, sendo definida a partir de qualquer contato físico ou sexual com outra pessoa (Carpenter, 2012).

A literatura também tem apontado a internet como uma ferramenta para infidelidade (Ferron, 2013; Haack & Falcke, 2013). Pesquisas demonstram que ao perguntar aos participantes o quanto eles acreditavam que certos comportamentos realizados na internet eram potenciais atos de infidelidade, eles avaliaram sexo virtual como um comportamento tão severo quanto praticar sexo presencial com outra pessoa (Monica Therese Whitty, 2003). Em um estudo qualitativo realizado em 2005, Whitty (2005) investigou a representação e o impacto da infidelidade online nos relacionamentos. O estudo apontou que em 65% dos parceiros que foram enganados por seus cônjuges, a infidelidade havia se dado pelo encontro virtual. Muitas vezes, os participantes afirmaram que a infidelidade online levou ao rompimento do relacionamento. Desta forma, algumas interações virtuais podem ter sérias consequências para os relacionamentos.

Apesar da infidelidade ser prevalente e ter um impacto devastador nos relacionamentos amorosos (Jackman, 2015), existe pouco consenso sobre quais comportamentos constituem infidelidade emocional, sexual e virtual, assim como quais são os comportamentos aceitáveis nas interações cotidianas com outras pessoas sem que isso seja considerado infidelidade. A infidelidade tem sido definida a partir de uma multiplicidade de formas e compreende diversos comportamentos que são influenciados por gênero, idade e nível socioeconômico. Por exemplo, é possível que pessoas mais jovens, quando comparadas com pessoas mais velhas, sejam menos tendenciosas a classificar alguns comportamentos como infidelidade devido a diferentes conceitos e vivências de comportamentos sexuais (O'Sullivan & Ronis, 2013; Randall & Byers, 2003). Ademais, outras pesquisas tem demonstrado que existe inconsistências nas percepções individuais sobre quais

comportamentos não sexuais são indicativos de infidelidade (Moller & Vossler, 2015). Homens e mulheres costumam diferir nas suas reações a infidelidade sexual e emocional, sugerindo que trair abrange mais do que simplesmente quebrar as regras da monogamia sexual, pois mulheres podem considerar envolvimento ou enamoramento com pessoa fora da relação primária como traição, mesmo que não haja contato físico. Do contrário, homens consideram principalmente contato físico, tipicamente sexual, como infidelidade, muito mais que um envolvimento emocional (Kruger, Fisher, & Fitzgerald, 2015; Shackelford & Buss, 1997). Além disso, infidelidade pode ser definida por sentimentos ou comportamentos que vão de encontro às expectativas dos parceiros (Thornton & Nagurney, 2011) e a maneira como cada um se sente na sua relação de conjugalidade também tende a influenciar sua concepção sobre qual comportamentos considera infidelidade (Mattingly et al., 2010).

Os registros da literatura (Blow & Hartnett, 2005; Moller & Vossler, 2015) demonstram a complexidade, a labilidade e a dificuldade de definir e mensurar a infidelidade devido a sua natureza multidimensional (Mattingly et al., 2010). Nesse sentido, algumas das limitações metodológicas das pesquisas na área podem se dar devido a natureza ambígua da infidelidade (Hertlein, Weeks, & Gambescia, 2009) fazendo com que medidas fidedignas sejam difíceis de serem obtidas em função de que os comportamentos que constituem a infidelidade geralmente diferem de pessoa para pessoa e cada casal tem um contrato implícito do seu próprio relacionamento (Hertlein et al., 2009).

A revisão sistemática da literatura sobre infidelidade nos últimos cinco anos (Scheeren & Wagner, no prelo), mostrou a variabilidade de maneiras como a infidelidade tem sido investigada nos estudos, desde entrevistas e questionários com perguntas abertas, cenários hipotéticos de situações de infidelidade, perguntas fechadas e por fim, escalas de infidelidade. Com relação às escalas e inventários publicados na literatura nacional e internacional nos últimos 30 anos, é possível verificar uma diversidade de medidas para avaliar comportamentos (Almeida, 2007; Drigotas, Safstrom, & Gentilia, 1999; Luo, Cartun, & Snider, 2010; Wilson et al., 2011), motivos (Barta & Kiene, 2005; Galarza, Martínez-Taboas, & Ortiz, 2009; Glass & Wright, 1992; Palencia, Rivera-Aragón, & Díaz-Loving, 2007; Yeniçeri & Kökdemir, 2006), consequências (Buss et al., 1999; Palencia et al., 2007) e tendência à infidelidade (Boğda & Şendil, 2012) nos relacionamentos. Os estudos de validação utilizam amostras diversificadas, desde pessoas solteiras, namorando, coabitando, casadas, adultas, estudantes, dentre outras. Apesar de nos últimos anos se perceber um aumento de tentativas para desenvolver medidas de infidelidade, é possível verificar algumas deficiências que justificam a realização do presente estudo.

Primeiramente, nem todas as escalas avaliam a experiência vivida de infidelidade, ou seja, há medidas que mensuram a tendência à ser infiel e em outros encontram-se participantes solteiros, sem vínculo específico e sem vivência de infidelidade. Em segundo lugar, muitas escalas são dos anos 90 e início dos anos 2000, sendo que não abrangem comportamentos atuais e principalmente a infidelidade online, mostrando uma defasagem quando comparado as oportunidades e aquilo que os casais se deparam na atualidade. Como terceiro ponto, é possível verificar uma ausência de medida com rigor metodológico para a realidade brasileira. Tratando-se de um fenômeno relacional permeado por fatores contextuais, torna-se imprescindível mensurar quais comportamentos de infidelidade os adultos brasileiros consideram uma ruptura de contrato de exclusividade emocional e/ou sexual. Desta forma, essa pesquisa visa investigar quais comportamentos os adultos brasileiros consideram infidelidade e desenvolver um questionário de comportamentos de infidelidade adaptado para essa realidade. Para tal, foram realizados três estudos em duas etapas conforme serão apresentados neste manuscrito.

### **Etapa 1: Construção do Questionário de Comportamentos de Infidelidade Conjugal**

O objetivo desta primeira etapa foi construir um questionário para mensurar comportamentos de infidelidade emocional, sexual, virtual emocional e virtual sexual em uma amostra brasileira.

### **Método**

Diferentes fontes de informações foram reunidas para a elaboração de cada item do questionário. A realização de uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional especializada na temática (Scheeren & Wagner, no prelo) e a participação de terapeutas de família e casal na elaboração dos itens foram uma forma de manter o rigor científico e aproximação com a realidade. Os itens focaram em comportamentos (Pasquali, 2010) que abrangeram quatro diferentes formas de infidelidade: emocional, sexual, emocional virtual e sexual virtual, conforme proposto nos estudos de Whitty e Quigley (2008).

A infidelidade emocional envolve uma conexão emocional com uma pessoa fora do relacionamento primário, a qual passa a ser a fonte de amor romântico, objeto de atenção e dedicação. Infidelidade sexual é definida a partir de qualquer contato físico e/ou sexual com pessoa fora do relacionamento primário. O tipo infidelidade virtual emocional envolve um

relacionamento romântico pela internet com pessoa fora do relacionamento primário, mantido predominantemente através de conversas eletrônicas como e-mails, bate-papos, redes sociais, etc. E, por fim, a infidelidade virtual sexual abrange um relacionamento sexual pela internet com pessoa fora do relacionamento primário, mantido predominantemente através de conversas eletrônicas como e-mails, bate-papos, redes sociais, etc.

### *Participantes do Processo de Elaboração da Escala*

A etapa de construção da escala contou com dados provenientes da revisão sistemática da literatura especializada e a partir da experiência clínica na área de infidelidade de terapeutas de casal. Para isso, participaram da criação dos itens um grupo de cinco pessoas composto por terapeutas de casal, psicólogos e pesquisadores na área de família e casal. Para a validação aparente e de conteúdo dos itens elaborados, contou-se com uma equipe de juízes composta por onze juízes, sendo cinco psicólogos pesquisadores da área de família e casal e seis terapeutas de família e casal.

### *Procedimento*

#### **Elaboração dos itens do instrumento e validação de conteúdo**

Os comportamentos que compõem o questionário foram construídos a partir dos itens de escalas encontradas na revisão da literatura e a partir de comportamentos observados na clínica de casais por terapeutas da área. Tais itens foram elaborados de forma a contemplar as quatro dimensões identificadas previamente. Tomou-se cuidado em descrever os itens numa linguagem clara e acessível para que se evitasse possíveis induções.

Inicialmente foram elaboradas 76 afirmativas, distribuídas em quatro dimensões: infidelidade emocional (34 itens), sexual (17 itens), virtual emocional (13 itens) e virtual sexual (12 itens). A primeira dimensão, infidelidade emocional, apresentou um número superior de itens quando comparado as demais dimensões, pois este fator é aquele que a literatura da área apresenta maior dificuldade de conceituar e determinar comportamentos representativos.

Assim que elaborados os 76 itens, passou-se para a segunda etapa da criação da escala que consistiu na Validação aparente e de conteúdo. Cada um dos juízes recebeu o enunciado da escala e a lista dos 76 itens precedida pela descrição de cada uma das dimensões. Os juízes

classificaram cada um dos itens quanto a clareza da linguagem (você acredita que a linguagem de cada item é suficientemente clara, compreensível e adequada?), pertinência prática (você acredita que os itens propostos são pertinentes para o fenômeno estudado?) e dimensão teórica (você acredita que este item pertence a qual dimensão?) (Cassepp-Borges, Balbinotti, & Teodoro, 2010). Os juízes avaliaram a clareza da linguagem e a pertinência prática em uma escala de 1 a 5, sendo 1 = pouquíssima e 5 = muitíssima e a dimensão teórica referente aos quatro fatores (infidelidade emocional, sexual, virtual emocional e virtual sexual). Foram realizados os cálculos dos coeficientes de validade, considerando-se os itens com valores superiores a 0,7 para clareza da linguagem e pertinência prática e concordância superior a 75% na dimensão teórica. Considerando-se esses valores, foram excluídos seis itens. Dois itens foram desmembrados em quatro questões, conforme sugestão dos juízes, a fim de torná-los mais precisos. Cabe ressaltar que não houve acréscimo de itens, e sim divisões para que cada item correspondesse a somente um comportamento. Como foi solicitado aos juízes que fizessem comentários sobre as afirmativas, outras 10 receberam sugestões de modificação e foram aprimoradas para permanecerem no instrumento. Também foram feitos ajustes no enunciado para ficar mais compreensível. Após as modificações, a nova versão do instrumento contou com 72 itens divididos em infidelidade emocional (31 itens), sexual (16 itens), virtual emocional (12 itens) e virtual sexual (13 itens). Estes 72 itens foram sorteados para serem apresentados aos participantes de maneira aleatória.

## **Etapa 2: Evidências de validade do Questionário de Comportamentos de Infidelidade**

A partir dos itens criados na primeira etapa, realizou-se três estudos com o objetivo de verificar as evidências de validade dos comportamentos de infidelidade. Salienta-se que os estudos respeitaram os aspectos éticos de Pesquisa, tendo obtido aprovação do Comitê de Ética da UFRGS, sob o registro CAAE 23718014.4.0000.5334.

### **Estudo 1**

Este estudo teve por objetivo validar os comportamentos de infidelidade emocional, sexual, virtual emocional e virtual sexual a partir dos 72 itens elaborados na primeira etapa.

### **Método**

## *Participantes*

Participaram deste estudo 526 pessoas, 421 mulheres e 105 homens, de orientação heterossexual e com idade média de 31 anos ( $DP = 9,12$ ) residentes em diversas regiões do Rio Grande do Sul. Os participantes representaram diversos níveis socioeconômicos e de escolaridade, sendo que a maior concentração de renda pessoal mensal foi de 1 a 3 salários mínimos (32,1%) e de escolaridade com pós-graduação completo (35,6%). Os participantes representaram diferentes situações amorosas, havendo um predomínio entre aqueles que estavam namorando (26%) e casados (25,9%) no momento da coleta dos dados. Dos participantes, 47,2% já haviam sido infiéis e 62,2% já haviam sido traídos.

## *Instrumentos*

Questionário sociodemográfico: desenvolvido para essa pesquisa a fim de caracterizar a amostra investigada quanto à idade, sexo, situação amorosa, escolaridade, renda, se já havia traído e sido traído.

Questionário de Comportamentos de Infidelidade (QCI) – foi utilizado o questionário elaborado na etapa 1 para analisar quais comportamentos os participantes avaliavam como infidelidade quanto ao envolvimento emocional, sexual, virtual emocional e virtual sexual. O instrumento é composto por 72 itens medidos em uma escala do tipo *likert* de 4 pontos (1 = nunca, 2 = normalmente não, 3 = normalmente sim e 4 = sempre). Optou-se por uma escala do tipo *likert* de quatro pontos para, de certa forma, forçar um posicionamento, mesmo naquelas questões em que seria mais conveniente ao respondente marcar uma opção neutra. Evitar-se-ia, assim, o chamado efeito de tendência central, no qual o participante tende a escolher sempre a resposta do ponto neutro e central da escala para, entre outros motivos, não se comprometer ou para não pensar a respeito do tema. Assim, o instrumento também serviria para incentivar a reflexão e o posicionamento frente à temática.

O instrumento pode ser visualizado no Adendo A.

## *Procedimentos*

A coleta de dados foi realizada pela internet através da ferramenta de coleta de pesquisas *Qualtrics* ([www.qualtrics.com](http://www.qualtrics.com)). Os participantes foram acessados por critério de conveniência, a partir de e-mails, redes sociais, institutos de formação e indicação dos

próprios sujeitos, resultando em um efeito bola de neve (Velasco & Díaz de Rada, 1997). A coleta dos dados ocorreu no mês de maio de 2015, tendo tido 10 dias de duração. A ferramenta *Qualtrics* possibilita que a aparição e ordem das perguntas apresentadas sejam orientadas pelas respostas das perguntas anteriores. Nesse sentido, o enunciado que precedia o Questionário de Comportamentos de Infidelidade foi diferente para as pessoas que estavam em um relacionamento no momento da coleta daqueles que estavam solteiros. As pessoas que estavam em um relacionamento foram orientadas a pensarem no seu relacionamento atual e responderem as questões pensando o quanto considerariam um comportamento de infidelidade se seu companheiro(a) o realizasse com uma pessoa pela qual o companheiro(a) sente atração. Os participantes que estavam solteiros foram orientados a se imaginar em uma relação estável para responder as questões.

## Resultados

Foram analisados somente os participantes que haviam respondido a todas as questões, não havendo valores *missings* nos itens da escala. Para selecionar os itens que foram considerados pela amostra como comportamentos de infidelidade, realizou-se a média de cada um dos itens, que teve valores de 1 a 4. Foram considerados os comportamentos com valores superiores a 3, que indicavam de “normalmente sim” a “sim” para os comportamentos de infidelidade. A Tabela 1 mostra os valores das médias dos 526 participantes para cada um dos 72 itens avaliados. Os itens que possuem um asterisco no final do valor foram eliminados por possuírem média inferior a 3.

Tabela 1

*Valores das médias e desvio padrão dos itens do QCI*

<b>Fator</b>	<b>Item</b>	<b>M (DP)</b>
	Flertar/paquerar aquela pessoa	3,55 (0,78)
	Demonstrar estar apaixonado por aquela pessoa	3,54 (0,85)
	Trocar de emprego para ficar mais próximo daquela pessoa	3,30 (0,91)
Emocional	Deixar de fazer algo comigo para passar mais tempo com aquela pessoa	3,25 (0,89)
	Presentear aquela pessoa sem que eu saiba	3,24 (0,93)
	Buscar realizar atividades para passar mais tempo na presença daquela pessoa	3,22 (0,90)
	Deixar de fazer coisas comigo para fazer com aquela pessoa	3,20 (0,93)

	Em momentos de lazer comigo, ficar ocupado conversando no telefone ou trocando mensagens com aquela pessoa	3,19 (0,91)
	Preferir fazer atividades de lazer com aquela pessoa ao invés de fazer comigo	3,12 (0,95)
	Realizar com aquela pessoa atividades de lazer que normalmente só fazia comigo	3,11 (0,94)
	Falar coisas negativas sobre mim para aquela pessoa	3,09 (0,96)
	Realizar com aquela pessoa atividades que antes só fazia comigo	3,08 (0,93)
	Contar coisas íntimas para aquela pessoa e não falar a respeito disso para mim	3,06 (0,94)
	Arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar aquela pessoa	3,03 (0,90)
	Contar intimidades do nosso relacionamento para aquela pessoa	3,02 (0,95)
	Começar a trabalhar até mais tarde para ficar mais tempo em companhia de um(a) colega de trabalho	3,02 (0,89)
	Agir diferente quando está perto daquela pessoa	2,99 (0,89)*
	Elogiar aquela pessoa, demonstrando interesse	2,98 (0,87)*
	Buscar realizar atividades que agradam aquela pessoa	2,98 (0,93)*
	Atender ligações telefônicas em privacidade para que eu não possa escutar	2,98 (0,95)*
	Buscar apoio emocional daquela pessoa diante de um problema importante e não falar a respeito disso para mim	2,98 (0,96)*
	Ao ter um dia ruim, ligar/ conversar sobre isso com aquela pessoa	2,92 (0,94)*
	Contar para aquela pessoa suas coisas íntimas, as quais, normalmente, conta somente para mim	2,87 (0,92)*
	Buscar conselho daquela pessoa sobre um problema importante e não falar para mim	2,86 (0,96)*
	Falar para mim daquela pessoa de maneira afetiva	2,85 (0,94)*
	Contar sobre uma conquista ou vitória pessoal primeiro para aquela pessoa ao invés de contá-la primeiro para mim	2,84 (0,96)*
	Pedir primeiro a opinião daquela pessoa sobre um problema pessoal	2,84 (0,97)*
	Estar frequentemente conversando com aquela pessoa	2,73 (0,91)*
	Me contar que buscou apoio emocional daquela pessoa diante de um problema importante	2,72 (0,97)*
	Ficar falando ou fazendo comentários a respeito daquela pessoa o tempo todo	2,71 (0,89)*
	Buscar conselho daquela pessoa sobre um problema íntimo e me contar sobre ter pedido conselho a esta pessoa	2,56 (0,99)*
Sexual	Fazer sexo com aquela pessoa	3,78 (0,71)
	Trocar carícias sexuais com aquela pessoa	3,77 (0,68)
	Fazer sexo oral naquela pessoa	3,77 (0,72)
	Receber sexo oral daquela pessoa	3,75 (0,74)

	Beijar na boca daquela pessoa	3,74 (0,72)
	Fazer sexo anal com aquela pessoa	3,74 (0,76)
	Deixar de ter relação sexual comigo para ter com outra pessoa	3,72 (0,75)
	Andar de mãos dadas com aquela pessoa	3,62 (0,80)
	Acariciar aquela pessoa	3,49 (0,84)
	Ter contato físico com algum profissional do sexo	3,45 (0,93)
	Dançar de maneira sensual/provocativa com aquela pessoa	3,22 (0,89)
	Ir em um clube de striptease e ter contato físico com um(a) dançarino(a)	3,22 (0,99)
	Frequentar clube de striptease sem que eu saiba	3,16 (0,99)
	Frequentar clube de strip-tease	2,92 (1,04)*
	Preferir se masturbar a fazer sexo comigo	2,68 (1,02)*
	Se masturbar pensando naquela pessoa	2,62 (1,01)*
	<hr/>	
	Demonstrar estar apaixonado(a) por uma pessoa que conheceu pela internet	3,50 (0,83)
	Mentir para mim sobre uma mensagem trocada com aquela pessoa	3,30 (0,85)
	Baixar aplicativos para encontrar outras pessoas	3,30 (0,92)
	Não revelar estar em um relacionamento sério comigo para outra pessoa que tenha conhecido e esteja em contato pela internet	3,28 (0,90)
Virtual emocional	Trocar secretamente mensagem online com aquela pessoa	3,17 (0,88)
	Esconder de mim mensagens virtuais que trocou com aquela pessoa	3,11 (0,88)
	Enviar fotos suas para aquela pessoa	3,07 (0,97)
	Esconder de mim conversas virtuais que teve com outra pessoa	3,05 (0,92)
	Preferir ficar conversando com outra pessoa pela internet ao invés de fazer atividades comigo	2,93 (0,91)*
	Revelar informações íntimas a outra pessoa de maneira virtual	2,93 (0,96)*
	Conhecer outra pessoa pela internet e trocar informações pessoais com ela	2,56 (0,92)*
	Proteger suas senhas para que eu não possa ler suas conversas online	2,27 (0,99)*
	<hr/>	
Virtual sexual	Usar sites ou aplicativos de telefone para encontrar outras pessoas para transar	3,67 (0,80)
	Enviar fotos e/ou vídeos eróticos e sensuais de si mesmo para outra pessoa com quem tem se correspondido online	3,63 (0,78)
	Preferir fazer sexo virtual com outra pessoa ao invés de ter relação sexual comigo	3,62 (0,82)
	Fazer sexo virtual pela internet com aquela pessoa	3,58 (0,85)
	Receber fotos e/ou vídeos eróticos e sensuais da pessoa com quem tem se correspondido online	3,52 (0,84)
	Enviar fotos eróticas de si mesmo para outra pessoa na internet	3,51 (0,85)
	Apagar mensagens virtuais de conteúdo sexual que trocou com	3,50 (0,83)

outra pessoa	
Se masturbar ao mesmo tempo que outra pessoa está se masturbando online	3,50 (0,88)
Trocar mensagens de conteúdo sexual com outra pessoa que tenha conhecido pela internet	3,45 (0,86)
Assistir outra pessoa se masturbar pela câmera do celular ou do computador	3,34 (0,92)
Ter conversas pela internet ou celular sobre assuntos picantes e sexuais com outra pessoa	3,30 (0,87)
Ficar excitado(a) ao conversar com outra pessoa pela internet	3,19 (0,92)
Se masturbar ao ver pornografia na internet	2,33 (1,10)*

Conforme é possível ser visualizado na Tabela 1, os participantes avaliaram como sendo “normalmente sim” e “sim” um comportamento de infidelidade 51,6% dos comportamentos de infidelidade emocional, 76,9% dos comportamentos de infidelidade sexual, 63,6% dos comportamentos de infidelidade virtual emocional e 91,6% dos comportamentos de infidelidade virtual sexual. Desta forma, 23 comportamentos não foram considerados infidelidade tendo sido excluídos nesta etapa da validação. Ao final, o questionário de comportamentos de infidelidade manteve-se com 49 itens.

A fim de verificar se havia diferença de médias para os comportamentos de infidelidade entre homens e mulheres, realizou-se uma análise de variância entre os aqueles com média superior a 3. Na Tabela 2 estão relatados os comportamentos que apresentaram diferença significativa entre os sexos.

Tabela 2

*Valores da análise de variância dos comportamentos de infidelidade para homens e mulheres*

<b>Fator</b>	<b>Item</b>	<b>Amostra feminina M (DP)</b>	<b>Amostra masculina M (DP)</b>	<b>Valor da ANOVA</b>
	Flertar/paquerar aquela pessoa	3,59 (0,76)	3,41 (0,81)	F(1, 510) = 3,99*
	Trocar de emprego para ficar mais próximo daquela pessoa	3,36 (0,89)	3,09 (0,98)	F(1, 513) = 7,00**
Emocional	Deixar de fazer algo comigo para passar mais tempo com aquela pessoa	3,32 (0,88)	3 (0,90)	F(1, 514) = 10,33**
	Presentear aquela pessoa sem que eu saiba	3,32 (0,90)	2,92 (0,99)	F(1, 511) = 15,38**
	Buscar realizar atividades para	3,30 (0,88)	2,89 (0,93)	F(1, 518) = 16,86**

	passar mais tempo na presença daquela pessoa			
	Deixar de fazer coisas comigo para fazer com aquela pessoa	3,28 (0,90)	2,86 (0,93)	F(1, 503) = 17,20**
	Em momentos de lazer comigo, ficar ocupado conversando no telefone ou trocando mensagens com aquela pessoa	3,27 (0,88)	2,87 (0,97)	F(1, 515) = 15,80**
	Preferir fazer atividades de lazer com aquela pessoa ao invés de fazer comigo	3,20 (0,93)	2,78 (0,96)	F(1, 521) = 16,82**
	Realizar com aquela pessoa atividades de lazer que normalmente só fazia comigo	3,21 (0,92)	2,67 (0,89)	F(1, 504) = 27,35**
	Falar coisas negativas sobre mim para aquela pessoa	3,17 (0,94)	2,74 (0,99)	F(1, 511) = 16,87**
	Realizar com aquela pessoa atividades que antes só fazia comigo	3,17 (0,91)	2,69 (0,91)	F(1, 504) = 22,71**
	Contar coisas íntimas para aquela pessoa e não falar a respeito disso para mim	3,12 (0,93)	2,80 (0,95)	F(1, 518) = 7,76**
	Arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar aquela pessoa	3,08 (0,90)	2,79 (0,88)	F(1, 506) = 8,70**
	Contar intimidades do nosso relacionamento para aquela pessoa	3,10 (0,94)	2,69 (0,93)	F(1, 512) = 15,43**
	Começar a trabalhar até mais tarde para ficar mais tempo em companhia de um(a) colega de trabalho	3,08 (0,88)	2,77 (0,92)	F(1, 519) = 9,77**
	Andar de mãos dadas com aquela pessoa	3,67 (0,78)	3,41 (0,90)	F(1, 508) = 7,90**
	Acariciar aquela pessoa	3,55 (0,81)	3,23 (0,92)	F(1, 503) = 11,93**
	Ter contato físico com algum profissional do sexo	3,50 (0,89)	3,24 (1,02)	F(1, 510) = 6,57**
Sexual	Dançar de maneira sensual/provocativa com aquela pessoa	3,27 (0,87)	3,01 (0,95)	F(1, 518) = 6,53**
	Ir em um clube de striptease e ter contato físico com um(a) dançarino(a)	3,28 (0,97)	2,93 (1,02)	F(1, 505) = 10,46**
	Frequentar clube de striptease sem que eu saiba	3,21 (0,98)	2,94 (0,99)	F(1, 504) = 5,99**
	Mentir para mim sobre uma mensagem trocada com aquela pessoa	3,34 (0,84)	3,12 (0,89)	F(1, 510) = 5,37**
Virtual emocional	Baixar aplicativos para encontrar outras pessoas	3,37 (0,89)	3,02 (0,98)	F(1, 519) = 11,99**
	Trocar secretamente mensagem	3,23 (0,86)	2,91 (0,94)	F(1, 517) = 11,21**

	online com aquela pessoa			
	Esconder de mim mensagens virtuais que trocou com aquela pessoa	3,12 (0,90)	2,76 (0,99)	F(1, 517) = 17,77**
	Enviar fotos suas para aquela pessoa	3,14 (0,95)	2,78 (1,03)	F(1, 509) = 11,34**
	Esconder de mim conversas virtuais que teve com outra pessoa	3,18 (0,86)	2,78 (0,90)	F(1, 503) = 12,19**
	Usar sites ou aplicativos de telefone para encontrar outras pessoas para transar	3,70 (0,78)	3,52 (0,86)	F(1, 517) = 4,25*
	Receber fotos e/ou vídeos eróticos e sensuais da pessoa com quem tem se correspondido online	3,56 (0,83)	3,37 (0,88)	F(1, 506) = 4,36*
Virtual sexual	Trocar mensagens de conteúdo sexual com outra pessoa que tenha conhecido pela internet	3,51 (0,84)	3,21 (0,90)	F(1, 519) = 9,64**
	Assistir outra pessoa se masturbar pela câmera do celular ou do computador	3,38 (0,91)	3,17 (0,95)	F(1, 505) = 4,00*
	Ter conversas pela internet ou celular sobre assuntos picantes e sexuais com outra pessoa	3,38 (0,85)	2,99 (0,89)	F(1, 518) = 17,49**
	Ficar excitado(a) ao conversar com outra pessoa pela internet	3,25 (0,92)	2,92 (0,90)	F(1, 525) = 10,52**

\* $p < 0,05$  \*\* $p < 0,01$

Os resultados apontaram para diferenças entre homens e mulheres em 33 comportamentos, sendo que em todos a média feminina foi superior à masculina. Os comportamentos de infidelidade emocional e virtual emocional foram os que apresentaram maiores diferenças entre os sexos, tendo sido verificada diferença em 93,75% e 71,43% dos comportamentos, respectivamente. Já a infidelidade sexual e virtual sexual tiveram menores índices de diferença entre homens e mulheres, tendo encontrando diferenças em 46,15% e 58,33% dos comportamentos, respectivamente.

## Estudo 2

Além de propósitos de pesquisa, um questionário que avalie os comportamentos de infidelidade é de grande auxílio na clínica com casais, na medida em que possibilita que terapeutas trabalhem com a temática mesmo quando a traição seja velada na relação. Por vezes, os membros do casal se deparam com comportamentos considerados pela maioria das pessoas como infidelidade, mas não estão cientes do quanto esse comportamento causa sofrimento no outro. Dessa forma, esse questionário pretende ser uma ferramenta para

terapeutas para que possam trabalhar com os membros do casal a reverberação do comportamento no outro, possibilitando uma reflexão sobre a dor e sofrimento que esses atos podem causar na relação. Desta forma, para avaliar a pertinência clínica do questionário, realizou-se um grupo focal com terapeutas de casais que estavam no início da sua carreira profissional com o objetivo de discutir a relevância dos itens para a prática clínica.

## **Método**

Tratou-se de um estudo de caráter qualitativo exploratório utilizando a técnica do Grupo Focal (Morgan, 1997) com terapeutas de família e casal. A técnica do Grupo Focal permite aferir não apenas o que as pessoas pensam, mas, sobretudo, por que pensam de determinada maneira. Assim, é possível aceder a novas compreensões e novos olhares. Ao escolher tal técnica, os pesquisadores se dispõem a ouvir, desvelar e compreender diferenças, divergências e contradições (Gatti, 2005). No caso deste trabalho, buscou-se compreender em profundidade a experiência clínica de terapeutas de casal com a temática da infidelidade e quais comportamentos eles observavam e consideravam relevantes para a clínica com casais.

### *Participantes*

Participaram do Grupo Focal quatro psicólogas com especialização em terapia de família e casal. Segundo a literatura especializada na área, para o sucesso do Grupo Focal espera-se de 5 a 12 integrantes (De Antoni et al., 2001; Gomes & Barbosa, 1999). Após o contato com 25 profissionais da área, seis confirmaram a presença, mas somente quatro compareceram. Os participantes foram escolhidos por critério de conveniência através de lista de alunos de cursos na área de família e casal e por efeito bola de neve (Velasco & Díaz de Rada, 1997). As psicólogas tinham idades entre 26 e 30 anos, possuíam poucos anos de experiência na clínica com casais (entre 1 a 5 anos) e a maioria tinha experiência profissional de atendimentos de casos de infidelidade.

### *Instrumentos*

Questionário sociodemográfico: desenvolvido para essa pesquisa a fim de caracterizar as participantes do Grupo Focal quanto idade, condição amorosa, área de formação, tempo de experiência clínica e com casais, experiência com infidelidade na clínica de casais,

surgimento da temática no tratamento e desafios para trabalhar com o tema. O instrumento está disponível no Anexo B.

### *Procedimentos*

Elaborou-se um roteiro prévio (Morgan, 1997) para que servisse de *input* ao debate propondo questões a respeito dos comportamentos de infidelidade a serem pensados no grupo. O roteiro abordou os 49 comportamentos de infidelidade, provenientes do Estudo 1 e foi proposto ao grupo discutir a pertinência desses comportamentos na clínica com casais. Após preenchimento do TCLE e da ficha de dados sociodemográficos, as participantes receberam a lista com os 49 comportamentos de infidelidade e foi pedido que assinalassem aqueles que percebiam terem um impacto nos casais que já haviam atendido na clínica. Finalizada esta etapa, iniciou-se uma discussão a respeito de cada um dos itens. O conjunto de opiniões foi gravado em áudio e vídeo e, juntamente com o questionário sociodemográfico, constituíram o corpo efetivo de texto (Delgado & Gutiérrez, 1995). O encontro teve 1h30 de duração.

### **Resultados**

As informações foram analisadas a partir dos eixos temáticos que surgiram na condução da discussão dos grupos com a utilização da técnica da Análise de Conteúdo (Olabuenaga, 2003). Esta técnica serve para ler e interpretar a realidade desde uma perspectiva de *insider*, captando o significado particular que o protagonista atribui a cada situação e contemplando os elementos como peças de um conjunto sistemático. A análise partiu, portanto, do estabelecimento de unidades temáticas de relevância extraídas do corpo do texto a partir dos roteiros temáticos pré-estabelecidos. No grupo focal abordou-se cada um dos comportamentos de infidelidade, discutindo-se quais seriam relevantes na clínica com casais.

A primeira análise se deu a partir do índice de concordância entre as quatro participantes do Grupo Focal com relação a lista dos 49 comportamentos. Inicialmente, manteve-se todos os comportamentos com no mínimo 75% de concordância entre as participantes com relação a pertinência do item e do quanto representava um comportamento de infidelidade na clínica com casais. Nesta primeira etapa foram excluídos 14 itens.

A análise do conjunto de opiniões dos Grupos Focais permitiu verificar que a discussão sobre a pertinência dos comportamentos de infidelidade estava calcada no conceito

de infidelidade. A análise dos dados emergiu uma definição de infidelidade baseada em cinco grandes temas: ato físico, omissão, virtualidade, proximidade e intimidade.

1. Tema Ato físico: essa categoria estava relacionada ao contato físico e sexual com pessoas fora da relação primária. As participantes trouxeram esse tipo de contato como irrefutável para o caso de uma infidelidade, não deixando espaço para dúvidas nos casais com relação a ter acontecido ou não uma infidelidade. Além de ser concreto e indiscutível, abordaram que pode estar associado a um envolvimento emocional. É importante ressaltar que para os comportamentos de ato físico houve unanimidade de todas as participantes em relação aos comportamentos serem indicadores de infidelidade. Durante o Grupo Focal também relataram que esses comportamentos causam muito sofrimento quando vivenciados pelos casais. Fizeram parte desta categoria seis comportamentos: trocar carícias sexuais com aquela pessoa, beijar na boca daquela pessoa, andar de mãos dadas com outra pessoa, fazer sexo com outra pessoa, fazer sexo oral naquela pessoa e receber sexo oral daquela pessoa.

2. Tema Omissão: essa categoria surgiu com a definição de omitir, ocultar, esconder do parceiro comportamentos e atos que realizou com pessoa fora da relação primária. O segredo estaria vinculado a esta categoria, na medida em que uma informação importante para o casal não é compartilhada com o cônjuge, fomentando a omissão. Conforme dito por uma das participantes: *“Não falou porque? Já está com um pé fora da relação. O segredo é uma infidelidade”*. Com relação ao comportamento de presentear outra pessoa, as participantes relataram exemplos que vistos em terapia de casal, onde um dos cônjuges presenteou a amante com presentes caros ou com presentes iguais ao que deu a esposa. Comentaram que este tipo de comportamento também é uma omissão de informação assim como apagar mensagens para o parceiro não ver, de maneira a esconder um dado.

Fizeram parte desta categoria seis comportamentos: não revelar estar em um relacionamento sério comigo para outra pessoa que tenha conhecido e esteja em contato pela internet, presentear aquela pessoa sem que eu saiba, esconder de mim mensagens virtuais que trocou com aquela pessoa, apagar mensagens virtuais de conteúdo sexual que trocou com outra pessoa, frequentar clube de striptease sem que eu saiba, mentir para mim sobre uma mensagem trocada com aquela pessoa.

3. Tema Relação virtual: esta categoria engloba comportamentos emocionais e sexuais realizados pela internet ou celular. Conforme as participantes relataram no Grupo Focal,

existe um interesse, um desejo em trair, mas ainda não acontece de forma presencial e física. As participantes abordaram o conceito do virtual colado ao real. *“Já existe a intenção, o desejo. A internet faz parte da nossa vida, como uma extensão”*, diz uma das participantes. Os itens que estavam relacionados a masturbação, prazer individual pela internet não foram considerados pelas participantes como comportamentos de infidelidade, conforme uma participante relata: *“É o direito da privacidade”*. Mas quando o contato tratava de um envolvimento com a pessoa, uma atração, desejo, as participantes pontuaram como uma infidelidade, pois reverberava em sofrimento para o outro cônjuge, como foi o caso do item *“se masturbar ao mesmo tempo que outra pessoa está se masturbando online”*, pois existe uma presença mútua, *“é um encontro online, tem presença”*, conforme disse uma participante, indicando uma interação com outra pessoa, mesmo que online. Quanto aos comportamentos online, quando se estabelece uma relação, uma interação, as participantes classificaram como infidelidade. Já na pornografia online, na qual não é estabelecida uma relação, as participantes não consideraram infidelidade.

Compuseram esta categoria oito itens: receber fotos e/ou vídeos eróticos e sensuais da pessoa com quem tem se correspondido online, fazer sexo virtual pela internet com aquela pessoa, trocar mensagens de conteúdo sexual com outra pessoa que tenha conhecido pela internet, se masturbar ao mesmo tempo que outra pessoa está se masturbando online, baixar aplicativos para encontrar outras pessoas, receber fotos e/ou vídeos eróticos e sensuais da pessoa com quem tem se correspondido online, enviar fotos eróticas de si mesmo para outra pessoa na internet e ter conversas pela internet ou celular sobre assuntos picantes e sexuais com outra pessoa.

4. Tema Proximidade: essa categoria está associada a demonstrar desejo de estar próximo de outra pessoa que não seu companheiro(a). Está associada a comportamentos que comunicam estar apaixonado por outra pessoa, conforme relatado por uma participante. *“Não diz, mas comunica, fica aéreo, apaixonado”*. As participantes dizem que são coisas sutis, como trocar o perfume, se vestir diferente que mostram interesse e mudança de comportamento para se aproximar de outra pessoa. Esses comportamentos não são “escancarados” e não necessariamente são um comportamento de infidelidade. Mas quando há o desejo por outra pessoa, querer estar junto com outro, se ver encantado por outro, esse envolvimento define a infidelidade.

Os itens classificados como pertencentes a esta categoria foram seis: demonstrar estar apaixonado por aquela pessoa, buscar realizar atividades para passar mais tempo na presença

daquela pessoa, começar a trabalhar até mais tarde para ficar mais tempo em companhia de um(a) colega de trabalho, flertar/paquerar aquela pessoa, arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar aquela pessoa e trocar de emprego para ficar mais próximo daquela pessoa.

5. Tema Intimidade: nesta categoria o parceiro se sente substituído por outra pessoa nas atividades que antes eram realizadas somente pelo casal. O espaço privado do casal é invadido por pessoa fora da relação primária, conforme pode ser visto na fala de uma participante “*entra no campo da intimidade do casal, algo que era do casal. Agora ele nem quer mais me proporcionar para proporcionar para outra pessoa. Há uma invasão do espaço que era privado, único*”. Os itens que foram contemplados por essa categoria foram os nove a seguir: realizar com aquela pessoa atividades de lazer que normalmente só fazia comigo, manifestar atração sexual por outra pessoa e não por mim, em momentos de lazer comigo ficar ocupado conversando no telefone ou trocando mensagens com aquela pessoa, deixar de fazer coisas comigo para fazer com aquela pessoa, realizar com aquela pessoa atividades de lazer que normalmente só fazia comigo, preferir fazer atividades de lazer com aquela pessoa ao invés de fazer comigo, preferir fazer sexo virtual com outra pessoa ao invés de ter relação sexual, deixar de ter relação sexual comigo para ter com outra pessoa e deixar de fazer algo comigo para passar mais tempo com aquela pessoa.

Após a análise do corpo e classificação dos itens nas cinco dimensões, analisou-se em particular cada uma das dimensões para fazer ajustes na redação dos itens e excluir itens que estavam repetitivos. Ao final, as dimensões e os itens ficaram conforme a Figura 1.

Figura 1

*Dimensões e comportamentos de infidelidade*

# Infidelidade



## 1.1 Ato físico



- Trocar carícias sexuais com outra pessoa
- Beijar na boca de outra pessoa
- Andar de mãos dadas com outra pessoa
- Fazer sexo com outra pessoa

## 1.2 Omissão



- Não revelar estar em um relacionamento sério comigo para outra pessoa que tenha conhecido
- Presentear outra pessoa sem que eu saiba
- Esconder de mim mensagens que trocou com outra pessoa
- Apagar mensagens de conteúdo sexual que trocou com outra pessoa
- Frequentar clube de striptease sem que eu saiba

## 1.3 Virtual



- Trocar fotos e/ou vídeos eróticos e sensuais com outra pessoa com quem se corresponde
- Fazer sexo virtual com outra pessoa
- Trocar mensagens de conteúdo sexual com outra pessoa pela internet
- Masturbar-se na presença de outra pessoa pela internet
- Utilizar aplicativos ou sites de relacionamento para encontrar outras pessoas

## 1.4 Proximidade



- Demonstrar estar apaixonado por outra pessoa
- Buscar realizar atividades para passar mais tempo na presença de outra pessoa
- Começar a trabalhar até mais tarde para ficar mais tempo em companhia de um(a) colega de trabalho
- Flertar/paquerar outra pessoa
- Arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar outra pessoa

## 1.5 Intimidade



- Realizar com outra pessoa atividades que antes só fazia comigo
- Manifestar atração sexual por outra pessoa e não por mim
- Em momentos de lazer comigo, ficar ocupado conversando no telefone ou trocando mensagens com outra pessoa
- Deixar de fazer algo comigo para passar mais tempo com outra pessoa

### **Estudo 3**

A partir dos itens identificados como comportamentos de infidelidade nos estudos 1 e 2, esse estudo se propôs a avaliar a estrutura do questionário de infidelidade em uma amostra de pessoas casadas ou coabitando que haviam vivenciado a infidelidade no seu relacionamento atual. Além disso, visou verificar a incidência dos comportamentos na população brasileira, bem como as diferenças entre homens e mulheres.

#### **Método**

##### *Participantes*

Participaram da pesquisa 237 pessoas, 131 mulheres (55,3%) e 106 homens (44,7%) de orientação heterossexual casados ou que coabitavam com seu(a) parceiro(a) representantes das cinco regiões do Brasil. As idades variaram de 21 a 73 anos, sendo a idade média dos participantes de 38 anos ( $DP = 11,22$ ). A maioria dos participantes possuía nível de Pós-graduação completo (52,3%) e renda mensal superior a sete salários mínimos (43%). Foram incluídos no estudo somente os participantes que tinham idade acima de 21 anos e que viviam junto com seu companheiro(a) por no mínimo seis meses, tempo mínimo para que o casal estabeleça um padrão de funcionamento e uma rotina conjugal (Wagner, Falcke, & Meza, 1997; Wagner, Ribeiro, Arteche, & Bornholdt, 1999). Todos os participantes haviam respondido afirmativamente a pergunta: “Você já traiu seu companheiro(a) atual”. Nesta amostra, 51,1% estavam casados oficialmente, 26,2% tinham união estável e 22,8% moravam junto. O tempo médio que os participantes estavam morando com o companheiro(a) atual foi de 12 anos ( $DP = 10,6$ ).

##### *Instrumentos*

Questionário sociodemográfico: desenvolvido para essa pesquisa a fim de caracterizar a amostra investigada quanto à idade, sexo, situação amorosa, escolaridade e renda.

Questionário de Comportamentos de Infidelidade (QCI) – foi utilizado o questionário de 23 comportamentos de infidelidade elaborado no estudo 2. O instrumento solicitou aos participantes que, partindo do relacionamento atual, pensassem na relação que tiveram com outra pessoa e respondessem o quanto cada um dos comportamentos foram/são significativos,

medindo-os em uma escala *likert* de 5 pontos (1 = não significou nada, 2 = significou pouca coisa, 3 = indiferente, 4 = significou bastante, 5 = significou muito). Caso o comportamento não tivesse ocorrido, o participante poderia marcar a opção “não aconteceu”.

O instrumento pode ser visualizado no Anexo C.

## Resultados

Como o questionário avaliou a vivência dos comportamentos de infidelidade e os participantes tinham a possibilidade de marcar desde não significou nada até quando não havia acontecido, os comportamentos que não haviam ocorrido receberam o valor 0. Como muitos dos comportamentos de infidelidade não foram vivenciados pelos participantes, a análise fatorial exploratória não pode ser realizada pela insuficiência de dados. Desta forma, o questionário avaliou a incidência de cada um dos comportamentos no relacionamento atual. Para tal, os itens foram codificados em um formato binário (0 = não aconteceu; 1 = aconteceu) e o total foi calculado ao somar o número de respostas “aconteceu”. A média de comportamentos de infidelidade ocorridos nesta amostra foi de 11,6 ( $DP = 6$ ), com mínimo de 1 e máximo de 23. Os valores das médias e desvios padrões para a amostra total, feminina e masculina encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3

*Média e desvio padrão dos comportamentos de infidelidade para amostra total e para homens e mulheres*

Comportamento	Total M(DP)	Homens M(DP)	Mulheres M(DP)
1. Trocar carícias sexuais com aquela pessoa	0,73(0,44)	1(0)	0,68(0,47)
2. Estar apaixonado por aquela pessoa	0,67(0,47)	0,61(0,5)	0,68(0,47)
3. Trocar fotos e/ou vídeos eróticos e sensuais com aquela pessoa com quem você se corresponde	0,30(0,46)	0,38(0,5)	0,29(0,46)
4. Começar a trabalhar até mais tarde para ficar mais tempo em companhia de um(a) colega de trabalho	0,47(0,5)	0,46(0,5)	0,47(0,5)
5. Deixar de fazer algo com seu companheiro(a) para passar mais tempo com aquela pessoa	0,47(0,5)	0,38(0,5)	0,48(0,5)
6. Utilizar aplicativos ou sites de relacionamento para encontrar outras pessoas	0,29(0,46)	0,46(0,5)	0,26(0,44)
7. Em momentos de lazer com seu companheiro(a),	0,53(0,5)	0,61(0,5)	0,51(0,5)

ficar ocupado conversando no telefone ou trocando mensagens com aquela pessoa			
8. Não revelar estar em um relacionamento sério para outra pessoa que tenha conhecido	0,38(0,49)	0,54(0,51)	0,35(0,48)
9. Manifestar atração sexual por aquela pessoa e não por seu companheiro(a)	0,68(0,47)	0,61(0,5)	0,70(0,46)
10. Trocar mensagens de conteúdo sexual com aquela pessoa pela internet	0,34(0,48)	0,54(0,52)	0,30(0,46)
11. Buscar realizar atividades para passar mais tempo na presença daquela pessoa	0,57(0,5)	0,69(0,48)	0,55(0,5)
12. Flertar/paquerar aquela pessoa	0,81(0,4)	0,92(0,27)	0,79(0,41)
13. Andar de mãos dadas com aquela pessoa	0,40(0,5)	0,38(0,5)	0,40(0,5)
14. Arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar aquela pessoa	0,82(0,4)	0,69(0,48)	0,85(0,36)
15. Presentear aquela pessoa sem que seu companheiro(a) saiba	0,39(0,5)	0,61(0,5)	0,35(0,48)
16. Realizar com aquela pessoa atividades que antes só fazia com seu companheiro(a)	0,45(0,5)	0,46(0,52)	0,45(0,5)
17. Frequentar clube de striptease sem que seu companheiro(a) saiba	0,16(0,37)	0,15(0,37)	0,17(0,37)
18. Fazer sexo com aquela pessoa	0,60(0,5)	0,77(0,44)	0,57(0,5)
19. Apagar mensagens de conteúdo sexual que trocou com aquela pessoa	0,53(0,5)	0,69(0,48)	0,5(0,5)
20. Beijar na boca daquela pessoa	0,72(0,45)	0,92(0,28)	0,68(0,47)
21. Masturbar-se na presença daquela pessoa pela internet	0,24(0,43)	0,46(0,52)	0,20(0,4)
22. Esconder do seu companheiro(a) mensagens que trocou com aquela pessoa	0,78(0,41)	0,92(0,28)	0,76(0,43)
23. Fazer sexo virtual com aquela pessoa	0,21(0,41)	0,30(0,48)	0,20(0,4)

Conforme apresentado na Tabela 3, os comportamentos de infidelidade mais frequentes para as mulheres foram “14. Arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar aquela pessoa” (84,8%), “12. Flertar/paquerar aquela pessoa” (78,8%), “22. Esconder do seu companheiro(a) mensagens que trocou com aquela pessoa” (75,8%), “9. Manifestar atração sexual por aquela pessoa e não por seu companheiro(a)” (69,7%), “1. Trocar carícias sexuais com aquela pessoa” (68,2%), “2. Estar apaixonado por aquela pessoa” (68,2%) e “20. Beijar na boca daquela pessoa” (68,2%). Em média, as mulheres tiveram 11,20 ( $DP = 6$ ) comportamentos de infidelidade.

Para os homens, os comportamentos mais frequentes foram “1. Trocar carícias sexuais com aquela pessoa” (100%), “12. Flertar/paquerar aquela pessoa” (92,3%), “20. Beijar na boca daquela pessoa” (92,3%), “22. Esconder do seu companheiro(a) mensagens que trocou com aquela pessoa” (92,3%), “18. Fazer sexo com aquela pessoa” (76,9%), “11. Buscar realizar atividades para passar mais tempo na presença daquela pessoa” (69,2%), “14. Arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar aquela pessoa” (69,2%) e “19. Apagar mensagens de conteúdo sexual que trocou com aquela pessoa” (69,2%). Em média, os homens tiveram 13,61 ( $DP = 5,63$ ) comportamentos de infidelidade.

Ao considerar os 23 comportamentos, encontrou-se diferença significativa entre homens e mulheres para dois dos comportamentos: “1. Trocar carícias sexuais com aquela pessoa”  $F(1, 79) = 5,91$ ;  $p = 0,01$  e “21. Masturbar-se na presença daquela pessoa pela internet”  $F(1, 79) = 4,28$ ;  $p = 0,04$ , sendo que para ambos os comportamentos, a média maior foi para os homens quando comparado com as mulheres.

## **Discussão**

Afinal, como podemos descrever a infidelidade? Apesar da alta prevalência e das consequências devastadoras para os relacionamentos amorosos, ainda existe pouco consenso sobre quais atos são aceitáveis nas interações cotidianas, considerando comportamentos emocionais, sexuais e virtuais e quais são considerados infidelidade. Apesar dos estudos não apresentarem dificuldade em identificar comportamentos sexuais associados à traição, as pesquisas tem apresentado uma inconsistência nas percepções dos indivíduos sobre quais comportamentos não sexuais são indicativos de infidelidade (Wilson et al., 2011).

Desta forma, o presente estudo foi no sentido de melhor definir o que homens e mulheres adultos percebem como infidelidade, apontando quais atos e comportamentos estão ligados a uma ruptura do contrato de exclusividade emocional e sexual. Os resultados revelam que os comportamentos relacionados a esfera sexual são mais facilmente identificados como infidelidade, corroborando estudos já realizados na área (Thornton & Nagurney, 2011; Wilson et al., 2011). Na primeira etapa da pesquisa, os participantes avaliaram como comportamentos de infidelidade se seus parceiros realizassem a maioria dos comportamentos de infidelidade virtual sexual (91,6%) e sexual (76,9%). Quanto aos comportamentos vinculados ao emocional, ainda que causem sofrimento e desgaste nos relacionamentos em medida similar aos sexuais, são mais difíceis de serem identificados e contam com a interpretação de cada membro do casal. Apenas a metade dos comportamentos emocionais (51,6%) e virtual

emocional (63,6%) foram considerados comportamento de infidelidade. Como grande parte dos itens de infidelidade emocional foram excluídos na primeira etapa da pesquisa, denota a dificuldade de mensurar esses comportamentos e a labilidade dessa subescala. Enquanto fica evidente quando uma traição ocorreu na presença de atos sexuais, comportamentos ligados ao emocional deixam maior dúvida. Estes achados vão ao encontro dos resultados de pesquisas anteriores que já apontavam para a dificuldade de conceituar e identificar a infidelidade emocional (Wilson et al., 2011).

Além disso, ao verificar a diferença entre homens e mulheres, percebe-se que as mulheres identificam maior número de comportamentos como infidelidade que os homens, especialmente os comportamentos de infidelidade emocional. Outros estudos na área já apresentavam esses dados evidenciando que as mulheres percebem e apontam mais itens como infidelidade quando comparado com os homens, já que pesquisas tem mostrado que as mulheres tem uma sensibilidade maior à temática da infidelidade que os homens, particularmente a infidelidade emocional (Thornton & Nagurney, 2011). Em geral, as mulheres tem maior facilidade de identificar comportamentos emocionais como infidelidade, contudo, essas diferenças não são conclusivas, pois ao avaliar a incidência dos comportamentos nos relacionamentos atuais, homens e mulheres não apresentaram diferenças. Além disso, parece que responder aquilo que meu parceiro poderia ter feito com outra pessoa causa mais sofrimento e reflexão do que referindo-se aos seus próprios. Nesse sentido, por mais que as mulheres expressem maior sensibilidade aos comportamentos de infidelidade emocional que os homens, elas são perpetuadoras desses comportamentos na mesma medida que os homens.

Outro achado importante deste estudo diz respeito as interações emocionais e sexuais pela internet. Mesmo que não haja contato físico, os participantes desta pesquisa apontaram comportamentos virtuais como infidelidade. Entende-se que o fato de investir em outra pessoa, mesmo sendo online, é causa de sofrimento tão autêntico e real como atos de infidelidade presencial. Estes achados apontam para a importância de terapeutas estarem atentos e trabalharem com seus pacientes o efeito nefasto destes atos para os relacionamentos, visto que cada vez mais a tecnologia tem estado presente na vida dos casais.

Os achados deste estudo levam a pensar sobre o paradoxo atual da conjugalidade *versus* individualidade, o espaço individual de cada um dos cônjuges frente as demandas da vida a dois. Um aspecto importante que foi desconstruído no grupo focal com terapeutas foi relativo ao espaço privado da sexualidade de cada um. Ter seu próprio espaço para imaginar, fantasiar, se tocar, se masturbar é importante para o exercício da sexualidade na vida do casal.

Embora algumas pessoas possam considerar esses comportamentos como infidelidade, é importante questionar os casais quanto a privacidade e espaço individual de cada um sem que isso tenha um impacto negativo no outro.

Esse paradoxo da vida atual também pode ser pensado na maneira de mensurar a infidelidade. Apesar desse estudo se propor a construir uma medida de infidelidade sexual, emocional, virtual sexual e virtual emocional, os resultados apontam para uma complexidade vinculada a definição e mensuração do constructo. Embora desde os primeiros estudos (Glass & Wright, 1985, 1992; Thompson, 1984) tenha-se compreendido a infidelidade por tipologias, e essa pesquisa apresentou aportes científicos de que existem comportamentos sexuais, emocionais e virtuais vinculados a infidelidade, esses achados apontam mais para uma visão integrada do fenômeno. Não seria reducionista dividir a infidelidade em tipos, já que todos os comportamentos são causadores de sofrimento nos casais? A diferença aparece na identificação dos comportamentos. Enquanto as pessoas apresentam clareza sobre os comportamentos de infidelidade sexual, parece haver maior dificuldade em identificar comportamentos de infidelidade emocional e virtual. Dado esse resultado, ressalta-se a importância de terapeutas estarem treinados e atentos para trabalharem com os casais os comportamentos mais ambíguos relacionados à infidelidade. Além disso, como a infidelidade gera sofrimento e pode abalar o grau de confiança entre os membros do casal, é importante estar ciente da percepção que o parceiro(a) tem sobre infidelidade, podendo auxiliar a melhorar a comunicação e diminuir conflitos a respeito da temática, contribuindo para um maior entendimento e saúde da relação conjugal.

Apesar desse estudo se propor a criar um instrumento de medida de infidelidade baseando na experiência vivida, os resultados demonstram a dificuldade de mensurar a infidelidade. É importante ressaltar que o primeiro estudo quantitativo contou com uma amostra masculina reduzida, denotando um maior interesse e curiosidade das mulheres pela temática. Desta forma, sugere-se a aplicação da versão final do questionário em uma amostra representativa da população para ter resultados sobre a vivência da infidelidade em homens e mulheres brasileiros.

## Referências

- Almeida, T. De. (2007). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. Universidade de São Paulo. Retrieved from [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-06032007-173046/publico/Ciume\\_romantico\\_e\\_infidelidade\\_amorosa.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-06032007-173046/publico/Ciume_romantico_e_infidelidade_amorosa.pdf)
- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(3), 339–360. doi:10.1177/0265407505052440
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: a methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183–216. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15974058>
- Boğda, D. K., & Şendil, G. (2012). Investigating infidelity tendency and conflict management based on attachment styles and gender. *Electronic Journal of Social Sciences*, 40(11), 205–220.
- Buss, D. M., Shackelford, T. K., Kirkpatrick, L. a., Choe, J. C., Lim, H. K., Hasegawa, M., ... Bennett, K. (1999). Jealousy and the nature of beliefs about infidelity: Tests of competing hypotheses about sex differences in the United States, Korea, and Japan. *Personal Relationships*, 6(1), 125–150. doi:10.1111/j.1475-6811.1999.tb00215.x
- Carpenter, C. J. (2012). Meta-Analyses of Sex Differences in Responses to Sexual Versus Emotional Infidelity: Men and Women Are More Similar than Different. *Psychology of Women Quarterly*, 36(1), 25–37. doi:10.1177/0361684311414537
- Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A. A., & Teodoro, M. L. M. (2010). Tradução e validação de conteúdo: Uma proposta para a adaptação de instrumentos. In L. Pasquali & Colaboradores (Eds.), *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas* (pp. 506–520). Porto Alegre, RS: Artmed.
- De Antoni, C., Martins, C., Ferronato, M. A., Simões, A., Maurenre, V., Costa, F., & Koller, S. H. (2001). Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 53(2), 38–53.
- Delgado, J. M., & Gutiérrez, J. (1995). *Métodos y técnicas cualitativos de investigación en ciencias sociales*. Madrid, ES: Editorial Síntesis.
- Drigotas, S. M., & Barta, W. (2001). The Cheating Heart: Scientific Explorations of Infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10(5), 177–180.

- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An Investment Model Prediction of Dating Infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509–524.
- Ferron, A. (2013). Spousal problems arising from Internet usage: Cyber infidelity and sexting. *Integrating Science and Practice*, 3(2), 27–31.
- Fish, J. N., Pavkov, T. W., Wetchler, J. L., & Bercik, J. (2012). Characteristics of those who participate in infidelity: The role of adult attachment and differentiation in extradyadic experiences. *The American Journal of Family Therapy*, 40(3), 214–229. doi:10.1080/01926187.2011.601192
- Galarza, J. G., Martínez-Taboas, A., & Ortiz, D. M. (2009). Factores psicológicos asociados a la infidelidad sexual y/o emocional y su relación a la búsqueda de sensaciones en parejas puertorriqueñas. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, 20, 59–81.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Líber Livro.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex Differences in Type of Extramarital Involvement and Marital Dissatisfaction. *Sex Roles*, 12(9/10), 1101–1120.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1992). Justifications for Extramarital Relationships- The Association between Attitudes, Behaviors, and Gender. *The Journal of Sex Research*, 29(3), 361–387.
- Goldenberg, M. (2011). *Por que homens e mulheres traem?* Rio de Janeiro, RJ: BestBolso.
- Gomes, M. E. S., & Barbosa, E. F. (1999). A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos. *Educativa*, Fevereiro, 1–7.
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2013). Infidelid@de.com: Infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet. *Psicologia Em Revista*, 19(2), 305–327.
- Hertlein, K. M., Weeks, G. R., & Gambescia, N. (2009). An integrative approach to infidelity treatment. In K. M. Hertlein, G. R. Weeks, & N. Gambescia (Eds.), *Systemic sex therapy* (pp. 287–310). New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group.
- Jackman, M. (2015). Understanding the cheating heart: What determines infidelity intentions? *Sexuality & Culture*, 19(1), 72–84. doi:10.1007/s12119-014-9248-z
- Kruger, D. J., Fisher, M. L., & Fitzgerald, C. J. (2015). Factors influencing the intended likelihood of exposing sexual infidelity. *Archives of Sexual Behavior*, 44, 1697–1704. doi:10.1007/s10508-014-0469-x
- Lima, P. (2013, May 23). Gaúchas de 40 mais vaidosas e menos fiéis. *Zero Hora*. Porto Alegre, RS.

- Luo, S., Cartun, M. a., & Snider, A. G. (2010). Assessing extradyadic behavior: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences*, *49*(3), 155–163. doi:10.1016/j.paid.2010.03.033
- Mattingly, B. A., Wilson, K., Clark, E. M., Bequette, A. W., & Weidler, D. J. (2010). Foggy Faithfulness: Relationship Quality, Religiosity, and the Perceptions of Dating Infidelity Scale in an Adult Sample. *Journal of Family Issues*, *31*(11), 1465–1480. doi:10.1177/0192513X10362348
- Moller, N., & Vossler, A. (2015). Defining infidelity in research and couple counseling: A qualitative study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *41*(5), 487–497. doi:10.1080/0092623X.2014.931314
- Morgan, D. L. (1997). *Focus Groups as qualitative research* (2 ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- O’Sullivan, L. F., & Ronis, S. T. (2013). Virtual cheating hearts: Extradyadic and poaching interactions among adolescents with links to online sexual activities. *Canadian Journal of Behavioural Science*, *45*(3), 175–184. doi:10.1037/a0031683
- Olabuenaga, J. I. R. (2003). *Metodología de la investigación cualitativa* (3rd ed., Vol. 15). Bilbao: Artes Gráficas Rontegui.
- Palencia, A. R., Rivera-Aragón, S., & Díaz-Loving, R. (2007). Desarrollo del inventario multidimensional de infidelidad (IMIN). *Revista Iberoamericana de Diagnóstico Y Evaluación Psicológica*, *23*(1), 121–147.
- Pasquali, L. (2010). A medida psicométrica. In L. Pasquali & Colaboradores (Eds.), *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas* (pp. 104–115). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Randall, H. E., & Byers, E. S. (2003). What is sex? Students’ definitions of having sex, sexual partner, and unfaithful sexual behavior. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, *12*(2), 87–96. doi:10.1007/978-1-4020-6869-0\_2
- Scheeren, P., & Wagner, A. (no prelo). *O que sabemos sobre infidelidade? Um estudo de revisão sistemática da literatura nacional e internacional*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Shackelford, & Buss, D. M. (1997). Cues to Infidelity. *Personality & Social Psychology Bulletin*, *23*(10), 1034–1045.
- Thompson, A. P. (1984). Emotional and sexual components of extramarital relations. *Journal of Marriage and the Family*, (february), 35–42.
- Thornton, V., & Nagurney, A. (2011). What is infidelity? Perceptions based on biological sex

- and personality. *Psychology Research and Behavior Management*, 4, 51–8.  
doi:10.2147/PRBM.S16876
- Velasco, M. H., & Díaz de Rada, A. (1997). *La lógica de la investigación etnográfica: Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela*. Madrid, ES: Trotta.
- Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. B. D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 10(1), 155–167.
- Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteche, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 12(1), 147–156.
- Whitty, M. T. (2003). Pushing the Wrong Buttons : Men ' s and Women ' s Attitudes toward Online and Offline Infidelity. *CyberPsychology & Behavior*, 6(6), 569–579.
- Whitty, M. T. (2005). The realness of cybercheating: Men's and women's representations of unfaithful Internet relationships. *Social Science Computer Review*, 23, 57–67.
- Whitty, M. T., & Quigley, L. L. (2008). Emotional and sexual infidelity offline and in cyberspace. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(4), 461–468.  
doi:10.1111/j.1752-0606.2008.00088.x
- Wilson, K., Mattingly, B. a, Clark, E. M., Weidler, D. J., & Bequette, A. W. (2011). The gray area: Exploring attitudes toward infidelity and the development of the Perceptions of Dating Infidelity Scale. *The Journal of Social Psychology*, 151(1), 63–86.  
doi:10.1080/00224540903366750
- Yeniçeri, Z., & Kökdemir, D. (2006). University students ' Perceptions of, and explanations for, infidelity : The development of the infidelity questionnaire (IFNQ). *Social Behavior and Personality*, 34(6), 639–650.

## CAPÍTULO IV

### **Ser infiel na conjugalidade: A experiência de homens e mulheres**

Patrícia Scheeren

Adriana Wagner

**Resumo :** Diversas pesquisas no cenário internacional têm se preocupado em investigar a infidelidade, tema gerador de grande número de divórcios e perpetuador de sofrimento nos relacionamentos. Apesar da sua importância, identifica-se uma escassez de pesquisas a respeito do tema no cenário brasileiro. Assim, este artigo visa conhecer a vivência da infidelidade em uma amostra brasileira ao descrever como homens e mulheres coabitando ou casados vivenciam a infidelidade com relação a frequência, tipos de comportamentos e motivos para busca de tal experiência. Participaram da pesquisa 237 pessoas com idade média de 38 anos ( $DP = 11,22$ ) que reportaram terem sido infiéis ao companheiro(a) atual. Os participantes responderam a uma ficha de dados sociodemográficos e do relacionamento, ao Questionário de Infidelidade e a Escala de Ajustamento Conjugal Revisada. Os resultados apontam para a similaridade dos comportamentos de infidelidade entre homens e mulheres, além de identificar que o principal motivador para a traição para ambos os sexos é a insatisfação com o companheiro(a) ou com a relação. Esses achados evidenciam a importância de considerar a infidelidade como um fenômeno relacional.

**Palavras-chave :** infidelidade, relações conjugais, comportamentos de infidelidade, motivos de infidelidade

### **Being unfaithful in marital relationships: The experience of men and women**

**Abstract :** Several researches on the international scenario have been concerned about investigating infidelity, an important cause of divorce and suffer in the relationships. Despite its importance, there is a lack of research about infidelity with the Brazilian population. Thus, this article aims to learn the experience of infidelity in a Brazilian sample to describe how married or cohabiting men and women experience infidelity considering the frequency, types of behaviors and reasons for infidelity. Participated of the study 237 subjects aged in average of 38 years old ( $SD = 11.22$ ) who reported having been unfaithful to their current partner. Participants answered a sociodemographic questionnaire, the infidelity questionnaire and Revised Dyadic Adjustment Scale. The results shows the similarity of the infidelity's

behaviors in men and women, and identified as the main reason for infidelity both men and women the partner or the relationship dissatisfaction. These findings highlight the importance of considering infidelity as a relational phenomenon.

**Keywords :** infidelity, marriage, infidelity behavior, reasons for infidelity

A infidelidade tem sido tema de discussão entre os pesquisadores da área há mais de 30 anos (K. M. Hertlein & Weeks, 2007). Pesquisas tem demonstrado que a infidelidade pode ter efeitos negativos no casamento, podendo, inclusive, levar à ruptura do vínculo (Whisman, Gordon, & Chatav, 2007; Zordan & Strey, 2011). Uma revisão sistemática da literatura (Scheeren & Wagner, no prelo) sugere prevalências de infidelidade entre 1,2% (Beaulieu-Pelletier, Philippe, Lecours, & Couture, 2011) a 89,4% (Zhang, Parish, Huang, & Pan, 2012). No Brasil, o estudo conduzido por Goldenberg (2011) com 1279 homens e mulheres das camadas médias urbanas do Rio de Janeiro mostrou que 60% dos homens e 47% das mulheres já foram infiéis.

Tendo em vista a grande variedade de conceitos e medidas encontrados na literatura para o constructo infidelidade e visando compreender mais profundamente esta definição, Moller e Vossler (2015) entrevistaram sete terapeutas de casal com experiência clínica em casos de infidelidade na Inglaterra, investigando como os casais atendidos por estes terapeutas definem a infidelidade. A definição mais comum dada pelos casais está vinculada a ter uma relação sexual com pessoa fora do relacionamento primário. Em segundo lugar, ter contato físico sexual e/ou envolvimento emocional com pessoas fora do relacionamento e, por fim, esconder o envolvimento do parceiro. Blow & Hartnett (2005) definiram a infidelidade como um ato sexual e/ou emocional exercido por uma pessoa que está em uma relação de compromisso, sendo que este ato ocorre fora desta relação primária e constitui uma quebra de confiança e/ou violação das normas acordadas pelo casal por um ou ambos os indivíduos numa relação de exclusividade emocional e/ou sexual.

No contexto brasileiro, em uma pesquisa online na qual participaram 276 usuários da internet que estavam em um relacionamento amoroso heterossexual, 23,1% do participantes definiram a infidelidade como uma quebra de contrato. Além deste, foram citados outros aspectos, tais como ter outra pessoa, mentir, manter contato físico com outra pessoa, ter desejo por outra pessoa, manter-se em um relacionamento sem sentimento e falta de respeito (Haack & Falcke, 2013). Nesta amostra, 61,7% dos participantes afirmaram ter um

compromisso de exclusividade com o parceiro(a) e 21% disseram nunca terem conversado a respeito de infidelidade com seu companheiro(a).

Ainda que as fronteiras estejam cada vez mais difusas no que se refere aos papéis de gênero na conjugalidade, pesquisas desde os anos 80 tem apontado para diferenças entre homens e mulheres no que se refere à infidelidade, sendo as diferenças de sexo uma das maiores áreas de estudo dentro do campo da infidelidade (Atkins, Baucom, & Jacobson, 2001; Glass & Wright, 1985; Greeley, 1994; Kemer, Bulgan, & Çetinkaya Yıldız, 2015). Pesquisas dos anos 80 e 90, assinalaram que, ao comparar com as mulheres, os homens são mais suscetíveis a se engajarem em uma variedade de comportamentos sexuais com pessoas fora do relacionamento primário (Greeley, 1994; Wiederman, 1997), independente da sua condição amorosa. Além disso, os homens tendem a ter mais experiências fisicamente intensas que as mulheres (Glass & Wright, 1985), isso é, embora as mulheres sejam mais inclinadas a abraçar e beijar em uma situação de infidelidade, homens podem ter significativamente mais contato físico, incluindo a relação sexual. Em contraste, as mulheres se engajam mais em infidelidade do tipo emocional (Glass & Wright, 1985) e são mais suscetíveis que os homens de se apaixonarem pelo amante.

Apesar de haver uma lacuna de estudos dos anos 90 às pesquisas mais recentes, percebe-se que os resultados mais atuais corroboram os primeiros resultados de pesquisas da área. Estudos dos últimos anos tem apontado que homens demonstram maior necessidade de novas sensações e, conseqüentemente, são mais propensos a se engajarem em comportamento extraconjugal (Lalasz & Weigel, 2011). Além disso, as pesquisas também têm demonstrado diferenças entre a forma que homens e mulheres respondem a diferentes tipos de infidelidade. As mulheres tendem a apresentar mais ciúmes relacionado a infidelidade emocional enquanto os homens à infidelidade sexual (Guadagno & Sagarin, 2010). As mulheres consideram uma intensa relação emocional com pessoa fora da relação como um envolvimento infiel, mesmo que não tenha um componente físico. Para os homens, é prioridade ter contato físico, tipicamente sexual, para constituir infidelidade, dispensando o envolvimento emocional (Thornton & Nagurney, 2011).

As razões que levam as pessoas a se envolverem com alguém fora do relacionamento são as mais variadas e complexas ao longo do tempo. No anos 90, Lusterman (1998) apontou que as pessoas são infiéis por diversas razões, podendo ter relação com a família de origem, com as crenças a respeito do sexo oposto ou a um sentimento de vulnerabilidade em algum momento do ciclo vital, como o nascimento de um filho. As primeiras pesquisas científicas a respeito dos motivos de infidelidade foram realizadas por Glass e Wright (1992). Preocupadas

em explicar o comportamento infiel, as autoras propuseram 17 justificativas para a infidelidade derivadas da prática clínica e de pesquisa bibliográfica. A análise dos dados indicou quatro justificativas: 1) sexual, relacionada à curiosidade, excitação e variedade de parceiros sexuais; 2) amor romântico, busca de afeto e paixão; 3) intimidade emocional, procura de uma companhia compreensiva e respeitosa, refletindo em um aumento da autoestima; e 4) motivação extrínseca, sentimento de vingança da traição sofrida ou busca de ascensão da carreira profissional. Os resultados do estudo apontaram para diferenças entre homens e mulheres, sendo que os homens apresentaram mais justificativas sexuais enquanto as mulheres justificativas relacionadas a intimidade emocional.

Outros estudiosos propuseram categorias a partir de revisão da literatura. Drigotas, Safstrom e Gentilia (1999) apresentaram cinco categorias para justificar a infidelidade: 1) satisfação sexual, onde há busca pela variedade sexual ou devido incompatibilidade sexual com o parceiro(a); 2) satisfação emocional, na qual o foco é a satisfação emocional com um novo relacionamento; 3) contexto social, incluindo variáveis como oportunidade ou separação física do companheiro(a); 4) normas e atitudes, relacionadas a normas sociais, como permissividade sexual; e 5) por fim, vingança/hostilidade associadas ao desejo de revidar a traição sofrida.

Mais recentemente, Barta e Kiene (2005) investigaram as motivações para a infidelidade em uma amostra de 451 estudantes universitários norte-americanos, encontrando quatro justificativas: 1) insatisfação com o parceiro(a); 2) negligência e falta do parceiro(a) no relacionamento; 3) raiva, desejo de punir o parceiro(a); e 4) sexo, interesse em variedade e maior frequência sexual. A insatisfação foi o motivo mais apontado pelos participantes como justificativa para infidelidade, seguido por negligência, sexo e raiva. Os resultados também mostraram que mulheres eram mais motivadas por questões emocionais (insatisfação, negligência e raiva) enquanto que os homens pela motivação sexual. Os achados vão no sentido de que as mulheres são mais suscetíveis que os homens a se engajar em infidelidade devido a uma insatisfação com o parceiro no relacionamento primário. Do contrário, os homens são mais suscetíveis a se engajar em infidelidade motivados por fatores sexuais, contudo, essa motivação sexual normalmente não ocorre de forma isolada, mas sim num contexto de insatisfação conjugal e negligência emocional da parceira. Nestes casos, a infidelidade pode se dar como uma resposta possível a uma situação de insatisfação com o relacionamento.

Os resultados das razões para 404 jovens universitários na Turquia se engajarem em infidelidade foram estudados por Yeniçeri e Kökdemir (2006). A análise dos resultados

indicou seis motivos: 1) legitimidade, relacionado à vingança, ou seja, o parceiro(a) merece ser traído; 2) sedução, implica em seduzir ou ser seduzido por uma terceira pessoa; 3) normalização, a infidelidade é vista como um ato normal; 4) sexualidade, onde alguma lacuna na vida sexual do casal explicaria a infidelidade; 5) contexto social, está relacionado a atos como ter casado cedo, crescer numa cultura conservadora; e por fim, 6) procura de novas sensações, busca de diversão, paixão e sair da rotina. Os resultados demonstraram que homens tendem a dar mais importância para a sedução como causa da infidelidade enquanto as mulheres atribuem ao contexto social. Os resultados demonstram que a legitimidade foi percebida como uma razão de infidelidade se o traidor fosse uma mulher. Entretanto, se o traidor fosse um homem, sedução, sexualidade e contexto social foram componentes mais citados como causa de infidelidade (Yeniçeri & Kökdemir, 2006).

Este aspecto também foi pesquisado em um contexto latino, numa amostra de 1200 mexicanos com idade média de 25 anos que estavam numa relação amorosa no momento da coleta dos dados (Palencia et al., 2007), a qual revelou sete motivos para infidelidade: 1) insatisfação com a relação primária, no qual atribui a infidelidade a problemas de comunicação, atenção e interesses; 2) sexualidade, a infidelidade motivada pela busca de satisfação de necessidades sexuais; 3) instabilidade emocional e social, a infidelidade relacionada a problemas do tipo pessoal, principalmente de ordem emocional; 4) ideologia e normas, justificando a infidelidade a partir da educação, valores e ética individual do sujeito; 5) impulsividade, a infidelidade como consequência de comportamentos impulsivos; 6) apatia, a infidelidade relacionada ao desamor e a apatia na relação primária; e 7) agressão, que atribui a infidelidade a sentimentos de vingança frente a infidelidade do companheiro(a).

Em Portugal, Martins (2012) avaliou 495 pessoas questionando sobre os motivos para a infidelidade. O motivo mais citado para os homens foi a oportunidade, enquanto que para as mulheres a infelicidade na relação. Além disso, já ter sido infiel a um parceiro e uma menor satisfação com a conjugalidade foram variáveis preditoras da infidelidade. No Brasil, o estudo online realizado por Haack e Falcke (2013) com 276 brasileiros usuários da internet, os participantes justificaram seus atos de infidelidade por motivos tais como: curiosidade para experimentar outros relacionamentos, desgaste no relacionamento primário, carência, falta de comprometimento, antecipação de uma possível traição do parceiro(a) e vingança.

Ainda com uma amostra brasileira, Goldenberg (2006), encontrou diferenças no posicionamento de homens e de mulheres quanto aos motivos de traição. Os homens se justificaram por terem uma natureza/essência propensa à infidelidade. Já as mulheres, responsabilizaram seus parceiros pelo fato delas cometerem infidelidade. Homens disseram

trair por atração física, vontade, tesão, oportunidade, “galinhagem”, natureza masculina e instinto. Já nas respostas femininas, insatisfação com o parceiro, falta de amor, para levantar a autoestima, vingança, além de não se sentirem desejadas pelos parceiros.

As razões para a infidelidade são as mais variadas, mas percebe-se um ponto em comum entre os estudos. Na sua grande maioria, as pesquisas apontam para fatores relacionados a insatisfação com o relacionamento conjugal e/ou com o parceiro(a) ou busca de amor romântico; aspectos relacionados a sexualidade, como busca de novas experiências sexuais ou insatisfação sexual com o parceiro(a); busca de liberdade e quebra da rotina; infidelidade como uma resposta a traição sofrida; e oportunidade ou um contexto propício à traição. Apesar dos resultados das pesquisas não serem conclusivos, percebe-se, de maneira geral, fatores de ordem pessoal, relacional e contextual implicados na busca pela infidelidade.

Embora a infidelidade seja um fenômeno prevalente nos relacionamentos e que acarreta altos níveis de sofrimento, inclusive culminando em divórcio conjugal, ainda percebe-se os esforços empreendidos para conhecer melhor essa temática que carece ser examinada mais profundamente e de forma mais sistemática (Scheeren & Wagner, no prelo). A partir da perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1994), entende-se que a infidelidade é permeável e relacionada por fatores de nível pessoal, relacional e contextual. Desta maneira, este artigo visa contribuir de forma a conhecer a vivência da infidelidade em uma amostra brasileira ao descrever como homens e mulheres coabitando ou casados vivenciam a infidelidade, com relação a frequência, tipos de comportamentos e motivos da busca de uma relação fora do relacionamento primário.

## **Método**

### *Participantes*

Participaram da pesquisa 237 pessoas, 131 mulheres (55,3%) e 106 homens (44,7%) de orientação heterossexual casados ou que coabitavam com seu(a) parceiro(a) representantes das cinco regiões do Brasil. As idades variaram de 21 a 73 anos, sendo a idade média dos participantes de 38 anos ( $DP = 11,22$ ). Foram incluídos no estudo somente os participantes que tinham idade acima de 21 anos e que viviam junto com seu companheiro(a) por no mínimo seis meses, tempo mínimo para que o casal estabeleça um padrão de funcionamento e uma rotina conjugal (Wagner et al., 1997, 1999). Todos os participantes haviam respondido afirmativamente a pergunta: “Você já traiu seu companheiro(a) atual”. Nesta amostra, 51,1%

estavam casados oficialmente, 26,2% tinham união estável e 22,8% moravam junto. O tempo médio que os participantes estavam morando com o companheiro(a) atual foi de 12 anos ( $DP = 10,6$ ), variando de menos de um ano até 49 anos de coabitação. Dos respondentes, 62% tinham filhos e destes, em 74,8% dos casos os filhos habitavam com os participantes. Com relação ao nível de escolaridade, 62,7% estavam cursando ou já haviam finalizado um curso de pós-graduação, e 42,5% tinham renda pessoal de até cinco salários mínimos. No que se refere à prática religiosa, 36,5% relataram não ser praticantes enquanto que 8,2% se disseram muito praticantes.

### *Instrumentos*

Questionário de Dados sociodemográficos e do relacionamento: desenvolvido para esta pesquisa a fim de caracterizar a amostra investigada quanto a variáveis relativas as características pessoais ( idade, escolaridade, religião, etc), do casamento (informações sobre infidelidade no relacionamento atual e em relacionamentos anteriores) e informações relativas a infidelidade (como vivência de um relacionamento aberto, frequência da infidelidade). Esse questionário teve uma pergunta aberta para avaliar as razões da infidelidade: “Descreva o motivo que fez você trair seu companheiro(a)”.

Questionário de Comportamentos de Infidelidade – QCI (Scheeren & Wagner, no prelo-a). Avalia 23 comportamentos de infidelidade e sua incidência no relacionamento atual, tais como “Trocar carícias sexuais com aquela pessoa”, “Estar apaixonado por aquela pessoa”, “Flertar/paquerar aquela pessoa”. Os itens foram codificados em um formato binário (0 = não aconteceu; 1 = aconteceu) e o total foi calculado ao somar o número de respostas “aconteceu”. A média de comportamentos de infidelidade ocorridos nesta amostra foi de 11,6 ( $DP = 6$ ), com mínimo de 1 e máximo de 23.

Escala de Ajustamento Conjugal Revisada - RDAS-P (*Revised Dyadic Adjustment Scale* de Busby, Christensen, Crane e Larson (1995)) traduzida e adaptada para o português Brasileiro por Hollist et al. (2012). O RDAS-P é um instrumento composto por 14 itens medidos em uma escala do tipo *likert* de 6 pontos, que compõem três subescalas: satisfação, consenso e coesão. A satisfação avalia a estabilidade percebida no relacionamento e como os conflitos são encaminhados. O consenso mede o grau de concordância sobre assuntos de casal. E por fim, a coesão avalia a frequência de interações positivas no casal. As subescalas podem ser somadas para formarem um escore total representativo do ajustamento conjugal que varia de 0 a 69, com maiores valores indicando melhores níveis de ajustamento. Os alfas

de *Cronbach* do estudo de validação americano foram de 0,85 para satisfação; 0,81 para consenso e 0,80 para coesão. Neste estudo, a análise fatorial exploratória manteve a mesma estrutura fatorial da escala original, com alfas de *Cronbach* de 0,83 para satisfação; 0,70 para consenso e 0,82 para coesão, demonstrando bons índices de validade interna. A média do ajustamento conjugal da amostra feminina foi de 32,30 ( $DP = 5,75$ ) e masculina de 33,90 ( $DP = 4,31$ ), sendo a diferença de médias significativa  $F(1, 236) = 5,70, p = 0,01$ .

Os instrumentos podem ser visualizados no Anexo C.

### *Procedimentos*

Visando garantir a confidencialidade e anonimato dos dados, os participantes receberam um convite para participar da pesquisa online através da base de dados *Qualtrics* ([www.qualtrics.com](http://www.qualtrics.com)). O chamamento foi realizado pelas redes sociais, Twitter e Boletim informativo da Universidade e do Programa de Pós-graduação, envio de e-mails para listas de contatos em Universidade Brasileiras, além da divulgação em órgãos como Associação de Terapia de Família. Além disso, esta pesquisa contou com o efeito bola de neve (Velasco & Díaz de Rada, 1997), pedindo que os próprios participantes encaminhassem e divulgassem o *link* da pesquisa. No convite, os participantes tiveram informações a respeito dos objetivos da pesquisa e os critérios de inclusão. Aqueles que aceitaram participar, ao acessar o *link*, leram e aceitaram o Termo de Consentimento e Livre e Esclarecido, tendo, após, acesso a algumas recomendações (Wackelke & Andrade, 2009) sobre a coleta de dados, tais como responder a todas as questões individualmente, não haver resposta certa ou errada e tempo de preenchimento do questionário entre 10 e 20 minutos. A coleta de dados teve duração de 2 meses e contou com divulgação constante durante todo este período. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS, sob o registro CAAE 23718014.4.0000.5334.

### **Resultados**

Os dados foram analisados a partir de análises descritivas de frequência, médias e desvio-padrão das variáveis coletadas na pesquisa considerando os resultados para homens e mulheres. Para averiguar as relações e diferenças entre os grupos, foram realizadas correlações de *Spearman*, análises de variância (ANOVA) e Qui-quadrado. Referente aos dados qualitativos, procedeu-se com análise de conteúdo (Olabuenaga, 2003) partindo de

categorias estabelecidas *a posteriori* a partir da leitura dos dados e da revisão de categorias publicadas em artigos da área.

*Infidelidade: Incidência e frequência*

Para compreender como a infidelidade é vivenciada nos casais desta amostra, a Tabela 1 apresenta os valores para as variáveis relativas a infidelidade com cálculos de diferenças para homens e mulheres.

Tabela 1

*Variáveis sobre Infidelidade e Análise de Variância entre os sexos*

Variáveis		Mulheres n(%)	Homens n(%)	ANOVA
O quanto fidelidade/ infidelidade é um tema que você conversa com seu companheiro	1 Nunca	23 (17,6)	11 (10,4)	F(1, 235) = 2,349, p = 0,13
	2	47 (35,9)	42 (39,6)	
	3	36 (27,5)	25 (23,6)	
	4	13 (9,9)	12 (11,3)	
	5 Sempre	12 (9,2)	16 (15,1)	
	Média (DP)	2,57 (1,16)	2,81 (1,23)	
O quanto você e seu companheiro concordam sobre o que é ser infiel	1 Não concordamos	20 (15,4)	14 (13,2)	F(1, 234) = 1,431, p = 0,23
	2	21 (16,2)	13 (12,3)	
	3	29 (22,3)	20 (18,9)	
	4	23 (17,7)	24 (22,6)	
	5 Concordamos	37 (28,5)	35 (33)	
	Média (DP)	3,28 (1,42)	3,50 (1,40)	
Você e seu companheiro possuem uma combinação no qual é possível se envolver emocional/sexualmente com outras pessoas?	Sim	20 (15,3)	21 (19,8)	X <sup>2</sup> (1, 235) = 0,84, p = 0,36
	Não	111 (84,7)	85 (80,2)	
Frequência que você traiu/trai seu companheiro	Nunca	9 (6,9)	9 (8,5)	F(1, 235) = 0,244, p = 0,62
	No último ano	92 (70,2)	66 (62,3)	
	No último mês	14 (10,7)	15 (14,2)	
	Na última	11 (8,4)	14 (13,2)	

semana		
Todos os dias	5 (3,8)	2 (1,9)
Média (DP)	2,32 (0,87)	2,38 (0,89)

---

As análises de variância não demonstraram diferenças significativas em nenhuma das variáveis que avaliava a infidelidade no comportamento de homens e mulheres. Os dados revelaram que na grande maioria, homens e mulheres que foram infiéis conversam com o parceiro(a) a respeito de fidelidade/infidelidade e concordam com seu companheiro(a) sobre quais comportamentos são considerados infiéis. Em torno de 15% das mulheres e 20% dos homens possuem um contrato com o companheiro no qual é possível se envolver com pessoa fora do relacionamento. Não houve associação entre ter um relacionamento aberto (combinação no qual é possível se envolver emocional/sexualmente com outras pessoas) e a condição amorosa. Os níveis de ajustamento conjugal também não diferiram entre aqueles que tem um relacionamento aberto daqueles que não tem.

Sobre a primeira infidelidade no relacionamento atual, 29,2% revelaram que ocorreu no primeiro ano de convivência com o companheiro; 36,7% entre o segundo e o quinto ano de convivência, 13,7% entre o sexto e o décimo ano; 9,3% entre o 11<sup>o</sup> e 15<sup>o</sup> ano de convivência; e por fim, 11,1% a partir do 15<sup>o</sup>. Ressalta-se, que nesta amostra, a média de tempo de convivência com o companheiro foi de 12,01 anos ( $DP = 10,6$ ), observando-se que os maiores índices de infidelidade ocorreram nos cinco primeiros anos de relacionamento, havendo uma diminuição da incidência a partir dos 15 anos de convivência.

A frequência das infidelidades não mostrou associação significativa com a condição amorosa, idade que foram morar juntos e tempo que os parceiros moram juntos. Entretanto, a frequência com que as pessoas traíram seu companheiro teve diferença significativa com relação ao ajustamento conjugal  $F(3, 208) = 9,37; p < 0,001$ , sendo que o teste *Post-Hoc* de Bonferroni mostrou diferença de valores para o RDAS-P entre os grupos que traíram no último ano ( $M = 34,67, DP = 4,85$ ) com aqueles que traem todos os dias ( $M = 30,33, DP = 3,86$ ). Ou seja, quanto maior a frequência da infidelidade, menor os níveis de ajustamento conjugal.

Ao agrupar as pessoas que cometeram infidelidade por faixas de idade, pode-se perceber a seguinte incidência de infidelidade: 21 a 30 anos (25,7% da amostra), 31 a 40 anos (35,4%), 41 a 50 anos (22,4%) e acima de 51 anos (15,5%). Nesta amostra, a maior parte dos respondentes que cometeram infidelidade concentra-se na faixa de 31 a 40 anos. A frequência

com a qual traía o companheiro(a) não teve diferença em função dos grupos de idade analisados, entretanto, observa-se uma gradual diminuição de tais episódios com o aumento da faixa etária.

*Infidelidade: Comportamentos infiéis*

Com relação aos comportamentos de infidelidade que aconteceram no relacionamento atual, podemos ver as médias para homens e mulheres, sendo que 0 = comportamentos não ocorreu e 1 = comportamento aconteceu na relação de infidelidade.

Tabela 2

*Médias e desvios padrão dos comportamentos de infidelidade para amostra total e para homens e mulheres*

Comportamento	Total M(DP)	Homens M(DP)	Mulheres M(DP)
1. Trocar carícias sexuais com aquela pessoa	0,73(0,44)	1(0)	0,68(0,47)
2. Estar apaixonado por aquela pessoa	0,67(0,47)	0,61(0,5)	0,68(0,47)
3. Trocar fotos e/ou vídeos eróticos e sensuais com aquela pessoa com quem você se corresponde	0,30(0,46)	0,38(0,5)	0,29(0,46)
4. Começar a trabalhar até mais tarde para ficar mais tempo em companhia de um(a) colega de trabalho	0,47(0,5)	0,46(0,5)	0,47(0,5)
5. Deixar de fazer algo com seu companheiro(a) para passar mais tempo com aquela pessoa	0,47(0,5)	0,38(0,5)	0,48(0,5)
6. Utilizar aplicativos ou sites de relacionamento para encontrar outras pessoas	0,29(0,46)	0,46(0,5)	0,26(0,44)
7. Em momentos de lazer com seu companheiro(a), ficar ocupado conversando no telefone ou trocando mensagens com aquela pessoa	0,53(0,5)	0,61(0,5)	0,51(0,5)
8. Não revelar estar em um relacionamento sério para outra pessoa que tenha conhecido	0,38(0,49)	0,54(0,51)	0,35(0,48)
9. Manifestar atração sexual por aquela pessoa e não por seu companheiro(a)	0,68(0,47)	0,61(0,5)	0,70(0,46)
10. Trocar mensagens de conteúdo sexual com aquela pessoa pela internet	0,34(0,48)	0,54(0,52)	0,30(0,46)
11. Buscar realizar atividades para passar mais tempo na presença daquela pessoa	0,57(0,5)	0,69(0,48)	0,55(0,5)

12. Flertar/paquerar aquela pessoa	0,81(0,4)	0,92(0,27)	0,79(0,41)
13. Andar de mãos dadas com aquela pessoa	0,40(0,5)	0,38(0,5)	0,40(0,5)
14. Arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar aquela pessoa	0,82(0,4)	0,69(0,48)	0,85(0,36)
15. Presentear aquela pessoa sem que seu companheiro(a) saiba	0,39(0,5)	0,61(0,5)	0,35(0,48)
16. Realizar com aquela pessoa atividades que antes só fazia com seu companheiro(a)	0,45(0,5)	0,46(0,52)	0,45(0,5)
17. Frequentar clube de striptease sem que seu companheiro(a) saiba	0,16(0,37)	0,15(0,37)	0,17(0,37)
18. Fazer sexo com aquela pessoa	0,60(0,5)	0,77(0,44)	0,57(0,5)
19. Apagar mensagens de conteúdo sexual que trocou com aquela pessoa	0,53(0,5)	0,69(0,48)	0,5(0,5)
20. Beijar na boca daquela pessoa	0,72(0,45)	0,92(0,28)	0,68(0,47)
21. Masturbar-se na presença daquela pessoa pela internet	0,24(0,43)	0,46(0,52)	0,20(0,4)
22. Esconder do seu companheiro(a) mensagens que trocou com aquela pessoa	0,78(0,41)	0,92(0,28)	0,76(0,43)
23. Fazer sexo virtual com aquela pessoa	0,21(0,41)	0,30(0,48)	0,20(0,4)

Os comportamentos de infidelidade mais frequentes para as mulheres foram “14. Arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar aquela pessoa” (84,8%), “12. Flertar/paquerar aquela pessoa” (78,8%), “22. Esconder do seu companheiro(a) mensagens que trocou com aquela pessoa” (75,8%), “9. Manifestar atração sexual por aquela pessoa e não por seu companheiro(a)” (69,7%), “1. Trocar carícias sexuais com aquela pessoa” (68,2%), “2. Estar apaixonado por aquela pessoa” (68,2%) e “20. Beijar na boca daquela pessoa” (68,2%). Em média, as mulheres tiveram 11,20 ( $DP = 6$ ) comportamentos de infidelidade.

Para os homens, os comportamentos mais frequentes foram “1. Trocar carícias sexuais com aquela pessoa” (100%), “12. Flertar/paquerar aquela pessoa” (92,3%), “20. Beijar na boca daquela pessoa” (92,3%), “22. Esconder do seu companheiro(a) mensagens que trocou com aquela pessoa” (92,3%), “18. Fazer sexo com aquela pessoa” (76,9%), “11. Buscar realizar atividades para passar mais tempo na presença daquela pessoa” (69,2%), “14. Arrumar-se mais e vestir roupas melhores para encontrar aquela pessoa” (69,2%) e “19. Apagar mensagens de conteúdo sexual que trocou com aquela pessoa” (69,2%). Em média, os homens tiveram 13,61 ( $DP = 5,63$ ) comportamentos de infidelidade.

Ao considerar os 23 comportamentos, encontrou-se diferença significativa entre homens e mulheres para dois dos comportamentos: “1. Trocar carícias sexuais com aquela pessoa”  $F(1, 79) = 5,91; p = 0,01$  e “21. Masturbar-se na presença daquela pessoa pela internet”  $F(1, 79) = 4,28; p = 0,04$ , sendo que para ambos os comportamentos, a média maior foi para os homens quando comparado com as mulheres.

*Infidelidade: o que eu procuro em outra relação?*

Apresentou-se uma lista de aspectos, proposta por Goldenberg (2006), definida por: carinho, compreensão, atenção, companheirismo, interesse/desejo, sexo, atração, amizade, romantismo, dinheiro, status/poder, bens materiais, luxo e glamour. Solicitou-se que os sujeitos que traíram avaliassem, entre os aspectos apresentados, o que buscavam na relação extraconjugal e o que reconheciam ter em seu relacionamento, conforme apresentado na tabela 3.

Tabela 3

*Características que a pessoa que cometeu infidelidade procurou na relação extraconjugal e que encontra na relação primária*

Características de respostas “sim”		Amostra total n (%)	Homens n (%)	Mulheres n (%)
Carinho	Busquei na traição	61 (25,7)	17 (16)	44 (33,6)
	Encontro na relação atual	137 (57,8)	64 (60,4)	73 (55,7)
Compreensão	Busquei na traição	26 (11)	7 (6,6)	19 (14,5)
	Encontro na relação atual	114 (48,1)	52 (49,1)	62 (47,3)
Atenção	Busquei na traição	49 (20,7)	8 (7,5)	41 (31,3)
	Encontro na relação atual	112 (47,3)	58 (54,7)	54 (41,2)
Companheirismo	Busquei na traição	21 (8,9)	8 (7,5)	13 (9,9)
	Encontro na relação atual	168 (70,9)	79 (74,5)	89 (67,9)

Interesse/desejo	Busquei na traição	126 (53,2)	46 (43,4)	80 (61,1)
	Encontro na relação atual	89 (37,6)	44 (41,5)	45 (34,4)
Sexo	Busquei na traição	134 (57)	85 (81)	49 (37,7)
	Encontro na relação atual	105 (44,3)	55 (51,9)	50 (38,2)
Atração	Busquei na traição	124 (52,3)	54 (50,9)	70 a
	Encontro na relação atual	70 (29,5)	41 (38,7)	29 (22,1)
Amizade	Busquei na traição	40 (16,9)	14 (13,2)	26 (19,8)
	Encontro na relação atual	155 (65,4)	71 (67)	84 (64,1)
Romantismo	Busquei na traição	40 (16,9)	10 (9,4)	30 (22,9)
	Encontro na relação atual	68 (28,7)	37 (34,9)	31 (23,7)
Dinheiro	Busquei na traição	0	0	0
	Encontro na relação atual	30 (12,7)	10 (9,4)	20 (15,3)
Status/poder	Busquei na traição	7 (3)	2 (1,9)	5 (3,8)
	Encontro na relação atual	11 (4,6)	6 (5,7)	5 (3,8)
Bens materiais, luxo e glamour	Busquei na traição	1 (0,4)	0	1 (0,8)
	Encontro na relação atual	18 (7,6)	9 (8,5)	9 (6,9)

Dentre as variáveis avaliadas, o que as mulheres mais buscaram na relação de traição foi interesse/desejo (61,1%) e atração (53,4%). Já para os homens, os maiores índices de busca na relação de infidelidade foram de sexo (81%). Ambos os sexos relataram que o que mais encontram na relação atual é companheirismo (74,5% dos homens e 67,9% das mulheres) e amizade (67% dos homens e 64,1% das mulheres). Entre homens e mulheres, encontrou-se uma correlação de *Spearman* significativa somente entre carinho ( $r = -0,161, p < 0,05$ ), compreensão ( $r = -0,257, p < 0,01$ ) e atenção ( $r = -0,170, p < 0,01$ ). Ou seja, homens e

mulheres que cometeram traição referem não encontrar carinho, compreensão e atenção na sua relação conjugal e buscaram isso na relação de infidelidade. Considerando-se somente a amostra masculina, nenhum dos quesitos apresentou correlação significativa. Ao considerar somente a amostra feminina, encontrou-se diferença entre compreensão ( $r = -0,304, p < 0,01$ ) e romantismo ( $r = -0,175, p < 0,05$ ), ou seja, as mulheres não encontraram compreensão e romantismo na sua relação atual e buscaram na relação de infidelidade. Contudo, é importante considerar que os índices de correlação apresentados, apesar de significativos, são fracos.

Ao analisar as diferenças entre homens e mulheres quanto ao que eles buscaram na relação de traição, encontrou-se diferença significativa em carinho  $X^2(1, 237) = 9,441; p = 0,002$ , atenção  $X^2(1, 237) = 20,152; p = 0,00$ , interesse/desejo  $X^2(1, 237) = 7,349; p = 0,007$ , sexo  $X^2(1, 235) = 44,356; p = 0,00$ , e romantismo  $X^2(1, 237) = 7,574; p = 0,006$ , sendo que carinho, atenção, desejo/interesse e romantismo foram mais procurados pelas mulheres enquanto que sexo pelos homens. Com relação as características que homens e mulheres encontram no seu relacionamento, observou-se diferença significativa quanto a atenção  $X^2(1, 237) = 4,281; p = 0,039$ , sexo  $X^2(1, 237) = 4,469; p = 0,035$ , e atração  $X^2(1, 237) = 7,703; p = 0,006$ , sendo que para as três variáveis os homens referiram encontrar mais no relacionamento quando comparado com as mulheres.

#### *Infidelidade: motivos que levaram a traição*

Os sujeitos foram questionados quanto ao motivo de terem sido infiéis. Foram analisadas 210 respostas, sendo que estas se desmembraram em 308 unidades de análises (177 respostas femininas e 131 masculinas). As categorias foram estabelecidas *a posteriori* a partir da leitura das informações dadas pelos sujeitos que responderam ao questionário e dos artigos publicados na área. Apoiado na perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1994), partiu-se de três eixos que compõem a relação conjugal, isso é: os cônjuges individualmente, a relação e o contexto.

As unidades de análise passaram pela concordância entre juízes, mantendo-se as unidades que apresentaram um índice *Kappa* de concordância superior a 80%. O índice *Kappa* foi mensurado a partir da soma de respostas da mesma categoria dividido pelo número de juízes e multiplicado por 100. Nesta etapa, participaram como juízes uma doutora em Psicologia, duas doutorandas em Psicologia e uma Psicóloga. As respostas que não obtiveram esse índice de concordância, passaram pela avaliação de uma Professora Doutora com *expertise* na área. A categorização final e a análise das respostas encontram-se descritas

abaixo.

## **Eixo 1: Motivos Pessoais**

Este eixo reúne respostas que dizem respeito ao sujeito envolvido numa relação de infidelidade. Isto é, aqueles conteúdos que referem aspectos que o sujeito reconhece em si, individualmente, independentemente do outro. Este eixo da análise agrupou sete categorias:

- 1.1 *Carência afetiva, solidão e insegurança*: nesta categoria, a pessoa atribui a infidelidade a sentir-se carente, solitário ou inseguro. Os participantes referiram “*carência*”; “*carência afetiva*”; “*me sentir sozinho*”; “*dúvida*”, “*insegurança*”.
- 1.2 *Características pessoais*: esta categoria abarca motivos para infidelidade relacionados a determinadas características próprias do sujeito que cometeu a traição, tais como imaturidade, doenças mentais, impulsividade. Exemplo de respostas desta categoria foram “*Considero como imaturidade da minha parte*”, “*Eu sou bipolar, foi numa fase maníaca. Depois que iniciei tratamento correto não houve mais*”.
- 1.3 *Necessidade sexual*: as respostas desta categoria estão relacionadas a suprir uma necessidade indiscriminada de sexo, a ter um impulso para trair e sentir tesão. Alguns dos exemplos de respostas para esta categoria foram “*O fogo da carne*”, “*Necessidade sexual*”, “*Tesão*”, “*Impulso*”.
- 1.4 *Desejo ou atração física*: encontram-se respostas relacionadas a atração e desejo por uma pessoa em específico, assim como necessidade de sentir-se atraente a outra pessoa. Alguns dos exemplos desta categoria são “*Sentir atração*”, “*Sentir atraente para outra pessoa. Avaliar meu poder de sedução, atração e conquista. Viver um relacionamento excitante*”.
- 1.5 *Busca de liberdade, aventura e de valorização*: as pessoas atribuem como motivo para a infidelidade a busca por seu próprio espaço ou a procura por se sentir valorizado por meio de outro relacionamento, buscando um aumento da autoestima e autoconfiança, além da busca de novas experiências, busca de novidade, curiosidade e aventura. A exemplo desta categoria, pode-se citar as respostas: “*Ter minha vida privada também no lado sexual, sem que a companheira esteja em todos os lugares da minha vida*”, “*Fuga em busca de valorização*”, “*Vontade de experimentar sexo com outra pessoa, sem comprometer meu relacionamento*”.
- 1.6 *Envolvimento emocional*: a pessoa atribui a infidelidade a um envolvimento emocional com pessoa fora da conjugalidade, buscando amor e afeição nesta nova relação, além de sentir-se apaixonado por esta outra pessoa. Muitos dos participantes deram testemunhos

referindo o envolvimento emocional como um dos motivos para a infidelidade. Exemplos de respostas: “*Me apaixonei por outra pessoa, mas continuo apaixonada também pelo meu marido*”, “*Me encantei loucamente por outra pessoa*”, “*...fui pega, fígada por um outro homem...*”, “*Reencontrei um amor do passado mal resolvido*”.

1.7 *Crenças e regras*: a pessoa que comete infidelidade atribui o ato a crenças pessoais sobre poligamia ou normas que o casal acorda sobre relacionamento extraconjugal. Por exemplo: “*Não acredito na monogamia*”.

A tabela 4 apresenta os índices de respostas deste eixo.

Tabela 4

*Motivos de Infidelidade: Eixo Motivos pessoais*

Categoria	Mulheres	Homens	Total
	n(%)	n(%)	n(%)
1.1 Carência afetiva, solidão e insegurança	14 (7,9)	8(6,1)	22(7,1)
1.2 Características pessoais	5(2,8)	5(3,8)	10(3,2)
1.3 Necessidade sexual	4(2,3)	14(10,7)	18(5,8)
1.4 Desejo ou atração física	18(10,2)	16(12,2)	34(11)
1.5 Busca de liberdade, aventura e de valorização	14(7,9)	17(13)	31(10,1)
1.6 Envolvimento emocional	17(9,6)	7(5,3)	24(7,8)
1.7 Crenças e regras	3(1,7)	4(3,1)	7(2,3)
Total Eixo Motivos pessoais	75(42,4)	71(42,2)	146(47,3)

Neste eixo, a categoria “desejo ou atração física” foi o motivo de infidelidade mais utilizado como justificativa pelas mulheres, seguido por “envolvimento emocional”. Para os homens, “busca de liberdade, aventura e de valorização” foi o maior motivo de infidelidade, seguido por “desejo ou atração física/emocional”. Ao comparar os resultados para homens e mulheres, encontrou-se diferença significativa na categoria necessidade sexual  $X^2(1, 308) = 1,23, p = 0,002$ , sendo mais frequente nos homens quando comparado com as mulheres.

## **Eixo 2: Motivos relacionados à Conjugalidade**

Este eixo abrange conteúdos que se referem a aspectos do companheiro(a) e a relação de conjugalidade que estabelece com o mesmo.

2.1 *Vingança, raiva ou hostilidade*: as pessoas nomeiam a raiva, a hostilidade ou a vingança pela infidelidade cometida pelo companheiro(a) como motivos para eles próprios traírem. Por exemplo: “*Porque ele me traiu primeiro*”, “*Porque ele não consegue manter-se fiel, eu entristeço e busco tirar a forra*”, “*raiva*”.

2.2 *Insatisfação com o companheiro(a) e/ou com a relação*: a pessoa atribui a infidelidade a uma insatisfação com a conjugalidade ou com o parceiro(a), percebe que a relação está em crise, se sente desvalorizado na relação ou sente falta de carinho. A presença de comportamento violento, grosserias, excesso de ciúmes, insatisfação com o físico ou pouca empatia por parte do companheiro(a) são outros dos comportamentos que fazem parte desta categoria, na qual a infidelidade está atribuída a forma como o companheiro(a) trata a pessoa que cometeu infidelidade. Dentre os motivos dados pelos participantes, encontramos respostas tais como “*Em um momento de descrença/crise no relacionamento*”, “*Desgaste do relacionamento*”, “*Distanciamento e desinteresse*”, “*Excesso de desentendimento*”, “*Falta de companheirismo*”, “*A grosseria dele, falta de diálogo, carinho...*”, “*...certa insatisfação com as mudanças no corpo da companheira (gravidez, variações de peso etc.)*”, “*Porque ele me bate e me trata mau...*”, “*Problemas de saúde da parceira, tais como depressão e síndrome do pânico*”.

2.3 *Insatisfação sexual*: a infidelidade está relacionada a uma insatisfação sexual com o companheiro(a). Algumas das respostas dos participantes para esta categoria foram: “*Falta de desejo/estímulo por parte dele*”, “*Carência sexual*”, “*Falta de afinidade no desejo sexual*”, “*Falta de sexo*”, “*Discordâncias sexuais*”, “*Frequência de sexo abaixo do desejado. Desejos distintos em relação à sexualidade, maiores meus do que dela*”.

A tabela 5 apresenta os índices de respostas deste eixo.

Tabela 5

*Motivos de Infidelidade: Eixo Motivos relacionados à conjugalidade*

Categoria	Mulheres n(%)	Homens n(%)	Total n(%)
2.1 Vingança, raiva ou hostilidade	6(3,4)	2(1,5)	8(2,6)
2.2 Insatisfação com o companheiro(a) e/ou com a relação	53(29,9)	19(14,5)	72(23,4)
2.3 Insatisfação sexual	9(5,1)	15(11,5)	24(7,8)
Total Eixo Motivos relacionados à conjugalidade	68(38,4)	34(27,5)	104 (33,8)

Nesta pesquisa, a categoria “insatisfação com o companheiro(a) e/ou com a relação” foi a mais citada por homens e mulheres como justificativa para a infidelidade. Mesmo tendo sido a mais frequente em ambos os sexos, percebe-se diferenças nas médias de respostas de homens e mulheres. Para as mulheres, foi mais frequente o motivo “Insatisfação com o companheiro(a) e/ou com a relação” quando comparado com os homens  $X^2(1, 308) = 10,02, p = 0,002$ . Entretanto, a categoria “insatisfação sexual” foi apontada como motivo mais frequente entre os homens  $X^2(1, 308) = 4,25, p = 0,039$ .

### Eixo 3: Motivos relacionados ao Contexto

Este eixo abrange conteúdos nos quais a infidelidade está relacionada a um contexto/ambiente que leva a infidelidade.

3.1 *Uso de álcool*: estar embriagado ou sob efeito do uso de álcool ao cometer o ato de infidelidade. Por exemplo: “*Porque eu havia bebido bastante*”.

3.2 *Fuga de problemas*: as pessoas cometem a infidelidade como uma forma de fugirem dos problemas do cotidiano, como por exemplo problemas relacionados ao trabalho: “*Fuga frente aos problemas (principalmente financeiros), acúmulo de stress*”, “*Diversos problemas externos*”

3.3 *Oportunidade de trair*: as pessoas atribuem como motivo para a infidelidade estarem em um contexto/ambiente que oportuniza a traição, ambiente de festa ou a oportunidade é devido a estar fisicamente distante do parceiro. As respostas citaram “Oportunidade”, “Ocasão”. Por exemplo: “*Relacionamento estava no início, ainda era instável. Período de distância física (moramos por longo período em cidades diferentes por questões profissionais)*”, “*Devido a ele viajar muito a trabalho e eu ficar sozinha em casa*”, “*Viagem sozinho, uma saída à noite e eu havia bebido bastante*”

A tabela 6 apresenta os índices de respostas deste eixo.

Tabela 6

*Motivos de Infidelidade: Eixo Motivos relacionados ao contexto*

Categoria	Mulheres n(%)	Homens n(%)	Total n(%)
3.1 Uso de álcool	2(1,1)	4(3,1)	6(1,9)
3.2 Fuga de problemas	2(1,1)	0	2(0,6)

3.3 Oportunidade de trair	13(7,3)	12(9,2)	25(8,1)
Total Eixo Motivos relacionados ao contexto	17(9,5)	16(12,3)	33(10,6)

Os motivos relacionados ao contexto foram os menos citados pelos participantes como razões de infidelidade ao comparar com os Eixos 1 e 2. Inclusive, o motivo “fuga de problemas” foi citado apenas pelas mulheres. Neste eixo, não houve diferença entre homens e mulheres em nenhuma das categorias.

#### **Eixo 4: Outros Motivos**

Este eixo abrange as categorias nas quais as pessoas não atribuem motivos para a infidelidade ou por falta de elementos para categorizar as respostas.

4.1 *Sem motivos*: a pessoa que comete infidelidade não atribui motivos para seu comportamento ou afirma não saber o porque de tal ato ou simplesmente diz não haver motivos para ter traído. As respostas para esta categoria citadas pelos participantes foram “Não sei”, “Nenhum”, “Sem motivos”.

4.2 *Outros*: por falta de elementos na resposta, para alguns motivos não foi possível atribuir uma categoria específica. A exemplo, os participantes que citaram somente “Insatisfação”, não foi possível categorizar por não ter dados de que tipo de insatisfação o participante estava falando: sexual? Relacional? Do companheiro?

A tabela 7 apresenta os índices de respostas deste eixo.

Tabela 7

*Motivos de Infidelidade: Eixo Outros Motivos*

Categoria	Mulheres n(%)	Homens n(%)	Total n(%)
1) Sem motivos	4(2,3)	3(2,3)	7(2,3)
2) Outros	13(7,3)	5(3,8)	18(5,8)
Total Eixo Outros Motivos	17(9,6)	8(6,1)	25(8,1)

Esta categoria foi a menos citada pelos participantes. Ou seja, na sua grande maioria, os participantes apresentam dados que possibilitam a categorização das suas respostas dentro das categorias estabelecidas, sendo a falta de motivos referida por apenas 7 dos participantes.

## **Discussão**

Os achados desta pesquisa têm apontado para uma mudança na vivência da infidelidade por homens e mulheres ao comparar com estudos da década de 80 e 90 que demonstravam que homens eram mais infiéis que as mulheres e apresentavam mais comportamentos de infidelidade sexual enquanto as mulheres de infidelidade emocional (Glass & Wright, 1985; Wiederman, 1997). Os resultados desta pesquisa denotam que, ao considerar todos os relacionamentos amorosos, homens e mulheres traem na mesma medida, evidenciando as mudanças com relação ao fenômeno nos tempos atuais. Com relação aos comportamentos sexuais, emocionais e virtuais vinculados a quebra de um contrato de exclusividade, os resultados também revelaram não haver muitas diferenças entre homens e mulheres quanto a presença de comportamentos de traição na relação atual, salvo por dois comportamentos de infidelidade sexual e infidelidade virtual sexual. Se no passado, falava-se em maiores índices de infidelidade sexual para homens e emocional para mulheres, esses dados mostram outro cenário onde homens e mulheres tem apresentado comportamentos de traição semelhantes.

Um olhar mais cuidadoso para os resultados da amostra feminina revela que os comportamentos de infidelidade mais presentes entre as mulheres são mais subjetivos, podem, por vezes, nem serem percebidos como infidelidade. Enquanto para os homens, os comportamentos foram mais explícitos, ou seja, são mais claramente considerados infidelidade, tais como beijar, trocar carícias sexuais, paquerar; para as mulheres, podem deixar mais dúvida sobre o quanto aquele comportamento demonstra uma infidelidade, como mudar o vestuário e esconder mensagens do companheiro. Desta forma, os comportamentos mais frequentes entre os homens são mais comportamentos sexuais, indo ao encontro de estudos anteriores que falam da presença de maiores níveis de infidelidade sexual entre os homens (Glass & Wright, 1985; Greeley, 1994; Wiederman, 1997).

Porém, apesar dos homens apontarem como mais presente comportamentos de infidelidade relacionados a comportamentos sexuais, esses homens não se queixam da falta de sexo na sua relação e não buscam sexo no relacionamento extraconjugal. Pelo contrário, tanto os homens como as mulheres revelaram buscar carinho, compreensão e atenção na relação de

infidelidade e relatam não encontrar esses afetos na sua relação primária. Os homens desta amostra não tiveram como principal motivação para a infidelidade a necessidade ou a insatisfação sexual no seu relacionamento. Contrariamente, os homens apontaram como maior razão para a traição a insatisfação com a companheira ou com a relação. Além disso, a busca de liberdade, aventura e valorização foi um motivo de infidelidade masculina. Assim, pode-se pensar que mesmo que os homens estejam satisfeitos com sua vida sexual com a companheira, eles podem cometer infidelidade pela busca de algo novo, podendo inclusive ser uma forma de compensar uma insatisfação afetiva no seu relacionamento. Essa ideia contraria ditos populares que reproduzem a ideia de que quando o homem não encontra sexo em casa, ele busca fora, pois não é simplesmente a frequência e satisfação sexual que leva o homem a trair a parceira.

As mulheres, assim como os homens, tiveram como maior motivo de infidelidade a insatisfação com o companheiro ou com a relação, ainda que a média das mulheres para esta razão tenha sido superior a dos homens. Além de que as mulheres reportaram níveis mais baixos de ajustamento conjugal, expresso na busca de compreensão e romantismo. Porém, as mulheres também são motivadas por fatores sexuais, como o desejo e a atração pelo outro. Talvez os comportamentos sexuais não sejam os principais, mas estes também fazem parte dos motivos reportados pelas mulheres nesta e em outras pesquisas (Barta & Kiene, 2005).

Nesta amostra, tanto homens como mulheres foram motivados por fatores da insatisfação com a relação e buscaram fatores como carinho, compreensão e atenção, expressando que seu companheiro(a) não estava provendo níveis satisfatórios de atenção e intimidade. Os maiores níveis de infidelidade iniciaram entre o segundo e o quinto ano de coabitação e foram diminuindo ao longo do relacionamento. Além disso, percebeu-se menores níveis de ajustamento conjugal naqueles com maiores frequências de infidelidade. Esses resultados levam a associação entre a infidelidade e o nível de maturidade que se expressa na idade e no tempo de relacionamento que pode fazer diminuir o comportamento de infidelidade. Desta forma, quando os casais aprofundam seu nível de conhecimento, tanto pessoal como relacional, podem apresentar maiores recursos para o enfrentamento das dificuldades do relacionamento, o que reverbera em melhores níveis de ajustamento conjugal. Desta forma, pode-se pensar que a infidelidade possa ser usada por alguns como forma de encaminhar dificuldades do relacionamento, como uma fuga dos problemas e busca de satisfação em outra relação, levando a ideia da infidelidade como um sintoma do baixo ajustamento conjugal. Esses dados reafirmam a importância de perceber o fenômeno como

relacional, o que é corroborado pela baixa representatividade dos fatores contextuais nessa amostra, no qual apenas 10% dos sujeitos explicaram a infidelidade por motivos do contexto.

Percebe-se que os estudos dos anos 80 e 90 tendiam para uma dicotomia entre infidelidade sexual e emocional e resultados diferentes para homens e mulheres. O que os resultados atuais demonstram é que estamos tratando de um fenômeno que abrange uma complexidade de comportamentos: emocionais, virtuais, sexuais. Contudo, fala-se de um único fenômeno que é difícil de ser partilhado em tipologias. Apesar de homens e mulheres não terem resultados idênticos, e os homens se destacarem pela busca e motivos relacionados ao sexual, na essência ambos tem motivações vinculadas a insatisfação com a relação e buscam tanto comportamentos emocionais como sexuais. Desta forma, talvez o que diferencie os sexos esteja mais relacionado ao que a infidelidade representa para cada um deles. As mulheres tendem a ser mais críticas na avaliação do relacionamento conjugal, buscam a melhora e tendem a ser menos acomodadas que os homens na sua relação amorosa. Já os homens, normalmente não avaliam tanto seu relacionamento conjugal e mesmo que não satisfeitos, não procuram debater a respeito com sua companheira. Assim, é possível que as mulheres tenham maior clareza sobre sua insatisfação e a infidelidade venha como uma válvula de escape dessas insatisfações, corroborando os estudos de Maddox Shaw, Rhoades, Allen, Stanley e Markman (2013) que tratam a infidelidade como uma maneira de remediar uma relação de baixo nível funcional. Já os homens que rotineiramente tendem menos a avaliar o relacionamento amoroso, costumam dizer que traem mesmo quando a relação está boa, apesar das insatisfações com a companheira e com a relação terem aparecido como maior motivo na categorização das respostas.

Ainda que se perceba a importância da temática para a conjugalidade, os dados apontam que a maioria das pessoas não conversam a respeito do tema com seu companheiro(a) e 44,4% não concordam com o parceiro(a) sobre o que é ser infiel. Como a infidelidade diz respeito a uma quebra de contrato, e como cada casal estabelece esse contrato, existe uma margem para a subjetividade de cada relação amorosa. Desta forma, é importante que os casais se sintam estimulados a comunicarem seus desejos e expectativas na sua relação, até porque simplesmente optar por um relacionamento aberto não garante maiores níveis de ajustamento conjugal, conforme os resultados deste estudo.

Os achados desta pesquisa demonstram os comportamentos de infidelidade para uma amostra brasileira nos tempos atuais. Instiga-se pesquisadores da área seguirem trabalhando com a temática, a fim de investigar a vivência da infidelidade em outras amostras, como pessoas solteiras, namorando e de diferentes orientações sexuais.

## Referências

- Atkins, D. C., Baucom, D. H., & Jacobson, N. S. (2001). Understanding infidelity: correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology, 15*(4), 735–49. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11770478>
- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*(3), 339–360. doi:10.1177/0265407505052440
- Beaulieu-Pelletier, G., Philippe, F. L., Lecours, S., & Couture, S. (2011). The role of attachment avoidance in extradyadic sex. *Attachment & Human Development, 13*(3), 293–313. doi:10.1080/14616734.2011.562419
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: a methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*(2), 183–216. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15974058>
- Brofenbrenner, U. (1994). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A revision of the dyadic adjustment scale for use with distressed and nondistressed couples: Construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy, 21*(3), 289–308.
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An Investment Model Prediction of Dating Infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*(3), 509–524.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex Differences in Type of Extramarital Involvement and Marital Dissatisfaction. *Sex Roles, 12*(9/10), 1101–1120.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1992). Justifications for Extramarital Relationships- The Association between Attitudes, Behaviors, and Gender. *The Journal of Sex Research, 29*(3), 361–387.
- Goldenberg, M. (2006). *Infel: Notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Goldenberg, M. (2011). *Por que homens e mulheres traem?* Rio de Janeiro, RJ: BestBolso.
- Greeley, A. (1994). Marital Infidelity. *Society, 31*(4), 9–13.
- Guadagno, R. E., & Sagarin, B. J. (2010). Sex Differences in Jealousy: An Evolutionary Perspective on Online Infidelity. *Journal of Applied Social Psychology, 40*(10), 2636–2655. doi:10.1111/j.1559-1816.2010.00674.x

- Haack, K. R., & Falcke, D. (2013). Infidelid@de.com: Infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet. *Psicologia Em Revista, 19*(2), 305–327.
- Hertlein, K. M., & Weeks, G. A. (2007). Two roads diverging in a wood: The current state of infidelity research and treatment. *Journal of Couple and Relationship Therapy, 6*, 95–107.
- Hollist, C. S., Falceto, O. G., Ferreira, L. M., Miller, R. B., Springer, P. R., Fernandes, C. L. C., & Nunes, N. A. (2012). Portuguese translation and validation of the Revised Dyadic Adjustment Scale. *Journal of Marital and Family Therapy, 38*(1), 348–358. doi:10.1111/j.1752-0606.2012.00296.x
- Kemer, G., Bulgan, G., & Çetinkaya Yıldız, E. (2015). Gender differences, infidelity, dyadic trust, and jealousy among married Turkish individuals. *Current Psychology, january*. doi:10.1007/s12144-014-9298-2
- Lalasz, C. B., & Weigel, D. J. (2011). Understanding the relationship between gender and extradyadic relations: The mediating role of sensation seeking on intentions to engage in sexual infidelity. *Personality and Individual Differences, 50*(7), 1079–1083. doi:10.1016/j.paid.2011.01.029
- Lusterman, D. D. (1998). *Infidelity: A survival guide*. Oakland, CA: New Harbinger.
- Maddox Shaw, A. M., Rhoades, G. K., Allen, E. S., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2013). Predictors of extradyadic sexual involvement in unmarried opposite-sex relationships. *Journal of Sex Research, 50*(6), 598–610. doi:10.1080/00224499.2012.666816
- Martins, A. F. R. S. (2012). *Comportamentos extradiádicos offline e online nas relações de namoro: Diferenças de gênero nos motivos, prevalência e correlatos*. Universidade de Coimbra.
- Moller, N., & Vossler, A. (2015). Defining infidelity in research and couple counseling: A qualitative study. *Journal of Sex & Marital Therapy, 41*(5), 487–497. doi:10.1080/0092623X.2014.931314
- Olabuenaga, J. I. R. (2003). *Metodología de la investigación cualitativa* (3rd ed., Vol. 15). Bilbao: Artes Gráficas Rontegui.
- Palencia, A. R., Rivera-Aragón, S., & Díaz-Loving, R. (2007). Desarrollo del inventario multidimensional de infidelidad (IMIN). *Revista Iberoamericana de Diagnóstico Y Evaluación Psicológica, 23*(1), 121–147.
- Scheeren, P., & Wagner, A. (no prelo-a). *Comportamentos de Infidelidade Conjugal: A construção de um instrumento*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Scheeren, P., & Wagner, A. (no prelo-b). *O que sabemos sobre infidelidade? Um estudo de revisão sistemática da literatura nacional e internacional*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Thornton, V., & Nagurney, A. (2011). What is infidelity? Perceptions based on biological sex and personality. *Psychology Research and Behavior Management*, 4, 51–8. doi:10.2147/PRBM.S16876
- Velasco, M. H., & Díaz de Rada, A. (1997). *La lógica de la investigación etnográfica: Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela*. Madrid, ES: Trotta.
- Wackelke, J. F. R., & Andrade, A. L. (2009). Influência do Recrutamento de Participantes em Sítios Temáticos e Comunidades Virtuais nos Resultados de Medidas Psicológicas Aplicadas pela Internet. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 25(3), 357–367.
- Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. B. D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 10(1), 155–167.
- Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteché, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 12(1), 147–156.
- Whisman, M. A., Gordon, K. C., & Chatav, Y. (2007). Predicting sexual infidelity in a population-based sample of married individuals. *Journal of Family Psychology* :, 21(2), 320–4. doi:10.1037/0893-3200.21.2.320
- Wiederman, M. W. (1997). Extramarital Sex- Prevalence and Correlates in a National Survey. *The Journal of Sex Research*, 34(2), 167–174.
- Yeniçeri, Z., & Kökdemir, D. (2006). University students ' Perceptions of, and explanations for, infidelity : The development of the infidelity questionnaire (IFNQ). *Social Behavior and Personality*, 34(6), 639–650.
- Zhang, N., Parish, W. L., Huang, Y., & Pan, S. (2012). Sexual infidelity in China: Prevalence and gender-specific correlates. *Archives of Sexual Behavior*, 41(4), 861–873. doi:10.1007/s10508-012-9930-x
- Zordan, E. P., & Strey, M. (2011). Separação conjugal: Aspectos implicados nessa decisão, reverberação e projetos futuros. *Pensando Famílias*, 15, 71–88.

## CAPÍTULO V

### **(In)fidelidade em homens e mulheres de uma amostra brasileira**

Patrícia Scheeren

Adriana Wagner

**Resumo :** A infidelidade tem sido relacionada aos conflitos e separações conjugais, sendo considerada uma temática devastadora para a conjugalidade. Pesquisadores têm atentado para os fatores envolvidos na ocorrência do fenômeno, apresentando quatro domínios relacionados à infidelidade conjugal: características pessoais, características do(a) companheiro(a), casamento e contexto. Este estudo teve por objetivo conhecer como as variáveis que compõem tais domínios descrevem o fenômeno em cada um deles desde a perspectiva masculina e feminina. Participaram da pesquisa 1042 homens e mulheres casados ou coabitando com o companheiro(a) de diversas regiões do Brasil com idades entre 21 e 73 anos. Os participantes responderam a um questionário de dados sociodemográficos e do relacionamento, a Escala de Ajustamento Conjugal Revisada, a Versão Breve da Escala de Satisfação com a Vida de Estudantes e a Versão Reduzida da Escala Triangular do Amor. Os resultados apontam para maiores diferenças entre pessoas que cometeram infidelidade daqueles que se mantiveram fiéis no domínio do casamento, considerando intenção de divórcio, ajustamento conjugal e os fatores relacionados ao amor, tanto para homens como para mulheres. Esses achados apontam para a importância de considerar a dinâmica do relacionamento, sugerindo que os clínicos possam estar atentos à saúde do relacionamento conjugal para auxiliarem os casais a reduzirem os riscos de infidelidade na relação.

**Palavras-chave :** infidelidade, conjugalidade, gênero

### **(In)fidelity in Brazilian men and women**

**Abstract :** Infidelity has been related to marital conflicts and divorce, being considered a devastating issue for couples. Researchers have attempted to the factors involved in the occurrence of the infidelity, considering four domains: personal characteristics, partner characteristics, marriage and context. This study aimed to recognize how the variables of such domains describe the phenomenon since the male and female perspective. Participated in the

study 1042 married or cohabiting men and women from several regions of Brazil aged between 21 and 73 years old. Participants answered a sociodemographic questionnaire, Revised Dyadic Adjustment Scale, Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale and Reduced version of the Triangular Love Scale. The results show major differences between faithful and unfaithful participants in the marriage domain, considering intention of divorce, marital adjustment and the factors related to love, for both men and women. These findings shows the importance of considering the dynamic of the relationship in infidelity, suggesting that clinicians needs to be aware of the quality of the relationship to assist couples to reduce the risk of unfaithfulness in the relationship.

**Keywords :** infidelity, marriage, gender

A infidelidade está entre os fatores mais ameaçadores da estabilidade de uma relação conjugal (Mark, Janssen, & Milhausen, 2011), havendo evidências de ser um dos motivos mais frequentes causadores do rompimento do vínculo conjugal, tanto em estudos nacionais (Zordan & Strey, 2011) como internacionais (Betzig, 1989; Buss & Shackelford, 1997; Previti & Amato, 2004; Whisman et al., 2007). A vivência da infidelidade na conjugalidade, além de estar no cerne de muitos conflitos conjugais e problemas familiares (Prado, 2009), muitas vezes, é a experiência mais temida e devastadora de um casamento (Pittman, 1994).

Estudos internacionais apontam índices de infidelidade conjugal que variam de 1,2% (Beaulieu-Pelletier et al., 2011) a 89,4% (Zhang et al., 2012). Essa grande variabilidade se deve a diversidade de medidas do constructo (Luo et al., 2010). A infidelidade está associada a violação das normas que regulam o nível emocional e físico de intimidade com pessoas fora do relacionamento (Barta & Kiene, 2005; Drigotas & Barta, 2001), estando relacionada ao rompimento de um acordo (Pittman, 1994) e à quebra da confiança no parceiro amoroso (Féres-Carneiro, Zivini, & Magalhães, 2011). Esta exclusividade está relacionada tanto aos aspectos emocionais como sexuais que envolvem uma relação de intimidade (Blow & Hartnett, 2005).

Em função do potencial impacto negativo que a infidelidade pode acarretar na estabilidade dos relacionamentos e do bem-estar das pessoas envolvidas, pesquisadores tem atentado para delinear os fatores envolvidos na ocorrência deste fenômeno (Mark et al., 2011). A partir desta perspectiva, Allen e Atkins (2005) discutiram quatro domínios envolvidos na infidelidade conjugal, assim nomeados: características pessoais, características do(a) companheiro(a), casamento e o contexto.

O primeiro domínio, características pessoais, inclui variáveis sociodemográficas e aspectos emocionais das pessoas que se envolvem com outra pessoa fora da relação primária, além de evidenciar diferenças entre homens e mulheres (Allen & Atkins, 2005; Atkins et al., 2001; Mark et al., 2011). Pesquisas desde os anos 80 reportam que homens são infiéis mais frequentemente (Atkins et al., 2001; Glass & Wright, 1985; Treas & Giesen, 2000; Wiederman, 1997), inauguram as traições no relacionamento e praticam mais a infidelidade sexual (Greeley, 1994) quando comparados com as mulheres. Ao considerar o envolvimento por meio virtual, igualmente os homens são mais suscetíveis a se envolverem com outra pessoa pela internet e se engajar em comportamento sexual online (Luo et al., 2010; Martins, Pereira, & Canavarro, 2014). Contudo, pesquisas recentes realizadas nos Estados Unidos, Canadá e República Tcheca tem sugerido que essa diferença nos índices de infidelidade entre homens e mulheres tem ficado cada vez mais sutil (Adamopoulou, 2013; Brand, Markey, Mills, & Hodges, 2007; Havlicek, Husarova, Rezacova, & Klapilova, 2011; O'Sullivan & Ronis, 2013), especialmente entre os jovens onde as taxas tem se aproximado para homens e mulheres (Allen et al., 2005; Atkins et al., 2001; Mark et al., 2011). Mesmo que as diferenças entre os sexos nos diversos contextos estejam se atenuando, o gênero é considerado uma importante variável não somente para entender a prevalência da infidelidade, mas também para conhecer seus correlatos (Havlicek et al., 2011; Mark et al., 2011).

Ainda no domínio das características pessoais, a prática religiosa é uma das que tem sido estudada no comportamento infiel apresentando resultados controversos (Atkins et al., 2001; Forste & Tanfer, 1996; Mattingly et al., 2010; Treas & Giesen, 2000). Hansen (1987), nos anos oitenta, encontrou uma associação negativa entre religiosidade e infidelidade entre mulheres. Vinte anos depois, Liu (2000) reportou que tal associação existe somente para homens. Da mesma forma, Martins et al. (2014) encontrou que homens que reportaram religião Católica eram mais suscetíveis a infidelidade online. Ainda há estudos que não encontraram associação entre religiosidade e infidelidade ao longo dos anos (Maddox Shaw et al., 2013; Mark et al., 2011).

Quanto a associação entre o nível de escolaridade e infidelidade também não há consenso nas pesquisas da área (Allen et al., 2005). Embora alguns estudos tenham encontrado uma associação entre maiores níveis de escolaridade e maior probabilidade a infidelidade (Atkins et al., 2001; Mark et al., 2011; Treas & Giesen, 2000), outros reportam não haver associação significativa (Maddox Shaw et al., 2013; Martins et al., 2014). A experiência do sujeito no ato de ter cometido infidelidade em relacionamentos passados também tem sido associado com maior probabilidade de infidelidade no relacionamento atual

(Adamopoulou, 2013; Banfield & McCabe, 2001; Buunk & Bakker, 1995). Além disso, pessoas divorciadas, com histórico de divórcio na família de origem e de infidelidade conjugal tem apresentado maior potencial de risco para repetir essa conduta (Atkins et al., 2001; Pittman, 1994).

O segundo domínio, se refere as características do companheiro(a) que possam ter contribuído para o contexto no qual a pessoa tenha decidido ter um caso, como, por exemplo, não estar emocionalmente disponível ao parceiro(a) (Allen & Atkins, 2005). Apesar deste domínio ser abordado pelos pesquisadores da área, ainda há poucas pesquisas que abordem a infidelidade como uma temática relacional, isso é, que investigue o casal como uma unidade de estudo para a compreensão do fenômeno.

O terceiro domínio enfatiza o casamento e as características deste nas situações de infidelidade (Allen & Atkins, 2005). Apesar dos resultados de pesquisas serem contraditórios, a maioria dos estudos apontam para uma correlação negativa entre satisfação conjugal e infidelidade (Buss & Shackelford, 1997; Maddox Shaw et al., 2013; Mark et al., 2011; Whisman et al., 2007). Além da satisfação conjugal, outros estudos apontaram para baixos níveis de compromisso e investimento na relação como preditores da infidelidade (Drigotas et al., 1999) da mesma forma que o estudo de Banfield e McCabe (2001) mostrou que a intenção de mulheres cometerem infidelidade era maior quando elas tinham menores níveis de compromisso com a relação. Nesta mesma perspectiva, pessoas que apresentam intenção de se separar tendem a estimar uma alta probabilidade de serem infiéis (Buss & Shackelford, 1997). Outro aspecto relevante registrado na literatura é o de que quanto mais jovem o indivíduo inicia o relacionamento, mais provável que experiencie infidelidade na relação (Amato & Rogers, 1997; Atkins et al., 2001).

O último domínio é o contexto e foca nos fatores externos, como cultura, ambiente, colegas de trabalho, entre outros (Allen & Atkins, 2005). A literatura aponta a oportunidade de trair como um fator de aumento da probabilidade de infidelidade, ou seja, conhecer pessoas que costumam ser infiéis (Jackman, 2015) e trabalhar fora de casa podem ser fatores favorecedores da infidelidade tanto para mulheres (Treas & Giesen, 2000) como para homens (Liu, 2000). Cidades urbanas parecem oportunizar mais possibilidades de infidelidade por possuírem mais pessoas disponíveis e maior anonimato (Allen et al., 2005; Treas & Giesen, 2000). Ter um emprego também pode ser compreendido como uma oportunidade de infidelidade ao expor as pessoas a potenciais parceiros no ambiente de trabalho (Allen et al., 2005). Além disso, a renda pessoal também tem se mostrado relacionada. Pessoas com alto nível de salário são mais suscetíveis a serem infiéis e isso pode ser devido a vida profissional

incluir mais oportunidades de traição (Allen et al., 2005; Atkins et al., 2001; Glass & Wright, 1985; Mark et al., 2011) ou por ter condições financeiras de arcar com os custos associados a infidelidade. Assim, emprego, salário, residir em cidade urbana, viajar a trabalho podem ser pensadas como variáveis contextuais que facilitariam a ocorrência de infidelidade por possibilitar mais oportunidades.

A compreensão desses quatro domínios é importante para facilitar a identificação de fatores de risco que podem incrementar o potencial de uma pessoa cometer um ato de infidelidade. Estudos sobre o tema referem que os quatro domínios presentes na infidelidade podem operar separadamente ou em interação (Huston, 2000). Sendo assim este estudo objetiva conhecer como as variáveis que compõem tais domínios descrevem o fenômeno em cada um deles desde a perspectiva masculina e feminina.

## **Método**

### *Participantes*

Participaram da pesquisa online 1042 pessoas, 730 mulheres (70%) e 312 homens (30%) de orientação heterossexual casados ou que coabitavam com seu(a) parceiro(a) representantes das cinco regiões do Brasil. As idades variaram entre 21 e 73 anos, sendo a idade média de 37 anos ( $DP = 10,5$ ). Foram incluídos no estudo somente os participantes que tinham idade acima de 21 anos e que viviam junto com seu companheiro(a) por no mínimo seis meses, tempo mínimo para que o casal estabeleça um padrão de funcionamento e uma rotina conjugal (Wagner et al., 1997, 1999). Nesta amostra, 54,9% estavam casados oficialmente, 20,9% tinham união estável e 24,3% moravam junto. O tempo médio de relacionamento com o cônjuge atual foi de 10 anos ( $DP = 9,98$ ) e 53,6% possuíam filhos. As informações detalhadas dos participantes encontram-se na Tabela 1 na sessão Resultados.

### *Instrumentos*

Questionário de dados sociodemográficos e do relacionamento: desenvolvido para esta pesquisa a fim de caracterizar a amostra investigada quanto a variáveis relativas aos domínios características pessoais (dados sociodemográficos, como idade, escolaridade), dados do companheiro(a) (dados sociodemográficos e informações sobre o trabalho do companheiro(a)), do casamento (informações sobre infidelidade no relacionamento atual e em

relacionamentos anteriores) e do contexto (informações sobre o trabalho e colegas de trabalho).

Para complementar a coleta de informações, foram utilizadas as seguintes escalas em outros dois domínios. O domínio características pessoais foi mensurado através do instrumento:

Versão Breve da Escala de Satisfação com a Vida de Estudantes – BMSLSS (*Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale* elaborada por Seligson, Huebner e Valois (2003). Adaptada para a população brasileira adulta por Bedin e Sarriera (2014). Esta escala mede através de seis itens os níveis de satisfação com a família, com os amigos, com a experiência de trabalho, consigo mesmo, com o lugar onde vive e com a vida globalmente. O score total de satisfação com a vida é feito a partir da soma dos 5 primeiros itens, pois a última questão é considerada um item apenas por tratar da satisfação com a vida globalmente. Nesta pesquisa, os itens foram medidos em escala do tipo *likert* de 6 pontos variando de “péssima” a “muito boa”. Os resultados com a amostra brasileira de adultos (Bedin & Sarriera, 2014) mostraram boa adequação da escala com alpha de 0,74 e os itens agrupados em um único componente explicaram 50,06% da variância. Nesta pesquisa, encontrou-se um único fator com alpha de *Cronbach* de 0,71.

O domínio casamento foi mensurado através dos instrumentos:

Escala de Ajustamento Conjugal Revisada - RDAS-P (*Revised Dyadic Adjustment Scale* de Busby, Christensen, Crane e Larson (1995)) traduzida e adaptada para o português Brasileiro por Hollist et al. (2012). O RDAS-P é um instrumento composto por 14 itens medidos em uma escala do tipo *likert* de 6 pontos, que compõem três subescalas: satisfação, consenso e coesão. A satisfação avalia a estabilidade percebida no relacionamento e como os conflitos são encaminhados. O consenso mede o grau de concordância sobre assuntos de casal. E por fim, a coesão avalia a frequência de interações positivas no casal. As subescalas podem ser somadas para formarem um escore total representativo do ajustamento conjugal que varia de 0 a 69, com maiores valores indicando melhores níveis de ajustamento. Os alfas de *Cronbach* do estudo de validação americano foram de 0,85 para satisfação; 0,81 para consenso e 0,80 para coesão. Neste estudo, a análise fatorial exploratória manteve a mesma estrutura fatorial da escala original, com alfas de *Cronbach* de 0,83 para satisfação; 0,70 para consenso e 0,82 para coesão, demonstrando uma bons índices de validade interna.

Versão Reduzida da Escala Triangular do Amor - ETAS (*Triangular Love Scale* elaborada por Sternberg (1997) e reduzida por Lemieux e Hale (1999, 2000)). Adaptada para a população brasileira por Cassepp-Borges e Teodoro (2007). Esta escala avalia os elementos

componentes do amor através de três subescalas: intimidade, paixão e decisão/compromisso. A intimidade é caracterizada pelo sentimento de proximidade e conexão no relacionamento. A paixão é responsável pela atração física e sexual, pelo romance e pelo desejo de estar juntos e pela excitação. E, por fim, decisão/compromisso avalia a certeza de amar e ser amado e à vontade de manter o relacionamento a longo prazo. Os 18 itens são respondidos com relação ao companheiro(a) atual em uma escala do tipo *likert* de 9 pontos, variando de “1 - jeito nenhum” a “9 – muito frequentemente”. No estudo de validação brasileira, os alphas para as subescalas intimidade, paixão e decisão/compromisso foram de 0,90; 0,90; 0,91, respectivamente (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007). Neste estudo, a Análise Fatorial Confirmatória apontou para a mesma estrutura fatorial do estudo de adaptação brasileira, nos quais  $X^2(132) = 794,991$ ; CFI = 0,930; TLI = 0,918; RMSEA (0,075 – 0,086) = 0,080; SRMR = 0,040. As cargas fatoriais variaram de 0,67 a 0,89 e os alphas de *Cronbach* de 0,88 para intimidade; 0,88 para paixão e 0,89 para decisão/compromisso.

Os instrumentos podem ser visualizados no Anexo C.

### *Procedimentos*

A coleta de dados foi realizada online através da base de dados *Qualtrics* ([www.qualtrics.com](http://www.qualtrics.com)). A escolha desse método se deu pela facilidade de acesso aos participantes (Brock, Barry, Lawrence, Dey, & Rolffs, 2012) e pela garantia de confidencialidade e anonimato. O método online proporciona que os participantes sintam-se mais confortáveis para responder as perguntas e serem sinceros (Brock et al., 2012; Ess, 2010). Os participantes foram convidados a responder a pesquisa através de um chamamento realizado pelas redes sociais, Twitter e Boletim informativo da Universidade e do Programa de Pós-graduação, envio de e-mails para listas de contatos em Universidade Brasileiras, além da divulgação em órgãos como Associação de Terapia de Família. Além disso, esta pesquisa contou com o efeito bola de neve (Velasco & Díaz de Rada, 1997), pedindo que os próprios participantes encaminhassem e divulgassem o link da pesquisa. Nesse convite, estava presente os objetivos da pesquisa e os critérios de inclusão, ressaltando a importância da participação para avanço do conhecimento na temática e a garantia do anonimato das respostas. Os participantes que acessavam o *link* disponível no convite eram encaminhados para o protocolo hospedado na base de dados *Qualtrics*. O primeiro passo foi a leitura do Termo de Consentimento e Livre e Esclarecido e após aceite em participar da pesquisa, os participantes leram algumas recomendações (Wackelke & Andrade, 2009) sobre a coleta de dados, tais

como responder a todas as questões individualmente, não haver resposta certa ou errada e tempo de preenchimento do questionário entre 10 e 20 minutos. Além disso, garantiu-se a confidencialidade dos dados e anonimato das respostas. Após esta etapa, os participantes responderam ao protocolo da pesquisa. A coleta de dados teve duração de 2 meses e contou com divulgação constante durante todo este período. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS, sob o registro CAAE 23718014.4.0000.5334.

Com relação a análise dos dados, foram realizadas análises descritivas de frequência, médias e desvio-padrão das variáveis a fim de descrever e comparar homens e mulheres fiéis e infiéis. Para averiguar as relações entre as pessoas que apresentaram comportamento infiel na relação atual daqueles que não foram infiéis, foram realizadas análises de variância (ANOVA). A fim de analisar as diferenças entre os grupos de fiéis e infiéis considerando homens e mulheres, realizou-se análise de modelo linear geral multivariável para observar a interação entre sexo e ter traído ou não o companheiro(a) atual. Ressalta-se que nesta pesquisa foi considerada somente a infidelidade ocorrida no relacionamento atual.

## **Resultados**

### *A infidelidade: ocorrência do fenômeno*

A fim de investigar a vivência de traição dos sujeitos entrevistados, perguntou-se aos participantes se já haviam traído o companheiro(a) atual, se já haviam sido traídos pelo companheiro(a) atual e considerando todos os relacionamentos amorosos, se já haviam traído algum companheiro(a) no passado. Dos 1000 respondentes, 23,7% (18,8% das mulheres e 35,2% dos homens) afirmaram já ter traído seu companheiro atual e 52,5% já haviam sido infiéis ao considerar todos os seus relacionamentos amorosos (50,9% de mulheres e 56,1% de homens). Ao serem indagados sobre terem sido traídos pelo companheiro(a) atual, considerando as opções de resposta “sim” “não” e “não sei”, 14,8% afirmaram já terem sido traídos por seu companheiro(a) atual (18,2% das mulheres e 6,8% dos homens).

Ao considerar a diferença entre os sexos, a análise do Qui-quadrado apontou diferença significativa entre homens e mulheres quanto aos índices de infidelidade no relacionamento atual  $X^2(1, 1000) = 31,58, p < 0,01$ , sendo que os homens foram mais infiéis do que as mulheres. Quanto a terem sido traídos, os resultados também apontaram para diferenças significativas  $X^2(2, 986) = 21,55, p < 0,01$ , sendo que as mulheres foram mais traídas que os homens. Entretanto, quando considerados todos os relacionamentos amorosos vividos pelos

sujeitos, não houve diferença significativa no índice de infidelidade entre homens e mulheres  $X^2(1, 985) = 2,22, p = 0,136$ .

A fim de observar o comportamento das variáveis que podem estar associadas à infidelidade, realizou-se análises descritivas para os quatro domínios através de frequência, média e desvio-padrão para homens e mulheres fiéis e infiéis e realizou-se análises de variância para mensurar a diferença de médias entre fiéis e infiéis considerando igualmente o sexo dos respondentes. Os resultados serão apresentados considerando os quatro domínios: característica pessoais, características do(a) companheiro(a), casamento e o contexto.

*Domínio: Características pessoais*

A Tabela 1 apresenta os dados descritivos das características pessoais para homens e mulheres fiéis e infiéis. Além dos valores para homens e mulheres, a tabela apresenta o valor total que corresponde ao resultado considerando ambos os sexos.

Tabela 1

*Domínio Características pessoais: Frequências, médias e desvio padrão das variáveis*

Variáveis	Todos n (%)	Fiéis		Infiéis			
		Homens n (%)	Mulheres n (%)	Todos n (%)	Homens n (%)	Mulheres n (%)	
Condição amorosa	Casado oficialmente	426 (56)	120 (61,9)	306 (54)	121 (51,1)	53 (50)	68 (51,9)
	União estável	148 (19,4)	38 (19,6)	110 (19,4)	62 (26,2)	31 (29,2)	31 (23,7)
	Mora junto	187 (24,6)	36 (18,6)	151 (26,6)	54 (22,8)	22 (20,8)	32 (24,4)
Tem filhos	Sim	384 (50,4)	97 (50)	287 (50,5)	147 (62)	64 (60,4)	83 (63,4)
	Não	378 (49,6)	97 (50)	281 (49,5)	90 (38)	42 (39,6)	48 (36,6)
Filhos moram na residência	Sim	326 (84,9)	76 (78,4)	250 (87,1)	110 (74,8)	46 (71,9)	64 (77,1)
	Não	58 (15,1)	21 (21,6)	37 (12,9)	37 (25,2)	18 (28,1)	19 (22,9)
Escolaridade	Médio completo	33 (4,3)	5 (2,6)	28 (4,9)	11 (4,6)	6 (5,7)	5 (3,8)
	Superior incompleto	109 (14,3)	31 (16)	78 (13,7)	34 (14,3)	12 (11,3)	22 (16,8)
	Superior completo	141 (18,5)	35 (18)	106 (18,7)	45 (19)	20 (18,9)	25 (19,1)
	Pós-graduação incompleto	82 (10,8)	15 (7,7)	67 (11,8)	23 (9,7)	6 (5,7)	17 (13)
	Pós-graduação	397	108 (55,7)	289 (50,9)	124	62 (58,5)	62 (47,3)

	completo	(52,1)		(52,3)			
Renda em salários mínimos	Até 3	240 (31,7)	34 (17,5)	206 (36,7)	77 (32,5)	23 (21,7)	54 (41,2)
	Entre 3 e 5	141 (18,7)	26 (13,4)	115 (20,5)	30 (12,7)	13 (12,3)	17 (13)
	Entre 5 e 7	100 (13,2)	21 (10,8)	79 (14,1)	28 (11,8)	12 (11,3)	16 (12,2)
	Mais de 7	275 (36,4)	113 (58,2)	162 (28,8)	102 (43)	58 (54,7)	44 (33,6)
Praticante religião	1 Pouco	232 (30,9)	78 (41,1)	154 (27,5)	85 (36,5)	43 (41,3)	42 (32,6)
	2	194 (25,9)	38 (20)	156 (27,9)	70 (30)	30 (28,8)	40 (31)
	3	167 (22,3)	38 (20)	129 (23)	39 (16,7)	13 (12,5)	26 (20,2)
	4	88 (11,7)	22 (11,6)	66 (11,8)	20 (8,6)	8 (7,7)	12 (9,3)
	5 Muito	69 (9,2)	14 (7,4)	55 (9,8)	19 (8,2)	10 (9,6)	9 (7)
Bem-estar M(DP)	24,79 (3,16)	25 (2,98)	24,71 (3,21)	24,09 (3,26)	23,66 (3,32)	24,45 (3,19)	

Ao analisar-se as diferenças de variância entre aqueles participantes que já haviam traído seu companheiro(a) atual e aqueles que não haviam traído, no domínio características pessoais, encontrou-se diferença significativa nas variáveis filhos  $F(1, 998) = 9,900$ ;  $p = 0,002$  e níveis de bem-estar  $F(1, 992) = 8,522$ ;  $p = 0,004$ . Ter filhos e os filhos morarem na residência ( $F(1, 998) = 9,90$ ;  $p = 0,007$ ) foram variáveis que diferenciaram os grupos, ou seja, aqueles que traem têm mais filhos, e a maioria dos filhos não moram na mesma residência. As pessoas da amostra que traíram seu parceiro tem de 1 a 5 filhos ( $M = 1,73$ ;  $DP = 0,85$ ) com idade média do filho mais velho de 15,41 anos ( $DP = 12,27$ ). A idade dos filhos também foi uma variável que se associou à infidelidade  $F(1, 525) = 8,30$ ;  $p = 0,004$ , sendo que as pessoas que cometeram infidelidade tem o primeiro filho com idade maior ( $M = 16,25$ ;  $DP = 11,53$ ) daqueles que não cometeram infidelidade ( $M = 13,09$ ;  $DP = 11,13$ ). Porém, esse dado não fala da idade do filho na época em que houve a infidelidade. Com relação aos níveis de bem-estar  $F(1, 992) = 8,52$ ,  $p = 0,004$ , o bem-estar é maior entre aqueles que não traíram ( $M = 24,78$ ,  $DP = 3,16$ ) quando comparado aos que traíram ( $M = 24,09$ ,  $DP = 3,26$ ).

Ao considerar a relação entre o nível de escolaridade e renda da pessoa infiel e do seu companheiro(a), encontrou-se correlação moderada entre a escolaridade daqueles que traíram e do seu companheiro(a)  $r = 0,41$ ;  $p < 0,01$ , indicando que quanto maior o nível de estudo da pessoa infiel, maior o nível de estudo do seu parceiro(a). Com relação à renda da pessoa que cometeu infidelidade e do seu companheiro(a), encontrou-se uma correlação fraca  $r = 0,25$ ;  $p < 0,01$ , embora significativa, demonstrando que existe pouca relação entre a renda da pessoa

infiel e de seu parceiro(a), mas mesmo assim, quanto maior a renda de quem trai, maior a renda do seu companheiro(a).

Ao serem realizadas análises separadas para homens e mulheres, os resultados indicaram que para as mulheres encontrou-se diferença entre o grupo de fiéis e infiéis somente para a variável ter filhos  $F(1, 698) = 7,085; p = 0,008$ , ou seja, as mulheres que traíram seu companheiro tinham mais filhos do que aquelas que se mantiveram fiéis. Já no grupo de homens, encontrou-se diferença entre os fiéis e infiéis somente para a variável nível de bem-estar  $F(1, 298) = 12,649; p < 0,01$ , de forma que aqueles que não traíram a companheira apresentam melhores níveis de bem-estar quando comparado com aqueles que traíram.

Para verificar se havia variação com relação ao sexo, analisou-se a interação entre ter sido infiel e o sexo dos participantes. No domínio características pessoais, encontrou-se interação positiva somente para o bem-estar  $F(1, 958) = 5,392; p = 0,020$ , ou seja, homens ( $M = 25, DP = 2,98$ ) e mulheres ( $M = 24,71, DP = 3,21$ ) que não traíram apresentaram maiores níveis de bem-estar que aqueles homens ( $M = 23,66, DP = 3,32$ ) e mulheres ( $M = 24,45, DP = 3,19$ ) que traíram. Ao avaliar os valores de bem-estar, pode-se dizer que os homens que traíram são os que apresentam os menores valores, enquanto que para as mulheres, os valores de bem-estar estão próximos, independente de ter traído ou não.

*Domínio: Características do companheiro(a)*

A Tabela 2 apresenta os dados descritivos das características do companheiro(a) dos participantes homens e mulheres fiéis e infiéis.

Tabela 2

*Domínio Características do companheiro(a): Frequências, médias e desvio padrão das variáveis*

Variáveis	Todos n (%)	Fiéis		Infiéis			
		Homens n (%)	Mulheres n (%)	Todos n (%)	Homens n (%)	Mulheres n (%)	
Escolaridade companheiro (a)	Médio completo	101 (13,3)	12 (6,2)	89 (15,8)	42 (17,7)	13 (12,3)	29 (22,1)
	Superior incompleto	121 (15,9)	32 (16,5)	89 (15,8)	38 (16)	12 (11,3)	26 (19,8)
	Superior completo	229 (30,2)	59 (30,4)	170 (30,1)	63 (26,6)	29 (27,4)	34 (26)

	Pós-graduação	308 (40,6)	91 (46,9)	217 (38,4)	94 (39,7)	52 (49,1)	42 (32,1)
Tipo de trabalho do companheiro (a)	Home-office	66 (8,8)	36 (18,9)	30 (5,4)	24 (10,4)	15 (14,6)	9 (7)
	Fora de casa	518 (69,3)	124 (65,3)	394 (70,7)	162 (70,1)	71 (68,9)	91 (71,1)
	Misto	163 (21,8)	30 (15,8)	133 (23,9)	45 (19,5)	17 (16,5)	28 (21,9)
Viagens do companheiro (a)	Nunca	353 (46,6)	119 (61,7)	234 (41,4)	117 (49,8)	65 (61,3)	52 (40,3)
	Algumas vezes	223 (29,4)	46 (23,8)	177 (31,3)	66 (28,1)	26 (24,5)	40 (31)
	Pelo menos 1 x a cada 6 meses	70 (9,2)	19 (9,8)	51 (9)	19 (8,1)	9 (8,5)	10 (7,8)
	1x por mês ou mais	112 (14,8)	9 (4,6)	103 (18,2)	33 (14)	6 (2,8)	27 (20,9)
Renda companheiro (a) em salários mínimo	Até 1	60 (8,1)	37 (19,5)	23 (4,2)	22 (9,4)	17 (16,2)	5 (3,9)
	Entre 1 e 3	160 (21,6)	44 (23,2)	116 (21)	64 (27,5)	31 (29,5)	33 (25,8)
	Entre 3 e 5	129 (17,4)	32 (16,8)	97 (17,6)	40 (17,2)	16 (15,2)	24 (18,8)
	Entre 5 e 7	114 (15,4)	31 (16,3)	83 (15)	26 (11,2)	9 (8,6)	17 (13,3)
	Mais de 7	279 (37,6)	46 (24,2)	233 (42,2)	81 (34,8)	32 (30,5)	49 (38,3)

Com relação ao domínio características do companheiro(a), os resultados indicaram que nenhuma das variáveis mensuradas no estudo apresentou diferença significativa entre os grupos daqueles que traíram e não traíram seu companheiro(a). Ao serem realizadas análises separadas para homens e mulheres, tanto o grupo masculino como o feminino não apresentaram diferença significativa entre fiéis e infiéis. Da mesma forma, ao analisar a interação entre ter sido infiel e o sexo dos participantes, nenhuma das variáveis do domínio características do companheiro(a), que estão descritas na Tabela 2, apresentaram interação significativa.

#### *Domínio: Casamento*

A Tabela 3 apresenta os dados descritivos relativos às variáveis do relacionamento de homens e mulheres fiéis e infiéis.

Tabela 3

*Domínio Casamento: Frequências, médias e desvio padrão das variáveis*

Variáveis		Fiéis			Infiéis		
		Todos n (%)	Homens n (%)	Mulheres n (%)	Todos n (%)	Homens n (%)	Mulheres n (%)
Já pensou em se separar	Sim	425 (55,9)	90 (46,4)	335 (59,2)	208 (88,1)	86 (81,1)	122 (93,8)
	Não	335 (44,1)	104 (53,6)	231 (40,8)	28 (11,9)	20 (18,9)	8 (6,2)
Já se separou temporariamente	Sim	116 (15,3)	14 (7,2)	102 (18)	96 (40,5)	35 (33)	61 (46,6)
	Não	644 (84,7)	180 (92,8)	464 (82)	141 (59,5)	71 (67)	70 (53,4)
Já foi infiel em relacionamento anterior?	Sim	386 (50,7)	102 (52,6)	284 (50,1)	131 (58,5)	63 (63)	68 (54,8)
	Não	375 (49,3)	92 (47,4)	283 (49,9)	93 (41,5)	37 (37)	56 (45,2)
Pai foi infiel à mãe	Sim	304 (40)	63 (32,5)	241 (42,6)	110 (48,9)	44 (44)	66 (52,8)
	Não	208 (27,4)	56 (28,9)	152 (26,9)	27 (12)	13 (13)	14(11,2)
	Não sei	248 (32,6)	75 (38,7)	173 (30,6)	88 (39,1)	43 (43)	45 (36)
Mãe foi infiel ao pai	Sim	57 (7,5)	13 (6,7)	44 (7,8)	21 (9,3)	9 (9)	12 (9,6)
	Não	486 (63,9)	110 (56,7)	376 (66,3)	112 (49,8)	47 (47)	65 (52)
	Não sei	218 (28,6)	71 (36,6)	147 (25,9)	92 (40,9)	44 (44)	48 (38,4)
Consenso M(DP)		6,67 (3,78)	6,30 (3,42)	6,80 (3,90)	9,05 (4,11)	8,67 (3,76)	9,36 (4,37)
Satisfação M(DP)		14,70 (3,17)	15,32 (2,88)	14,50 (3,23)	12,68 (3,40)	13,17 (3,25)	12,30 (3,48)
Coesão M(DP)		12,69 (3,77)	13,28 (3,62)	12,49 (3,89)	11,28 (3,84)	12,07 (3,68)	10,65 (3,87)
Intimidade M(DP)		44,36 (8,73)	45,13 (7,64)	44,09 (9,08)	38,19 (10,44)	39,03 (9,72)	37,46 (11,01)
Paixão M(DP)		41,78 (9,80)	43,23 (8,80)	41,26 (10,09)	33,96 (11,77)	37,52 (9,91)	30,82 (12,41)
Decisão/compro metimento M(DP)		44,67 (9,89)	45,47 (9,21)	44,39 (10,12)	36,28 (12,67)	38,16 (12,22)	34,60 (12,90)

O domínio casamento foi aquele que mostrou maiores diferenças entre os grupos de fiéis e infiéis, sendo que todas as variáveis investigadas neste estudo referentes ao relacionamento mostraram diferenças significativas. Os participantes que já traíram pensaram mais em se separar do seu companheiro(a) que aqueles que não traíram o parceiro(a)  $X^2(1, 996) = 80,68; p < 0,01$ . Da mesma forma, aqueles que já haviam se separado temporariamente

ou dado um tempo no relacionamento atual,  $X^2(1, 997) = 68,76; p < 0,01$  foram mais infiéis do que aqueles que se mantiveram fiéis ao companheiro(a). Quanto a ter sido infiel em relacionamentos anteriores  $X^2(1, 985) = 4,18; p = 0,02$ , aqueles que foram infiéis no relacionamento atual foram, da mesma forma, mais infiéis em relacionamentos passados.

Ao considerar as medidas do ajustamento conjugal, houve diferença significativa nas médias de consenso  $F(1, 999) = 68,548; p < 0,01$ , satisfação  $F(1, 999) = 71,150; p < 0,01$  e coesão  $F(1, 999) = 24,798; p < 0,01$ , sendo que as pessoas que cometeram infidelidade apresentam maiores níveis de consenso e menores níveis de satisfação e coesão quando comparados aos participantes que não traíram o companheiro(a). Quanto às medidas de amor, as análises apontaram para diferenças significativas entre os grupos para os três fatores: intimidade  $F(1, 815) = 65,688; p < 0,01$ , paixão  $F(1, 820) = 83,989; p < 0,01$  e decisão/compromisso  $F(1, 826) = 90,734; p < 0,01$ , sendo que as pessoas infiéis apresentaram menores valores nos três fatores relacionados ao amor quando comparado ao grupo dos que se mantiveram fiéis.

Ao considerar o sexo dos participantes separadamente, exceto pela variável “você já foi infiel em relacionamentos anteriores”, todas as demais variáveis relativas ao casamento apresentam diferença significativa entre o grupo de fiéis e infiéis, tanto para os homens como para as mulheres, conforme pode ser verificado na Tabela 4.

Tabela 4

*ANOVA das variáveis do domínio casamento para homens e mulheres*

Variável	Mulheres	Homens
Já pensou em se separar	$X^2(1, 696) = 56,32^{**}$	$X^2(1, 300) = 34,12^{**}$
Já se separou temporariamente	$X^2(1, 697) = 48,37^{**}$	$X^2(1, 300) = 33,39^{**}$
Consenso	$F(1, 698) = 43,865^{**}$	$F(1, 300) = 30,695^{**}$
Satisfação	$F(1, 698) = 48,102^{**}$	$F(1, 300) = 34,767^{**}$
Coesão	$F(1, 698) = 23,739^{**}$	$F(1, 300) = 8,322^*$
Intimidade	$F(1, 595) = 40,844^{**}$	$F(1, 249) = 29,593^{**}$
Paixão	$F(1, 565) = 80,934^{**}$	$F(1, 254) = 22,211^{**}$
Decisão/comprometimento	$F(1, 566) = 68,412^{**}$	$F(1, 259) = 29,193^{**}$

\* $p < 0,05$  \*\* $p < 0,01$

Tanto para o grupo das mulheres como para o grupo dos homens, as pessoas que cometeram infidelidade apresentam maiores níveis de consenso e menores níveis de satisfação e coesão quando comparadas aos participantes que não traíram o companheiro(a). Da mesma forma, as pessoas infiéis apresentaram menores valores nos três fatores relacionados ao amor quando comparado ao grupo dos que se mantiveram fiéis quando realizada análise para cada grupo por separado.

Para verificar se havia variação com relação ao sexo, analisou-se a interação entre ter sido infiel e o sexo dos participantes nas variáveis referentes ao domínio casamento. Os resultados apontaram que somente a paixão teve interação significativa  $F(1, 770) = 5,435; p = 0,020$ , sendo as mulheres que já traíram as que apresentam menores médias de paixão.

Também analisou-se se a infidelidade no relacionamento dos pais tinha diferença entre os grupos de fiel e infiel. Quando os pais foram infiéis a suas esposas, homens e mulheres foram igualmente mais infiéis com seus companheiros(as)  $X^2(2, 986) = 14,70, p < 0,01$ . Da mesma forma, quando as mães traíram seus esposos, os participantes foram mais infiéis aos seus companheiros(as)  $X^2(2, 985) = 22,59, p = 0,001$ .

#### *Domínio: Contexto*

A Tabela 5 apresenta os dados descritivos relativos ao contexto de homens e mulheres fiéis e infiéis.

Tabela 5

*Domínio Contexto: Frequências, médias e desvio padrão das variáveis*

Variáveis	Todos n (%)	Fiéis		Infiéis			
		Homens n (%)	Mulheres n (%)	Todos n (%)	Homens n (%)	Mulheres n (%)	
Tipo de trabalho	Home-office	72 (9,6)	7 (3,6)	65 (11,7)	17 (7,2)	5 (4,7)	12 (9,3)
	Fora de casa	464 (61,8)	130 (67)	334 (60)	157 (66,8)	64 (60,4)	93 (72,1)
	Misto	215 (28,6)	57 (29,4)	158 (28,4)	61 (26)	37 (34,9)	24 (18,6)
Viagens a trabalho	Nunca	357 (49,5)	63 (34,1)	294 (54,9)	95 (42,6)	29 (29,6)	66 (52,8)
	Algumas vezes	237 (32,9)	69 (37,3)	168 (31,3)	87 (39)	43 (43,9)	44 (35,2)
	Pelo menos 1 x a cada 6 meses	87 (12,1)	34 (18,4)	53 (9,9)	22 (9,9)	11 (11,2)	11 (8,8)
	1x por mês ou mais	40 (5,5)	19 (10,3)	21 (3,9)	19 (8,5)	15 (15,3)	4 (3,2)

Colegas de trabalho	Mesmo sexo	307 (40,8)	62 (32)	245 (43,9)	72 (30,6)	29 (27,4)	43 (33,3)
	Sexo oposto	116 (15,4)	50 (25,8)	66 (11,8)	46 (19,6)	27 (25,5)	19 (14,7)
	Meio a meio	236 (31,4)	68 (35,1)	168 (30,1)	92 (39,1)	46 (43,4)	46 (35,7)
	Trabalho sozinho	93 (12,4)	14 (7,2)	79 (14,2)	25 (10,6)	4 (3,8)	21 (16,3)
Outras pessoas morando na residência	Sim	78 (10,2)	19 (9,8)	59 (10,4)	26 (11)	14 (13,2)	12 (9,2)
	Não	684 (89,8)	175 (90,2)	509 (89,6)	211 (89)	92 (86,8)	119 (90,8)
Colegas de trabalho costumam trair	Sim	234 (30,7)	79 (40,7)	155 (27,3)	84 (37,3)	49 (49)	35 (28)
	Não	178 (23,4)	31 (16)	147 (25,9)	33 (14,7)	10 (10)	23 (18,4)
	Não sei	349 (45,9)	84 (43,3)	265 (46,7)	108 (48)	41 (41)	67 (53,6)
Região de residência	Sul	453 (60,5)	107 (56)	346 (62)	148 (63,8)	61 (59,2)	87 (67,4)
	Sudeste	149 (19,9)	38 (19,9)	111 (19,9)	44 (19)	18 (17,5)	26 (20,2)
	Cento-oeste	26 (3,5)	8 (4,2)	18 (3,2)	5 (2,2)	5 (4,9)	0
	Nordeste	87 (11,6)	26 (13,6)	61 (10,9)	23 (9,9)	13 (12,6)	10 (7,8)
	Norte	34 (4,5)	12 (6,3)	22 (3,9)	12 (5,2)	6 (5,8)	6 (4,7)
Tipo de cidade	Capital do estado	375 (49,3)	106 (54,6)	269 (47,4)	109 (46)	54 (50,9)	55 (42)
	Região metropolitana	70 (9,2)	18 (9,3)	52 (9,2)	20 (8,4)	8 (7,5)	12 (9,2)
	Cidade urbana com opções de lazer	228 (30)	50 (25,8)	178 (31,4)	84 (35,4)	33 (31,1)	51 (38,9)
	Cidade urbana sem opções de lazer	83 (10,9)	20 (10,3)	63 (11,1)	22 (9,3)	10 (9,4)	12 (9,2)

Com relação ao domínio contexto, encontrou-se diferença entre o grupo de fiéis e infiéis para duas variáveis. Pessoas que tinham colegas de trabalho do mesmo sexo tiveram menos infidelidade que pessoas que trabalhavam com colegas do sexo oposto  $X^2(3, 987) = 10,41, p = 0,01$ . Além disso, aqueles que tem amigos ou colegas de trabalho que costumam trair seus companheiros(as) traíram mais que aqueles no qual o entorno não trai o parceiro(a)  $X^2(2, 986) = 8,68, p = 0,01$ . Ao considerar as análises somente para homens, não encontrou-se diferença para os grupos de fiéis e infiéis para as variáveis do domínio contexto. Com relação à amostra feminina, encontrou-se diferença quanto ao tipo de trabalho. As mulheres que trabalham fora de casa foram mais infiéis que aquelas que trabalham em casa  $X^2(2, 686) =$

6,76,  $p = 0,03$ . Ao avaliar a interação entre ter sido infiel e o sexo dos participantes, constatou-se que aquelas variáveis que caracterizaram nesse estudo o contexto dos sujeitos, descritas na Tabela 5, não foram significativas na explicação da infidelidade conjugal.

## **Discussão**

A infidelidade é um assunto que permeia todos os relacionamentos amorosos. Esse fenômeno, durante muito tempo considerado uma prática eminentemente masculina, hoje tem sido percebido como um fenômeno tanto masculino como feminino. Esse dado é corroborado pelos resultados desta pesquisa que apontam que, ao considerar todos os relacionamentos amorosos dos participantes, as taxas de infidelidade entre homens e mulheres não apresentaram diferença significativa. Observa-se que hoje as fronteiras entre o feminino e masculino estão cada vez mais difusas: encontram-se famílias onde as mulheres tem maiores salários e são responsáveis pelo sustento da casa, homens encarregados das tarefas domésticas e dos cuidados com a prole, denotando a ausência de um único modelo de papel masculino e feminino na família, o que tem reverberado no funcionamento e na dinâmica conjugal e familiar. Desta forma, pode-se pensar que tantas transformações que as famílias e casais tem passado em função de mudanças sociais também tem tido impacto no que tange ao fenômeno da infidelidade.

As pesquisas publicadas até os anos 2000, na sua maior parte, apontavam para diferenças entre os sexos com relação ao fenômeno da infidelidade, com relação a sua ocorrência, funcionamento e consequências na relação. Neste artigo, investigou-se a diferença entre homens e mulheres relacionada aos quatro domínios importantes para a compreensão da infidelidade: características pessoais, características do companheiro(a), casamento e contexto. Com relação a estes domínios, os dados não apontaram para diferenças notórias entre homens ou mulheres, ou seja, o que está relacionado à infidelidade para homens e mulheres não parece ser muito diferente, corroborando a ideia da universalidade da infidelidade nos relacionamentos conjugais.

Já existem evidências que confirmam que estes quatro domínios influenciam na infidelidade (Allen & Atkins, 2005), podendo ser fatores protetivos e de riscos. Contudo, esse estudo demonstra a importância do casamento e das variáveis do relacionamento para a infidelidade em casais que coabitam ou moram juntos. Apesar do senso comum difundir um perfil da pessoa traidora ou julgar o ato da infidelidade a partir de características pessoais do

traidor, essa pesquisa demonstrou que a dinâmica do relacionamento conjugal é um fator determinante para a aparição da infidelidade nos relacionamentos.

Nos dias atuais, é crescente o número de separações. Contudo, as pessoas se divorciam não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas. Dessa forma, a infidelidade pode ser pensada como uma maneira das pessoas testarem alternativas para finalizar ou não um relacionamento com baixos níveis de satisfação ao se envolver com outra pessoa (Maddox Shaw et al., 2013). Nesse sentido, a ruptura do vínculo também apareceu como uma variável que diferencia as pessoas que traíram daquelas que não traíram. Nesta amostra, a infidelidade esteve relacionada a ter pensado em se separar ou em ter temporariamente se separado do companheiro(a). Pode-se pensar que a separação já é um indicativo da baixa qualidade da relação o que vai ao encontro dos baixos níveis de satisfação e coesão no relacionamento das pessoas envolvidas em infidelidade.

Além de baixos níveis de satisfação e comprometimento, as pessoas que traíram seu companheiro(a) apresentam maiores níveis de consenso e menores de intimidade. O casamento pressupõe uma relação de grandes níveis de proximidade, mas, encontram-se casais que apresentam dificuldades com a intimidade e com o passar dos anos, há um aumento do afastamento emocional entre os seus membros. Esse processo pode resultar em falta de curiosidade pelo outro, levando a uma relação monótona e empobrecida, reverberando, dessa forma, na busca de novas aventuras em outros relacionamentos (Nabarro & Ivanir, 2002). Nesta mesma perspectiva, se explica os baixos níveis de paixão nestes casais que vivenciam a traição. Pesquisas de Yeniçeri e Kökdemir (2006) corroboram essa ideia quando revelam que a falta da paixão, expressa em excitação, romantismo e intimidade sexual, é reportada pelas pessoas infiéis como um dos motivos que levam a infidelidade.

Outra variável associada ao domínio casamento que diferenciou os grupos de fiéis e infiéis foi ter sido infiel em relacionamento anterior o que corrobora a ideia de que menores níveis de comprometimento com a relação pode estar associada a maior suscetibilidade a traição. Pode-se assumir que lacunas nos níveis de comprometimento possam fazer com que a pessoa que cometa infidelidade seja menos preocupada com os sentimentos do seu companheiro(a) e se envolva com maior facilidade em comportamentos de infidelidade. Além disso, baixos níveis de comprometimento parecem estar relacionados com maiores níveis de insatisfação com a relação, fazendo com que a pessoa possa estar em busca de um novo relacionamento (Martins et al., 2015).

Ter filhos também esteve associado a infidelidade. Este dado corrobora resultados de estudos anteriores que já apontavam que pessoas com filhos (Blow & Hartnett, 2005b; Liu, 2000) ou até mesmo homens durante a gravidez da esposa apresentavam mais comportamentos de infidelidade. Sabe-se que os filhos são, muitas vezes, motivo de conflito para o casal (Scheeren, Neumann, Grzybowski, & Wagner, 2015) e podem influenciar nos níveis de intimidade do mesmo. Muitos casais tem dificuldade de equilibrar a conjugalidade e a parentalidade, desfavorecendo, muitas vezes, a vida conjugal em função dos filhos. Isso pode explicar porque casais com filhos tendem a ter mais casos extraconjugais, inclusive as mulheres. Muitas relatam se sentirem sozinhas na educação e decisões referentes aos filhos, sendo o relacionamento extraconjugal uma maneira de buscar apoio e afeto. Além disso, ainda nos dias atuais, a presença de filhos acaba sendo um mantenedor de casamentos com baixos níveis de satisfação, podendo a infidelidade ser uma válvula de escape de um relacionamento infeliz e busca por prazer. Desta forma, pode-se perguntar se os filhos acabam impedindo a separação do casal e sendo fator para manutenção de um casamento infeliz por mais tempo.

Apesar das evidências de que a infidelidade é um assunto relacional, esta pesquisa não avaliou casais e a sua dinâmica conjugal. Os dados deste estudo foram coletados individualmente, partindo da experiência de cada um dentro da relação conjugal. Contudo, sugere-se que estudos que avaliem ambos os membros do casal possam ser realizados a fim dar mais complexidade a tais análises.

É importante ressaltar que esses achados não permitem uma avaliação de causalidade entre as variáveis por se tratar de um estudo transversal. É possível inferir relações e perceber diferenças entre os grupos, contudo, é preciso interpretar os dados com cautela em função de algumas limitações da pesquisa. Nesse estudo, mensurou-se apenas a experiência da infidelidade no relacionamento atual, não podendo generalizar os resultados para outros relacionamentos dos sujeitos. Além disso, os participantes foram questionados sobre terem traído o parceiro(a) atual, contudo não podemos afirmar o que cada participante entende por infidelidade, pois isso não foi controlado no estudo. Ressalta-se, ainda, que os resultados são referentes a pessoas de orientação heterossexual que moram junto ou são casadas, sugerindo-se para estudos futuros a ampliação da coleta de dados para pessoas de diferentes orientações sexuais que se encontram em outras condições amorosas, como solteiras ou namorando.

Para concluir, este estudo examinou quatro domínios que poderiam estar envolvidos na infidelidade em pessoas casadas ou em coabitação. Os achados desta pesquisa sugerem que não são as características pessoais da pessoa infiel, do seu companheiro(a) ou o contexto que

estão fortemente associados a infidelidade. Contudo, são as variáveis relacionadas à conjugalidade que parecem ter um papel importante na compreensão da infidelidade. Esses achados sugerem que os clínicos possam estar atentos à saúde do relacionamento conjugal para auxiliarem os casais a reduzirem os riscos de infidelidade na relação.

### Referências

- Adamopoulou, E. (2013). New facts on infidelity. *Economics Letters*, *121*(3), 458–462. doi:10.1016/j.econlet.2013.09.025
- Allen, E. S., & Atkins, D. C. (2005). The multidimensional and developmental nature of infidelity: practical applications. *Journal of Clinical Psychology*, *61*(11), 1371–82. doi:10.1002/jclp.20187
- Allen, E. S., Atkins, D. C., Baucom, D. H., Snyder, D. K., Gordon, K. C., & Glass, S. P. (2005). Intrapersonal, Interpersonal, and Contextual Factors in Engaging in and Responding to Extramarital Involvement. *Clinical Psychology Science and Practice*, *12*(2), 101–130. doi:10.1093/clipsy.bpi014
- Amato, P. R., & Rogers, S. J. (1997). A Longitudinal Study of Marital Problems and Subsequent Divorce. *Journal of Marriage and the Family*, *59*, 612–624.
- Atkins, D. C., Baucom, D. H., & Jacobson, N. S. (2001). Understanding infidelity: correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology*, *15*(4), 735–49. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11770478>
- Banfield, S., & McCabe, M. P. (2001). Extra relationship involvement among women: are they different from men? *Archives of Sexual Behavior*, *30*(2), 119–42. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11329724>
- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, *22*(3), 339–360. doi:10.1177/0265407505052440
- Bedin, L. M., & Sarriera, J. C. (2014). Propriedades psicométricas das escalas de bem-estar: PWI, SWLS, BMSLSS e CAS. *Avaliação Psicológica*, *13*(2), 213–225.
- Betzig, L. (1989). Causes of Conjugal Dissolution: A Cross-cultural Study. *Current*

*Anthropology*, 30(5), 654–676.

- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships II: a substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217–33. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15974059>
- Brand, R. J., Markey, C. M., Mills, A., & Hodges, S. D. (2007). Sex Differences in Self-reported Infidelity and its Correlates. *Sex Roles*, 57(1-2), 101–109. doi:10.1007/s11199-007-9221-5
- Brock, R. L., Barry, R. a, Lawrence, E., Dey, J., & Rolffs, J. (2012). Internet administration of paper-and-pencil questionnaires used in couple research: assessing psychometric equivalence. *Assessment*, 19(2), 226–42. doi:10.1177/1073191110382850
- Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A revision of the dyadic adjustment scale for use with distressed and nondistressed couples: Construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21(3), 289–308.
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Susceptibility to Infidelity in the First Year of Marriage. *Journal of Research in Personality*, 31(2), 193–221. doi:10.1006/jrpe.1997.2175
- Buunk, B. P., & Bakker, A. B. (1995). Extradyadic Sex- The Role of Descriptive and Injunctive Norms. *The Journal of Sex Research*, 32(4), 313–318.
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2007). Propriedades Psicométricas da Versão Brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 20(3), 513–522.
- Drigotas, S. M., & Barta, W. (2001). The Cheating Heart: Scientific Explorations of Infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10(5), 177–180.
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An Investment Model Prediction of Dating Infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509–524.
- Ess, C. (2010). Internet research ethics. In A. Joinson, K. McKenna, T. Postmes, & U. Reips (Eds.), *The Oxford Handbook of Internet Psychology* (pp. 487–501). New York, NY: Oxford University Press.
- Féres-Carneiro, T., Zivini, C., & Magalhães, A. (2011). Arranjos amorosos contemporâneos:

- Sexualidade, infidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casal e família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 43–60). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Forste, R., & Tanfer, K. (1996). Sexual Exclusivity Among Dating, Cohabiting, and Married Women. *Journal of Marriage and the Family*, *58*, 33–47.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex Differences in Type of Extramarital Involvement and Marital Dissatisfaction. *Sex Roles*, *12*(9/10), 1101–1120.
- Greeley, A. (1994). Marital Infidelity. *Society*, *31*(4), 9–13.
- Hansen, G. L. (1987). Extradynamic relations during courtship. *Journal of Sex Research*, *23*, 382–390.
- Havlicek, J., Husarova, B., Rezacova, V., & Klapilova, K. (2011). Correlates of extra-dyadic sex in Czech heterosexual couples: Does sexual behavior of parents matter? *Archives of Sexual Behavior*, *40*(6), 1153–63. doi:10.1007/s10508-011-9869-3
- Hollist, C. S., Falceto, O. G., Ferreira, L. M., Miller, R. B., Springer, P. R., Fernandes, C. L. C., & Nunes, N. A. (2012). Portuguese translation and validation of the Revised Dyadic Adjustment Scale. *Journal of Marital and Family Therapy*, *38*(1), 348–358. doi:10.1111/j.1752-0606.2012.00296.x
- Huston, T. L. (2000). The social ecology of marriage and other intimate unions. *Journal of Marriage and the Family*, *62*, 298–320.
- Jackman, M. (2015). Understanding the cheating heart: What determines infidelity intentions? *Sexuality & Culture*, *19*(1), 72–84. doi:10.1007/s12119-014-9248-z
- Lemieux, R., & Hale, J. L. (1999). Intimacy, passion and commitment in young romantic relationships: Successfully measuring The Triangular Theory of Love. *Psychological Reports*, *85*, 497–503.
- Lemieux, R., & Hale, J. L. (2000). Intimacy, passion and commitment among married individuals: further testing of the Triangular Theory of Love. *Psychological Reports*, *87*, 941–948.
- Liu, C. (2000). A Theory of Marital Sexual Life. *Journal of Marriage and the Family*, *62*(May), 363–374.
- Luo, S., Cartun, M. a., & Snider, A. G. (2010). Assessing extradynamic behavior: A review, a

- new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences*, 49(3), 155–163. doi:10.1016/j.paid.2010.03.033
- Maddox Shaw, A. M., Rhoades, G. K., Allen, E. S., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2013). Predictors of extradyadic sexual involvement in unmarried opposite-sex relationships. *Journal of Sex Research*, 50(6), 598–610. doi:10.1080/00224499.2012.666816
- Mark, K. P., Janssen, E., & Milhausen, R. R. (2011). Infidelity in heterosexual couples: demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of Sexual Behavior*, 40(5), 971–82. doi:10.1007/s10508-011-9771-z
- Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F. M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2015). Infidelity in dating relationships: Gender-specific correlates of face-to-face and online extradyadic involvement. *Archives of Sexual Behavior*, July. doi:10.1007/s10508-015-0576-3
- Martins, A., Pereira, M., & Canavarro, M. C. (2014). Comportamentos extra-diádicos nas relações de namoro: Diferenças de sexo na prevalência e correlatos. *Análise Psicológica*, 32(1), 45–62. doi:10.14417/ap.740
- Mattingly, B. A., Wilson, K., Clark, E. M., Bequette, A. W., & Weidler, D. J. (2010). Foggy Faithfulness: Relationship Quality, Religiosity, and the Perceptions of Dating Infidelity Scale in an Adult Sample. *Journal of Family Issues*, 31(11), 1465–1480. doi:10.1177/0192513X10362348
- Nabarro, N. R., & Ivanir, S. (2002). A terapia dos casais de meia-idade em crise devido a uma relação extraconjugal.No Title. In M. Andolfi (Ed.), *A crise do casal: Uma perspectiva sistêmico-relacional* (pp. 29–72). Porto Alegre, RS: Artmed.
- O’Sullivan, L. F., & Ronis, S. T. (2013). Virtual cheating hearts: Extradyadic and poaching interactions among adolescents with links to online sexual activities. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 45(3), 175–184. doi:10.1037/a0031683
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: A infidelidade e a traição da intimidade*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Prado, L. C. (2009). O casamento e as relações extraconjugais. In L. C. Osorio & M. E. P. Valle (Eds.), *Manual de terapia familiar* (pp. 401–415). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Previti, D., & Amato, P. R. (2004). Is Infidelity a Cause or a Consequence of Poor Marital

- Quality? *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(2), 217–230.  
doi:10.1177/0265407504041384
- Scheeren, P., Neumann, A. P., Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2015). Como se caracterizam os conflitos conjugais? In A. Wagner, C. P. Mosmann, & D. Falcke (Eds.), *Viver a Dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade* (pp. 33–50). São Leopoldo, RS: Editora Sinodal.
- Seligson, J. L., Huebner, S., & Valois, R. F. (2003). Preliminary validation of the Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale (BMSLSS). *Social Indicators Research*, 61, 121–145.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27, 313–335.
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual Infidelity Among Married and Cohabiting Americans. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 48–60.
- Velasco, M. H., & Díaz de Rada, A. (1997). *La lógica de la investigación etnográfica: Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela*. Madrid, ES: Trotta.
- Wackelke, J. F. R., & Andrade, A. L. (2009). Influência do Recrutamento de Participantes em Sítios Temáticos e Comunidades Virtuais nos Resultados de Medidas Psicológicas Aplicadas pela Internet. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 25(3), 357–367.
- Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. B. D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 10(1), 155–167.
- Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteché, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 12(1), 147–156.
- Whisman, M. A., Gordon, K. C., & Chatav, Y. (2007). Predicting sexual infidelity in a population-based sample of married individuals. *Journal of Family Psychology* :, 21(2), 320–4. doi:10.1037/0893-3200.21.2.320
- Wiederman, M. W. (1997). Extramarital Sex- Prevalence and Correlates in a National Survey. *The Journal of Sex Research*, 34(2), 167–174.
- Wilson, K., Mattingly, B. a, Clark, E. M., Weidler, D. J., & Bequette, A. W. (2011). The gray

area: Exploring attitudes toward infidelity and the development of the Perceptions of Dating Infidelity Scale. *The Journal of Social Psychology*, 151(1), 63–86. doi:10.1080/00224540903366750

Yeniçeri, Z., & Kökdemir, D. (2006). University students' Perceptions of, and explanations for, infidelity: The development of the infidelity questionnaire (IFNQ). *Social Behavior and Personality*, 34(6), 639–650.

Zordan, E. P., & Strey, M. (2011). Separação conjugal: Aspectos implicados nessa decisão, reverberação e projetos futuros. *Pensando Famílias*, 15, 71–88.

## CAPÍTULO VI

### **A ocasião faz o ladrão? Fatores preditores da infidelidade conjugal**

Patrícia Scheeren

Adriana Wagner

**Resumo :** A infidelidade pode ser compreendida através de quatro domínios: características pessoais, características do companheiro(a), casamento e contexto. Este estudo teve por objetivo verificar os preditores da infidelidade para os quatro domínios tanto para homens como para mulheres. Participaram da pesquisa 1042 pessoas casadas ou coabitando com idade média de 37 anos. Os participantes responderam a uma ficha de dados sociodemográficos e do relacionamento, Versão Breve da Escala de Satisfação com a Vida de Estudantes, Escala de Ajustamento Conjugal Revisada e Versão Reduzida da Escala Triangular do Amor. Os resultados apontam para preditores nos quatro domínios, contudo o maior poder explicativo foi para o domínio casamento. Para ambos os sexos quando há intenção de divórcio, aliado a um modelo parental de infidelidade, o contexto desempenha um papel importante. Para as mulheres, estar em um ambiente laboral que propicie a infidelidade e para os homens estar distante da companheira. Os resultados apontam variáveis contextuais e do relacionamento como preditoras de risco de infidelidade em casais.

**Palavras-chave :** infidelidade, conjugalidade, preditores

### **Predicting the marital infidelity**

**Abstract :** Infidelity can be understood through four domains: personal characteristics, partner characteristics, marriage and context. This study aimed to verify the predictors of infidelity in the four domains for both men and women. Participated in the study 1042 married or cohabiting men and women with a mean age of 37 years old. Participants answered a sociodemographic and relationship questionnaire, Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale, Revised Dyadic Marital Scale and Reduced version of the Triangular Love Scale. The results indicated predictors in the four domains, however the greatest explanatory power was for the marriage domain. For both sexes when there is intent to divorce and a parental model of infidelity, the context plays an important role. For women, being in a work

environment that fosters infidelity and for men to be away from their mate. The results show contextual and relationship variables as predictors of risk of infidelity in couples.

**Keywords :** infidelity, marriage, predictor

Apesar da maioria dos membros dos casais apresentarem uma expectativa de exclusividade quando em um relacionamento amoroso (Treas & Giesen, 2000), a infidelidade ainda é um fenômeno muito comum nas relações contemporâneas (Moller & Vossler, 2015). Uma revisão sistemática da literatura nos últimos cinco anos (Scheeren & Wagner, no prelo-b), apontou para prevalências de infidelidade entre 1,2% (Beaulieu-Pelletier, Philippe, Lecours, & Couture, 2011) e 89,4% (Zhang, Parish, Huang, & Pan, 2012).

Em estudos internacionais, é encontrada a definição de infidelidade como um envolvimento emocional e/ou sexual com uma pessoa que não seja o parceiro(a) do relacionamento primário quando há um acordo de exclusividade na relação (Martins et al., 2015). Em pesquisas nacionais, encontra-se a definição de infidelidade relacionada a uma quebra de contrato, mentir para o parceiro, manter contato físico com outra pessoa, ter desejo por outra pessoa, manter-se em um relacionamento sem sentimento e falta de respeito (Haack & Falcke, 2013).

A infidelidade pode ter um impacto devastador nos relacionamentos amorosos. Uma pesquisa realizada com terapeutas de casal demonstrou que os clínicos percebiam a infidelidade como um dos problemas mais difíceis de tratar em terapia e um dos maiores causadores de sofrimento nos casais (Whisman, Dixon, & Johnson, 1997). Além disso, a infidelidade tem sido relacionada a problemas emocionais (Gordon, Baucom, & Snyder, 2004; Hall & Fincham, 2009), abusos físicos, mortes, suicídio (Kaighobadi et al., 2009) e à transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (Boyce, Zeledón, Tellez, & Barrington, 2016).

Em função dessas severas reverberações nas relações, a possibilidade de predizer a infidelidade tem se tornado um importante campo de pesquisa nesta área. Estudos recentes tem identificado e focado nas variáveis que são altamente associadas com a infidelidade ajudando a predizer os comportamentos infieis. As pesquisas em infidelidade tem focado em quatro domínios (Allen & Atkins, 2005) importantes para a compreensão do fenômeno. O primeiro domínio, características pessoais, tem se dedicado a avaliar variáveis sociodemográficas e aspectos emocionais das pessoas que cometem infidelidade, evidenciando as diferenças entre homens e mulheres no que tange ao fenômeno. O segundo

domínio, características do(a) companheiro(a) investiga as características do companheiro(a) que podem contribuir para que o contexto seja favorecedor da infidelidade do seu parceiro(a). Já o terceiro domínio, o casamento, apresenta pesquisas que investigam as características dos relacionamentos que contribuem para a infidelidade na relação. Por fim, o quarto domínio, o contexto, explora os fatores externos, tais como o ambiente, a cultura, características do trabalho que possam estar influenciando a infidelidade nos relacionamentos.

Existem evidências empíricas relacionando tais domínios à infidelidade. No que se refere ao domínio características pessoais, embora exista uma abundância de estudos explorando os preditores sociodemográficos, a literatura mostra um cenário com achados incompletos e inconsistentes, não evidenciando um consenso entre os autores (Blow & Hartnett, 2005), além de diferenças de resultados entre homens e mulheres (Atkins, Baucom, & Jacobson, 2001; Treas & Giesen, 2000; Wiederman, 1997). O estudo de Zhang (2010) realizado com uma amostra chinesa apontou efeitos preditores do nível de educação, renda, idade e status conjugal, mesmo que os resultados tenham evidenciado diferenças entre os sexos. Nessa amostra, o nível educacional não foi um preditor significativo de infidelidade entre as mulheres. Entretanto, para os homens, aqueles com ensino superior eram menos suscetíveis de reportarem infidelidade quando comparado com os homens com educação inferior ao ensino médio. Já a renda foi um preditor significativo de infidelidade tanto para homens como para mulheres da amostra chinesa, onde participantes com uma estabilidade financeira, especialmente as mulheres, eram mais suscetíveis de se engajar em infidelidade que aqueles com recursos financeiros limitados. Já a idade não teve uma associação significativa com a infidelidade, entretanto, homens chineses com mais de 40 anos eram menos suscetíveis a se engajar em infidelidade que homens com idade inferior a 30 anos. O status conjugal, embora não tenha sido um fator preditivo de infidelidade para os homens, mulheres casadas se mostraram menos suscetíveis a reportarem infidelidade que mulheres coabitando ou namorando. Outras pesquisas também tem apontado como preditor da infidelidade a prática religiosa (Mattingly, Wilson, Clark, Bequette, & Weidler, 2010; Whisman, Gordon, & Chatav, 2007), sendo que as pessoas que nunca praticaram religião tem 2,5 mais probabilidades de se engajar em infidelidade que aqueles que praticavam mais de uma vez na semana (Atkins et al., 2001). Já a pesquisa de Maddox Shaw, Rhoades, Allen, Stanley e Markman (2013) não encontrou idade, nível educacional, prática religiosa e presença de filhos como preditores de infidelidade em uma amostra de 993 norte-americanos solteiros.

Com relação ao domínio casamento, avaliar os preditores tem importante papel para compreender os fatores do relacionamento que predisõem à infidelidade. Estudos internacionais tem mostrado que baixos níveis de satisfação e comprometimento com a relação predizem uma maior probabilidade de se engajar em infidelidade (Drigotas, Safstrom, & Gentilia, 1999; Maddox Shaw et al., 2013; Treas & Giesen, 2000; Whisman et al., 2007). Em um estudo norte-americano, Atkins et al. (2001) mostraram que os participantes que reportaram estarem felizes ou não muito felizes com seu relacionamento foram duas e quatro vezes, respectivamente, mais suscetíveis a reportarem infidelidade ao comparar com os respondentes que disseram estar muito felizes em seu relacionamento. Em outra amostra norte-americana, Maddox Shaw et al. (2013) associaram baixo nível de comprometimento, ou seja, baixa dedicação ao relacionamento, não ter planos de casar com o companheiro(a), ter sido traído pelo parceiro(a) e ter alta suspeita de infidelidade do companheiro(a) como preditores da infidelidade. Ainda outro estudo realizado nos Estados Unidos apontou fatores da comunicação no relacionamento influenciando a suscetibilidade para o comportamento infiel (Balderrama-Durbin, Allen, & Rhoades, 2012). Esses achados reportaram que infidelidade, na amostra feminina, foi predita por baixos níveis de comunicação positiva de sua própria parte e por altos níveis de comunicação negativa no casal.

Por fim, o domínio contexto, apesar de relacionado à infidelidade, não apresenta um grande número de estudos preditivos associando suas variáveis ao comportamento infiel. Em uma amostra chinesa, Zhang (2010) apontou como preditores da infidelidade morar em ambiente urbano e perceber pessoas atraentes nesse meio, sendo esses resultados significativos para homens, mas não para mulheres. Ainda nessa mesma pesquisa, independente do sexo, quanto mais frequentemente as pessoas estavam fora de casa, mais suscetíveis estavam a serem infiéis.

Como as pesquisas em diversas culturas mostram é possível identificar preditores da infidelidade em três domínios de investigação, sendo eles as característica pessoais, casamento e contexto. Na sua grande parte, os resultados diferem para homens e mulheres em função de diferenças de gênero. Contudo, revisão sistemática da literatura na área (Scheeren & Wagner, no prelo-b) revela uma escassez de estudos empíricos e quantitativos no contexto brasileiro. Nesse sentido, essa pesquisa visa investigar os preditores do comportamento infiel em homens e mulheres no que se refere aos quatro domínios em uma amostra brasileira.

## Método

### *Participantes*

Participaram da pesquisa online 1042 pessoas, 730 mulheres (70%) e 312 homens (30%) de orientação heterossexual casados ou que coabitavam com seu(a) parceiro(a) representantes das cinco regiões do Brasil. As idades variaram entre 21 e 73 anos, sendo a idade média de 37 anos ( $DP = 10,5$ ). Foram incluídos no estudo somente os participantes que tinham idade acima de 21 anos e que viviam junto com seu companheiro(a) por no mínimo seis meses, tempo mínimo para que o casal estabeleça um padrão de funcionamento e uma rotina conjugal (Wagner, Falcke, & Meza, 1997; Wagner, Ribeiro, Arteche, & Bornholdt, 1999). Nesta amostra, 54,9% estavam casados oficialmente, 20,9% tinham união estável e 24,3% moravam junto. O tempo médio de relacionamento com o cônjuge atual foi de 10 anos ( $DP = 9,98$ ) e 53,6% possuíam filhos. As informações detalhadas dos participantes encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1

### *Dados sociodemográficos dos participantes*

	Variáveis	Mulher n (%)	Homem n (%)
Escolaridade	Médio completo	34 (4,7)	12 (3,9)
	Superior incompleto	104 (14,3)	43 (13,8)
	Superior completo	137 (18,8)	56 (18)
	Pós-graduação incompleto	85 (11,7)	23 (7,4)
	Pós-graduação completo	369 (50,6)	177 (56,9)
Renda em salários mínimos	Sem renda	52 (7,2)	4 (1,3)
	Até 1 SM	34 (4,7)	6 (1,9)
	Entre 1 e 3	184 (25,4)	48 (15,5)
	Entre 3 e 5	139 (19,2)	39 (12,6)
	Entre 5 e 7	97 (13,4)	35 (11,3)
	Mais de 7	217 (30)	178 (57,4)
Praticante religião	1 Nada	203 (28,2)	125 (41)
	2	203 (28,2)	70 (23)
	3	168 (23,4)	55 (18)
	4	79 (11)	30 (9,8)
	5 Muito	66 (9,2)	25 (8,2)

Conforme pode ser visto na Tabela 1, a maioria das mulheres e dos homens tem nível de Pós-graduação completa, a maior parte dos homens tem renda superior a sete salários mínimos e pratica pouco alguma religião. Com relação as mulheres, a maior parte recebe entre 1 e 5 salários mínimos e não é praticante de religião.

### *Instrumentos*

Questionário de dados sociodemográficos e do relacionamento: desenvolvido para esta pesquisa a fim de caracterizar a amostra investigada quanto a variáveis relativas aos domínios características pessoais (dados sociodemográficos, como idade, escolaridade), dados do companheiro(a) (dados sociodemográficos e informações sobre o trabalho do companheiro(a)), do casamento (informações sobre infidelidade no relacionamento atual e em relacionamentos anteriores) e do contexto (informações sobre o trabalho e colegas de trabalho).

Para complementar a coleta de informações, foram utilizadas as seguintes escalas em outros dois domínios. O domínio características pessoais foi mensurado através do instrumento:

Versão Breve da Escala de Satisfação com a Vida de Estudantes – BMSLSS (*Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale* elaborada por Seligson, Huebner e Valois, (2003). Adaptada para a população brasileira adulta por Bedin e Sarriera (2014). Esta escala mede através de seis itens os níveis de satisfação com a família, com os amigos, com a experiência de trabalho, consigo mesmo, com o lugar onde vive e com a vida globalmente. O score total de satisfação com a vida é feito a partir da soma dos 5 primeiros itens, pois a última questão é considerada um item apenas por tratar da satisfação com a vida globalmente. Nesta pesquisa, os itens foram medidos em escala do tipo *likert* de 6 pontos variando de “péssima” a “muito boa”. Os resultados com a amostra brasileira de adultos (Bedin & Sarriera, 2014) mostraram boa adequação da escala com alpha de 0,74 e os itens agrupados em um único componente explicaram 50,06% da variância. Nesta pesquisa, encontrou-se um único fator com alpha de *Cronbach* de 0,71.

O domínio casamento foi mensurado através dos instrumentos:

Escala de Ajustamento Conjugal Revisada - RDAS-P (*Revised Dyadic Adjustment Scale* de Busby, Christensen, Crane e Larson (1995) traduzida e adaptada para o português Brasileiro por Hollist et al. (2012). O RDAS-P é um instrumento composto por 14 itens medidos em uma escala do tipo *likert* de 6 pontos, que compõem três subescalas: satisfação,

consenso e coesão. A satisfação avalia a estabilidade percebida no relacionamento e como os conflitos são encaminhados. O consenso mede o grau de concordância sobre assuntos de casal. E por fim, a coesão avalia a frequência de interações positivas no casal. As subescalas podem ser somadas para formarem um escore total representativo do ajustamento conjugal que varia de 0 a 69, com maiores valores indicando melhores níveis de ajustamento. Os alfas de *Cronbach* do estudo de validação americano foram de 0,85 para satisfação; 0,81 para consenso e 0,80 para coesão. Neste estudo, a análise fatorial exploratória manteve a mesma estrutura fatorial da escala original, com alfas de *Cronbach* de 0,83 para satisfação; 0,70 para consenso e 0,82 para coesão, demonstrando uma bons índices de validade interna.

Versão Reduzida da Escala Triangular do Amor - ETAS (*Triangular Love Scale* elaborada por Sternberg (1997) e reduzida por Lemieux e Hale (1999, 2000)). Adaptada para a população brasileira por Cassepp-Borges e Teodoro (2007). Esta escala avalia os elementos componentes do amor através de três subescalas: intimidade, paixão e decisão/compromisso. A intimidade é caracterizada pelo sentimento de proximidade e conexão no relacionamento. A paixão é responsável pela atração física e sexual, pelo romance e pelo desejo de estar juntos e pela excitação. E, por fim, decisão/compromisso avalia a certeza de amar e ser amado e à vontade de manter o relacionamento a longo prazo. Os 18 itens são respondidos com relação ao companheiro(a) atual em uma escala do tipo *likert* de 9 pontos, variando de “1 - jeito nenhum” a “9 – muito frequentemente”. No estudo de validação brasileira, os alfas para as subescalas intimidade, paixão e decisão/compromisso foram de 0,90; 0,90; 0,91, respectivamente (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007). Neste estudo, a Análise Fatorial Confirmatória apontou para a mesma estrutura fatorial do estudo de adaptação brasileira, nos quais  $X^2(132) = 794,991$ ; CFI = 0,930; TLI = 0,918; RMSEA (0,075 – 0,086) = 0,080; SRMR = 0,040. As cargas fatoriais variaram de 0,67 a 0,89 e os alfas de *Cronbach* de 0,88 para intimidade; 0,88 para paixão e 0,89 para decisão/compromisso.

Os instrumentos podem ser visualizados no Anexo C.

### *Procedimentos de coleta de dados*

A fim de garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes (Brock, Barry, Lawrence, Dey, & Rolffs, 2012), a coleta de dados foi realizada online através da base de dados *Qualtrics* ([www.qualtrics.com](http://www.qualtrics.com)). Os participantes foram convidados a responder a pesquisa através de um chamamento realizado pelas redes sociais, Twitter e Boletim informativo da Universidade e do Programa de Pós-graduação, envio de e-mails para listas de

contatos em Universidade Brasileiras, além da divulgação em órgãos como Associação de Terapia de Família e efeito bola de neve (Velasco & Díaz de Rada, 1997). Para participar da pesquisa, os sujeitos acessaram o *link* da pesquisa disponível no convite, leram e assinaram o Termo de Consentimento e Livre e Esclarecido e receberam algumas recomendações (Wackelke & Andrade, 2009) sobre a coleta de dados, tais como responder a todas as questões individualmente, não haver resposta certa ou errada e tempo de preenchimento do questionário entre 10 a 20 minutos. A coleta de dados teve duração de 2 meses e contou com divulgação constante durante todo este período. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS, sob o registro CAAE 23718014.4.0000.5334.

### *Procedimentos de análise de dados*

Para responder ao objetivo do estudo, inicialmente foram realizadas análises descritivas, tais como frequência, médias e desvio-padrão da amostra para comparar os valores de homens e mulheres fiéis e infieis. Para verificar as diferenças entre homens e mulheres quanto às variáveis utilizadas na pesquisa, foram realizados análises T e Qui-quadrado. Por fim, para avaliar os preditores da infidelidade, foram realizadas oito regressões logísticas binária com o método Enter com ponto de corte de 0,3, nas quais cada um dos quatro domínios foi regredido para homens e para mulheres totalizando oito análises.

## **Resultados**

A Tabela 2 apresenta os dados descritivos e diferenças entre homens e mulheres no que se refere a ter traído e ter sido traído pelo companheiro(a) atual e ter traído em relacionamentos anteriores.

Tabela 2

*Frequências de infidelidade para a amostra total, homens e mulheres e Qui-quadrado para diferença entre os sexos.*

		Amostra total n (%)	Amostra feminina n (%)	Amostra masculina n (%)	Qui-quadrado
Traiu companheiro(a) atual	Sim	237 (23,7)	131 (18,7)	106 (35,2)	$X^2 (1, 1000) = 31,58^{**}$
	Não	763 (76,3)	568 (81,3)	195 (64,8)	

	Total	1000	699	300	
Traiu em relacionamento passado	Sim	517 (52,5)	352 (50,9)	165 (56,1)	$X^2 (1, 985) = 2,22$
	Não	468 (47,5)	339 (49,1)	129 (43,9)	
	Total	985	691	294	
Foi traído no relacionamento atual	Sim	146 (14,8)	126 (18,2)	20 (6,8)	$X^2 (1, 986) = 21,55^{**}$
	Não	406 (41,2)	277 (40)	129 (43,9)	
	Não sei	434 (44)	289 (41,8)	145 (49,3)	
	Total	986	692	294	

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

Conforme apresentando na Tabela 02, 23,7% dos participantes já traíram o seu companheiro atual, sendo que os homens traíram significativamente mais suas companheiras quando comparado com as mulheres. Considerando todos os relacionamentos, 52,5% dos participantes já traíram em relacionamento do passado, não havendo diferença entre os sexos. Ou seja, ao considerar todas as experiências amorosas, as mulheres traíram tanto seus parceiros quanto os homens.

A Tabela 3 apresenta os valores dos instrumentos Versão Breve da Escala de Satisfação com a Vida de Estudantes (BMSLSS), Escala de Ajustamento Conjugal Revisada (RDAS-P) e Versão Reduzida da Escala Triangular do Amor (ETAS) utilizadas nas análises de regressão logística binária.

Tabela 3

*Médias, desvios padrão e diferenças entre homens e mulheres nas escalas BMSLSS, RDAS-P e ETAS*

Escala	Subescalas	Amostra total <i>M (DP)</i>	Amostra feminina <i>M (DP)</i>	Amostra masculina <i>M (DP)</i>	<i>t</i> de Student
BMSLSS		24,63 (3,17)	24,67 (3,19)	24,55 (3,15)	$t(1031) = 0,55$
RDAS-P	Consenso	7,22 (4)	7,27 (4,12)	7,10 (3,71)	$t(1007) = 0,65$
	Satisfação	14,22 (3,35)	14,06 (3,42)	14,59 (3,18)	$t(1007) = -2,27$
	Coesão	12,35 (3,84)	12,13 (3,95)	12,84 (3,54)	$t(1031) = -2,67^*$
ETAS	Intimidade	42,95 (9,50)	42,91 (9,78)	43,03 (8,88)	$t(814) = -0,17$
	Paixão	40 (10,79)	39,42 (11,25)	41,26 (9,57)	$t(819) = -2,27^*$
	Decisão	42,79 (11,14)	42,70 (11,27)	43 (10,87)	$t(825) = -0,36$

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

Conforme demonstrado na Tabela 3, os homens e as mulheres apresentaram diferença significativa no ajustamento conjugal quanto a subescala coesão, sendo que os homens apresentaram maiores escores que as mulheres no que se refere a avaliação de interações positivas no relacionamento. Com relação a escala triangular do amor, os homens demonstraram valores superiores às mulheres em todas as subescalas, contudo a diferença entre os sexos foi significativa para a subescala paixão.

#### *Análises de regressão logística binária*

Cada um dos quatro domínios foi regredido uma vez para homens e mulheres totalizando oito análises conforme segue os resultados. Para interpretação dos dados, foram codificados como “0 = fiéis” e “1 = infiéis”, sendo estes últimos considerados de interesse para o presente estudo.

#### **Domínio: Características pessoais**

Considerando como variável dependente a pergunta dicotômica “você traiu seu parceiro atual?” (sim ou não) e como variáveis independentes a idade, condição amorosa, ter filhos, escolaridade, renda, prática religiosa, e nível de bem-estar, realizou-se duas regressões logísticas binária para perfilar os preditores da infidelidade para homens e mulheres no que se refere ao domínio características pessoais.

Os resultados do estatístico (Nagelkerke  $R^2$ ) da regressão logística apontam que para o modelo feminino as características pessoais explicam 6% da variância quanto a infidelidade. Com o ponto de corte de 0,3, obteve-se uma classificação geral de 79,1% dos casos, sendo 23,4% de casos corretamente classificados no grupo de infiéis e de 92,4% no grupo de fiéis. Para o modelo masculino, as características pessoais explicam 17% da variância e obteve-se uma classificação geral de 59,4% dos casos, sendo 72,1% de casos corretamente classificados no grupo de infiéis e de 54,4% no grupo de fiéis. A Tabela 4 apresenta apenas as variáveis que foram estatisticamente significativas no modelo final dos preditores da infidelidade ao considerar as variáveis das características pessoais, para homens e mulheres.

Tabela 4

*Modelo Final – Coeficientes das variáveis utilizadas no modelo logístico para Infidelidade no domínio características pessoais*

	Variáveis	B	Wald	Valor <i>p</i>	Exp(B) Odds Ratio (OR)	Intervalo confiança de 95%	
Mulheres	Idade	0,02	4,63	0,031	<b>1,02</b>	1,00	1,05
	Tem filhos	0,56	4,90	0,027	<b>1,75</b>	1,06	2,87
Homens	Bem-estar	-0,14	10,27	0,001	<b>0,87</b>	0,79	0,94
	Muito praticante de religião	-1,23	3,75	0,05	<b>0,29</b>	0,08	1,01

Para as mulheres, ter filhos foi preditor significativo de características pessoais para a infidelidade. As mulheres que têm mais filhos, apresentam quase duas vezes mais chance de serem infiéis. Além disso, a idade foi um preditor significativo para as mulheres. Quanto maior a idade, aumenta em 2% a chance de ser infiel. Para os homens, os níveis de bem-estar foram preditores da infidelidade. Ou seja, quanto maior o bem-estar para os homens, diminui a chance de ser infiel em 13%. Ademais, ser muito praticante de religião também foi um preditor da infidelidade para os homens. Nesta amostra, quanto mais praticante de religião, diminui a chance de ser infiel em 71%.

### **Domínio: Características do companheiro(a)**

Para avaliar os preditores da infidelidade com relação as características do companheiro(a), realizou-se duas análises de regressão binária considerando como variáveis independentes a escolaridade do companheiro(a), tipo de trabalho do companheiro (home office, trabalha fora de casa, misto – trabalha alguns dias em casa e outros fora de casa), a frequência com que o companheiro(a) viaja a trabalho e a renda do companheiro(a).

Os resultados do estatístico (Nagelkerke R<sup>2</sup>) da regressão logística apontam que para o modelo feminino as características do companheiro explicam apenas 3% da variância enquanto que para o masculino, 8% da variância quanto a infidelidade. Com o ponto de corte de 0,3, para os homens, obteve-se 77,7% de casos corretamente classificados no grupo de infiéis e 40,7% no grupo de fiéis. Para as mulheres, nenhuma das características do companheiro foram preditoras da infidelidade, dessa forma, na Tabela 5 são apresentadas as

variáveis que foram estatisticamente significativas no modelo final dos valores preditores da infidelidade ao considerar as variáveis das características da companheira apenas para os homens.

Tabela 5

*Modelo Final - Coeficientes das variáveis utilizadas no modelo logístico para Infidelidade no domínio características do companheiro(a) para os homens*

Variável	B	Wald	Valor p	Exp(B) Odds Ratio (OR)	Intervalo confiança de 95%
Companheira viaja pelo menos 1 vez por mês	2,71	3,64	0,056	<b>15,06</b>	0,93 244,27

Conforme a Tabela 5, considerando as características da companheira, os homens que têm uma parceira que viaja a trabalho pelo menos uma vez por mês apresentam 15 vezes mais chance de serem infiéis.

### **Domínio: Casamento**

Para avaliar as variáveis do domínio casamento predictoras da infidelidade, utilizou-se na regressão logística binária as variáveis independentes “se a pessoa pensou em se separar do companheiro(a) atual” (sim ou não), “se a pessoa já se separou ou deu um tempo com o companheiro(a) atual” (sim ou não), “ter sido infiel em relacionamentos anteriores” (sim ou não), “o pai e a mãe terem traído o companheiro(a)” (sim, foi infiel; não, não foi infiel; não sei), os escores das escalas: RDAS-P consenso, RDAS-P satisfação, RDAS-P coesão, ETAS intimidade, ETAS paixão e ETAS decisão.

Os resultados do estatístico (Nagelkerke R2) da regressão logística apontam que para o modelo feminino, essas variáveis explicam 33% da variância quanto a infidelidade, enquanto que para o masculino explicam 36% da variância. Com o ponto de corte de 0,3, para as mulheres obteve-se 53,2% dos casos corretamente classificados para o grupo de infiéis e 86,7% dos fiéis. Para os homens, obteve-se 76,8% dos casos corretamente classificados no grupo de infiéis e 69% de fiéis. A Tabela 6 apresenta apenas as variáveis que foram estatisticamente significativas no modelo final dos valores preditores da infidelidade ao considerar as variáveis do domínio casamento, para homens e mulheres.

Tabela 6

*Modelo Final - Coeficientes das variáveis utilizadas no modelo logístico para Infidelidade no domínio casamento*

	Variáveis	B	Wald	Valor p	Exp(B) Odds Ratio (OR)	Intervalo confiança de 95%	
Mulheres	Já pensou em se separar	1,38	8,45	0,004	<b>3,98</b>	1,57	10,10
	Já deu um tempo	1,04	12,14	0,000	<b>2,82</b>	1,57	5,06
	ETA Paixão	-0,07	13,27	0,000	<b>0,93</b>	0,90	0,97
	Pai não foi infiel à mãe	-0,95	4,55	0,033	<b>0,39</b>	0,16	0,93
Homens	Já pensou em se separar	0,94	4,97	0,026	<b>2,56</b>	1,12	5,85
	Já deu um tempo	1,33	8,31	0,004	<b>3,79</b>	1,53	9,38
	Pai não foi infiel à mãe	-1,07	4,15	0,042	<b>0,34</b>	0,12	0,96

Para as mulheres, foram preditores da infidelidade quatro variáveis do domínio casamento. As mulheres que pensaram em se separar apresentam quatro vezes mais chance de serem infiéis. Já as mulheres que relatam ter se separado temporariamente ou ter dado um tempo apresentam quase três vezes mais chance de serem infiéis. Os níveis de paixão também foram preditores, sendo que quanto maior a paixão, diminui em 7% a chance de ser infiel. Por fim, o pai não ter sido infiel à mãe reduz a chance de infidelidade em 61%.

Para os homens, já ter pensado em separar aumenta em duas vezes e meia a chance de ser infiel. Os homens que relatam ter se separado temporariamente ou ter dado um tempo apresentam quase quatro vezes mais chance de serem infiéis. O pai não ter sido infiel à mãe reduz a chance de infidelidade em 66% para os homens.

### **Domínio: Contexto**

A fim de avaliar os preditores da infidelidade considerando o contexto, realizou-se a análise de regressão logística binária com as variáveis independentes: região do Brasil onde mora, tipo de cidade (urbana, rural, cidade de médio porte), outras pessoas morando na residência, tipo de trabalho (Home office, fora de casa, misto – fora de casa e home office), a frequência com que viaja a trabalho, tipo de colegas de trabalho (mesmo sexo, sexo oposto,

meio a meio) e se os amigos e colegas de trabalho costumam ser infiéis (sim, não, não sei). A Tabela 7 apresenta os estatísticos da regressão logística binária para amostra masculina e feminina.

Os resultados do estatístico (Nagelkerke R2) da regressão logística apontam que para o modelo feminino as variáveis de contexto explicam 4% da variância quanto a infidelidade e para o modelo masculino 11%. Com o ponto de corte de 0,3, para as mulheres, obteve-se uma classificação geral de 79,4% dos casos, sendo 15,7% de casos corretamente classificados no grupo de infiéis e de 93,6% no grupo de fiéis. Para o modelo masculino, obteve-se uma classificação geral de 54% dos casos, sendo 70,1% de casos corretamente classificados no grupo de infiéis e de 45,8% no grupo de fiéis. A Tabela 7 apresenta apenas as variáveis que foram estatisticamente significativas para o modelo final dos valores preditores da infidelidade ao considerar as variáveis do contexto, para homens e mulheres.

Tabela 7

*Modelo Final - Coeficientes das variáveis utilizadas no modelo logístico para Infidelidade no domínio contexto*

	Variáveis	B	Wald	Valor p	Exp(B) Odds Ratio (OR)	Intervalo confiança de 95%
Mulheres	Trabalha fora de casa	0,70	6,75	0,009	<b>2,02</b>	1,19 3,44
	Colegas de trabalho do mesmo sexo	-0,77	4,65	0,031	<b>0,46</b>	0,23 0,93
Homens	Viaja a trabalho pelo menos 1 vez a cada 6 meses	-1,34	4,24	0,04	<b>0,26</b>	0,07 0,94

Conforme os dados da tabela 7, as mulheres que trabalham fora de casa apresentam duas vezes mais chance de serem infiéis. Já para as mulheres que têm colegas de trabalho do mesmo sexo, reduz a chance de serem infiéis em 54%. Com relação aos homens, aqueles que viajam pouco (viajar a trabalho pelo menos uma vez por mês a cada seis meses) reduz a chance de infidelidade em 74%.

## Discussão

O que podemos considerar como fatores preditores da infidelidade? Essa pesquisa reuniu esforços para responder esta questão tão complexa e de interesse de pessoas que estão em um relacionamento, terapeutas e pesquisadores. A partir de quatro domínios importantes para o entendimento da infidelidade, esse estudo procurou testar quais variáveis tem um papel na predição do comportamento infiel.

Os resultados desta pesquisa apontam para o domínio casamento como aquele de maior poder explicativo. Nesse sentido, pode-se pensar na infidelidade como um fenômeno relacional, influenciado por características do relacionamento. Dentro da perspectiva ecológico-sistêmica (Brofenbrenner, 1994), os modelos e padrões de relacionamento passam a ter uma grande importância, visto que o modelo da conjugalidade dos parceiros tem por base o modelo parental, as vivências no ceio da família e o aprendizado de estratégias de enfrentamento empregadas pelos pais. Tais modelos parentais podem desempenhar um papel tão importante que alguns terapeutas sistêmicos se arriscam a questionar seu poder de aprisionamento, levando a repetição de um padrão relacional para seu próprio casamento/relacionamento (Falcke & Wagner, 2005).

Também apareceram variáveis mais circunstanciais do relacionamento que colaboraram para a ocorrência de infidelidade. Homens e mulheres que já haviam pensado em se separar do companheiro(a) ou que já tinham dado um tempo ou até se separado temporariamente tiveram a chance de ser infiéis aumentada em até quatro vezes. Terminar um relacionamento, no qual já houve um investimento afetivo de ambos os parceiros, é uma tarefa árdua para a maioria das pessoas, momento cercado de dúvidas e inseguranças. Desta forma, relacionar-se com pessoas fora do casamento pode funcionar como uma alavanca que impulsiona o enfrentamento da crise conjugal.

Nesse contexto também cabe lembrar que os índices de infidelidade no relacionamento atual normalmente são superiores para os homens quando comparado com as mulheres. As mulheres, além de serem mais críticas na avaliação do relacionamento, também são aquelas que usualmente tomam a iniciativa do divórcio. Além disso, nesta pesquisa, as mulheres apresentaram valores explicativos inferiores aos homens, o que sugere que este seja um fenômeno mais complexo no universo feminino, no sentido de ter mais variáveis influenciando a vivência da infidelidade feminina. Esse dado foi corroborado pelos valores das escalas de ajustamento conjugal e escala triangular do amor, nos quais os homens tiveram uma avaliação do relacionamento com valores superiores ao das mulheres, embora a diferença

tenha sido significativa apenas para as subescalas paixão e coesão. Nesse sentido, pode-se pensar que os homens recorrem mais à infidelidade enquanto as mulheres tendem a tomar mais rapidamente a iniciativa para o divórcio como forma de enfrentamento das dificuldades conjugais. Embora se faça essa associação, cabe ressaltar que nem sempre uma infidelidade pode representar o desejo do término de uma relação. Há casais que se beneficiam de um relacionamento extraconjugal, podendo aproveitar a situação para reavaliarem aspectos importantes da relação e recontratarem o casamento (Pittman, 1994).

Além das variáveis relacionais, características do contexto também estiveram envolvidas na predição do comportamento infiel. A rotina de trabalho que envolve contato com colegas do sexo oposto e viagens em função de exigências do trabalho aumentam o risco de infidelidade para homens e mulheres. Desta forma, pode-se pensar que para as mulheres, estar em um relacionamento no qual pode haver intenção de divórcio aliado a um ambiente de trabalho que oportunize um envolvimento extraconjugal, pode ser o estopim para o surgimento de um romance ou de uma aventura extraconjugal. Nesse sentido, parece que para as mulheres casadas ou coabitando, a infidelidade não representa apenas um *affair*, mas a busca de algo mais, já que tendem a se envolver com pessoas do seu entorno que possuem contato, convivência e alguma intimidade. Nesse sentido, parece haver uma busca de carinho, compreensão e atenção que não é encontrada em seu relacionamento (Scheeren & Wagner, no prelo-c) que levam as mulheres a este envolvimento. Esse dado é reforçado pelo resultado de que ter filhos aumenta em duas vezes a chance de ser infiel para as mulheres. Os filhos demandam muita negociação e alinhamento entre o casal e quando as mulheres não se sentem apoiadas pelo companheiro nas tarefas do lar e nos cuidados da prole, o caso extraconjugal pode cumprir uma função de exclusividade, atenção e cuidado que, em circunstâncias do cotidiano, não conseguem obter no seu relacionamento conjugal.

Já para os homens, viagens de trabalho frequentes suas e da companheira estiveram associadas ao aumento de chances de infidelidade, entendendo-se que estar longe da companheira quando há uma intenção de separação, pode predispor à infidelidade. Esse dado leva a pensar que a solidão e a dificuldade de ficar sozinho são circunstanciais para a infidelidade no caso dos homens. Inclusive os homens tendem a recasar bem mais rápido quando comparado com as mulheres, demonstrando a dificuldade dos homens de ficarem sem ou longe de uma companheira.

Percebe-se que o contato entre colegas e oportunidades de viagem que o trabalho favorece, tanto para homens como para mulheres são situações que dispõem a comportamentos infielis. Nos dias atuais, a satisfação com o trabalho tem sido um fator

importante no cotidiano, inclusive uma área da vida de grande investimento de tal forma que muitas pessoas passam mais tempo com colegas de trabalho que com os familiares. Inclusive, é possível ver casais em que os membros trabalham e residem em cidades ou estados diferentes em função da vida laboral. Esta nova configuração trouxe novos desafios para os casais na forma de conciliar bons níveis de satisfação e planejamento familiar à distancia que quando mal administrado pode se tornar um terreno fértil para infidelidade.

Esta pesquisa tratou a infidelidade como um fenômeno único e não em tipologias, tais como sexual e emocional, pois entende-se que tratar a infidelidade por tipologias acaba por ser reducionista de uma temática tão complexa (Scheeren & Wagner, n.d.-a). Esses resultados são preliminares e dão uma ideia da infidelidade no cenário atual brasileiro. Contudo, sugere-se que mais estudos sejam realizados com amostra representativa da população.

Esses achados revelam informações sobre aspectos a serem considerados pelos terapeutas de casais na avaliação das crises conjugais, a quais podem estar associados a fatores preditores de infidelidade, que tornam o casal vulnerável. Visto que a infidelidade é um fenômeno que gera sofrimento nos casais, é importante trabalhar não só a infidelidade como sintoma, mas também desde uma perspectiva preventiva e para isso é necessário estar atento aos cenários que circundam a vida e a relação de conjugalidade.

## Referências

- Allen, E. S., & Atkins, D. C. (2005). The multidimensional and developmental nature of infidelity: practical applications. *Journal of Clinical Psychology, 61*(11), 1371–82. doi:10.1002/jclp.20187
- Atkins, D. C., Baucom, D. H., & Jacobson, N. S. (2001). Understanding infidelity: correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology, 15*(4), 735–49. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11770478>
- Balderrama-Durbin, C. M., Allen, E. S., & Rhoades, G. K. (2012). Demand and withdraw behaviors in couples with a history of infidelity. *Journal of Family Psychology, 26*(1), 11–7. doi:10.1037/a0026756
- Beaulieu-Pelletier, G., Philippe, F. L., Lecours, S., & Couture, S. (2011). The role of attachment avoidance in extradyadic sex. *Attachment & Human Development, 13*(3), 293–313. doi:10.1080/14616734.2011.562419
- Bedin, L. M., & Sarriera, J. C. (2014). Propriedades psicométricas das escalas de bem-estar:

- PWI, SWLS, BMSLSS e CAS. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 213–225.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: a methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183–216. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15974058>
- Boyce, S., Zeledón, P., Tellez, E., & Barrington, C. (2016). Gender-specific jealousy and infidelity norms as sources of sexual health risk and violence among young coupled Nicaraguans. *American Journal of Public Health*, 106(4), 625–632. doi:10.2105/AJPH.2015.303016
- Brock, R. L., Barry, R. a, Lawrence, E., Dey, J., & Rolffs, J. (2012). Internet administration of paper-and-pencil questionnaires used in couple research: assessing psychometric equivalence. *Assessment*, 19(2), 226–42. doi:10.1177/10731911110382850
- Brofenbrenner, U. (1994). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A revision of the dyadic adjustment scale for use with distressed and nondistressed couples: Construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21(3), 289–308.
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2007). Propriedades Psicométricas da Versão Brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 20(3), 513–522.
- Drigotas, S. M., Rusbult, C. E., & Veretteb, J. (1999). Level of commitment , mutuality of commitment , and couple well-being. *Personal Relationships*, 6, 389–409.
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An Investment Model Prediction of Dating Infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509–524.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.
- Gordon, K. C., Baucom, D. H., & Snyder, D. K. (2004). An integrative intervention for promoting recovery from extramarital affairs. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30(2), 213–31. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15114949>
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2013). Infidelid@de.com: Infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet. *Psicologia Em Revista*, 19(2), 305–327.
- Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2009). Psychological distress: Precursor or consequence of

- dating infidelity? *Personality & Social Psychology Bulletin*, 35(2), 143–59. doi:10.1177/0146167208327189
- Hollist, C. S., Falceto, O. G., Ferreira, L. M., Miller, R. B., Springer, P. R., Fernandes, C. L. C., & Nunes, N. A. (2012). Portuguese translation and validation of the Revised Dyadic Adjustment Scale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(1), 348–358. doi:10.1111/j.1752-0606.2012.00296.x
- Kaighobadi, F., Shackelford, T. K., Popp, D., Moyer, R. M., Bates, V. M., & Liddle, J. R. (2009). Perceived risk of female infidelity moderates the relationship between men's personality and partner-directed violence. *Journal of Research in Personality*, 43(6), 1033–1039. doi:10.1016/j.jrp.2009.08.001
- Lemieux, R., & Hale, J. L. (1999). Intimacy, passion and commitment in young romantic relationships: Successfully measuring The Triangular Theory of Love. *Psychological Reports*, 85, 497–503.
- Lemieux, R., & Hale, J. L. (2000). Intimacy, passion and commitment among married individuals: further testing of the Triangular Theory of Love. *Psychological Reports*, 87, 941–948.
- Maddox Shaw, A. M., Rhoades, G. K., Allen, E. S., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2013). Predictors of extradyadic sexual involvement in unmarried opposite-sex relationships. *Journal of Sex Research*, 50(6), 598–610. doi:10.1080/00224499.2012.666816
- Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F. M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2015). Infidelity in dating relationships: Gender-specific correlates of face-to-face and online extradyadic involvement. *Archives of Sexual Behavior*, July. doi:10.1007/s10508-015-0576-3
- Mattingly, B. A., Wilson, K., Clark, E. M., Bequette, A. W., & Weidler, D. J. (2010). Foggy Faithfulness: Relationship Quality, Religiosity, and the Perceptions of Dating Infidelity Scale in an Adult Sample. *Journal of Family Issues*, 31(11), 1465–1480. doi:10.1177/0192513X10362348
- Moller, N., & Vossler, A. (2015). Defining infidelity in research and couple counseling: A qualitative study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 41(5), 487–497. doi:10.1080/0092623X.2014.931314
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: A infidelidade e a traição da intimidade*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Scheeren, P., & Wagner, A. (n.d.-a). *Comportamentos de Infidelidade Conjugal: A construção de um instrumento*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Scheeren, P., & Wagner, A. (n.d.-b). *O que sabemos sobre infidelidade? Um estudo de revisão sistemática da literatura nacional e internacional*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Scheeren, P., & Wagner, A. (n.d.-c). *Ser infiel na conjugalidade: A experiência de homens e mulheres*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Seligson, J. L., Huebner, S., & Valois, R. F. (2003). Preliminary validation of the Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale (BMSLSS). *Social Indicators Research, 61*, 121–145.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology, 27*, 313–335.
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual Infidelity Among Married and Cohabiting Americans. *Journal of Marriage and the Family, 62*, 48–60.
- Velasco, M. H., & Díaz de Rada, A. (1997). *La lógica de la investigación etnográfica: Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela*. Madrid, ES: Trotta.
- Wackelke, J. F. R., & Andrade, A. L. (2009). Influência do Recrutamento de Participantes em Sítios Temáticos e Comunidades Virtuais nos Resultados de Medidas Psicológicas Aplicadas pela Internet. *Psicologia: Teoria E Pesquisa, 25*(3), 357–367.
- Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. B. D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão E Crítica, 10*(1), 155–167.
- Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteche, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão E Crítica, 12*(1), 147–156.
- Whisman, M. A., Dixon, A. E., & Johnson, B. (1997). Therapists' perspectives of couple problems and treatment issues in couple therapy. *Journal of Family Psychology, 11*(3), 361–366. doi:10.1037//0893-3200.11.3.361
- Whisman, M. A., Gordon, K. C., & Chatav, Y. (2007). Predicting sexual infidelity in a population-based sample of married individuals. *Journal of Family Psychology* :, *21*(2), 320–4. doi:10.1037/0893-3200.21.2.320
- Wiederman, M. W. (1997). Extramarital Sex- Prevalence and Correlates in a National Survey. *The Journal of Sex Research, 34*(2), 167–174.
- Zhang, N., Parish, W. L., Huang, Y., & Pan, S. (2012). Sexual infidelity in China: Prevalence and gender-specific correlates. *Archives of Sexual Behavior, 41*(4), 861–873. doi:10.1007/s10508-012-9930-x

Zhang, Y. (2010). A mixed-methods analysis of extramarital sex in contemporary China.  
*Marriage & Family Review, 46*(3), 170–190. doi:10.1080/01494929.2010.490100

## CONCLUSÃO

Após a realização destes cinco estudos que culminaram nesta tese de doutorado, retomamos a pergunta realizada no início deste trabalho: afinal, o que sabemos sobre infidelidade? Partindo de uma visão ecológico-sistêmica sobre o constructo, avaliamos quatro domínios importantes para sua compreensão: características pessoais, características do companheiro(a), casamento e contexto. Os resultados e reflexões aportados pelos estudos nos reiteraram sobre a complexidade de trabalhar com esta temática. Como compreender todos esses domínios envolvidos no fenômeno? A infidelidade é multideterminada, e é a combinação de todos esses fatores que nos auxiliam a compreender sua totalidade. Contudo, um dos domínios nos chamou particularmente atenção: o casamento foi aquele que se destacou nos resultados dos estudos. Esse achado nos leva a pensar que estamos falando de um fenômeno relacional, no qual o quão bem cada membro do casal se sente no relacionamento, sua satisfação com o relacionamento, o grau de comprometimento com o parceiro acabam por exercer um papel muito importante no binômio fidelidade/infidelidade.

O casamento e as relações são uma importante fonte de prazer e bem estar para as pessoas. Compartilhar a vida a dois está no planejamento de muitos e percebe-se que o casamento não está em desuso. Pensando na importância da qualidade da relação, podemos dizer que um casamento feliz e satisfatório é uma garantia de não ocorrência da infidelidade. Será mesmo? Os resultados também apontaram que, não é somente as variáveis do relacionamento que determinam a ocorrência de comportamento de infidelidade, mas o contexto também tem um papel preditor, tanto para homens como para mulheres. Aspectos da vida laboral, tão presente no cotidiano nos dias atuais, tem influenciado na maneira que as pessoas se relacionam amorosamente. Quando as coisas não vão bem em casa, se aproximar de um colega de trabalho que é tão atencioso pode ser uma solução? Ou ter uma aventura durante uma viagem de trabalho também pode aquecer um casamento monótono?

Como é possível ver todas essas perguntas nos remetem a ideia de mitos e crenças a respeito da infidelidade. Esse é um tema transversal à conjugalidade, recorrente, mas nem por isso de fácil manejo. E como todos os temas difíceis de serem lidados, acabam por ficar rodeados de histórias e falácias a respeito. O senso comum cria formas de lidar e evitar a situação de infidelidade de maneira que circulam muitas perguntas a respeito da temática, tais como: a infidelidade sempre destrói um casamento? Homens não são confiáveis, sempre traem? Infidelidade não tem perdão? A infidelidade é uma oportunidade para aquecer um casamento amortecido? Quando acontece um caso, a responsabilidade é sempre do parceiro

infiel? Os estudos vem no sentido de desconstruir muitos destes mitos que muitas vezes acabam mais por dificultar o processo de recuperação após uma infidelidade no relacionamento do que contribuem para a tomada de decisão do casal sobre como encaminhar a situação de infidelidade. Esses mitos acabam revelando, na sua maioria, um lado negativo da infidelidade. Mas como a literatura tem apontado, assim como o grupo focal realizado com terapeutas de casal nesta pesquisa assinalou, casais também puderam se beneficiar de uma infidelidade para retomar o casamento e rever seu contrato da vida a dois. Desta forma, a infidelidade vai ter um significado único para cada relação e para o momento de cada casal.

Nesse mesmo sentido, muitos destes mitos seguem fomentando diferenças entre homens e mulheres quanto a infidelidade. Os resultados das nossas pesquisas demonstraram que os comportamentos e motivações não são completamente diferentes para homens e mulheres. Com relação aos comportamentos, ambos os sexos foram perpetuadores de infidelidade emocional, sexual e virtual, e ambos tiveram como maior motivador insatisfações com a relação e com o parceiro(a). Ou seja, as mulheres não estão tão distantes dos homens quando se trata de infidelidade, mesmo que tenhamos encontrado particularidades em cada um dos sexos. Além disso, essa pesquisa não deu conta de todas as variáveis que podem estar implicadas no fenômeno, tais como traços de personalidade, estilos de apego, entre outros que merecem ser estudados.

É importante destacar alguns desafios que esta pesquisa enfrentou no curso da sua realização. Inicialmente, escolhemos tratar de uma temática cercada por mitos, tabus e ideias pejorativas. As pessoas ainda hoje tem dificuldade de assumir uma infidelidade, pois, salvo em alguns contextos particulares, trair o parceiro não é visto como algo positivo. Nesse sentido, apesar da coleta online ter facilitado o acesso aos participantes e o anonimato na pesquisa, mesmo assim muitos participantes se sentiram inseguros em revelar sua vivência sobre o tema, desistindo da pesquisa ao chegar nas questões sobre infidelidade ou retornando o convite enviado por e-mail questionando como havíamos encontrado seu e-mail, o por quê estávamos convidando para participar da pesquisa e outros até responderam dizendo que nunca haviam traído o parceiro e que não tinham motivo para participar, mesmo que a pesquisa não fosse apenas para infiéis. Como o contexto é fator importante neste tema, cabe ressaltar que no mês anterior ao início da coleta de dados, a mídia divulgou o vazamento de informações do maior site de traição mundial chamado Ashley Madison. O servidor foi invadido e as informações dos usuários do serviço de traição ficaram vulneráveis de maneira que foram chantageados para não terem sua identidade divulgada. O escândalo e medo com

relação ao vazamento destas informações também pode ter influenciado a nossa coleta de dados. Assim, a dificuldade de acesso aos participantes e à temática permeou este estudo e fica como uma limitação do trabalho.

Apesar de termos avançado nos conhecimentos a respeito da temática e aportado informações importantes para clínicos que trabalham na área, esta segue sendo uma temática complexa e que carece de mais aportes científicos. Mesmo que algumas perguntas tenham sido respondidas ao longo deste estudo, outros questionamentos se abrem. E seguimos sem poder responder: será possível ser fiel frente a tantas possibilidades? Devemos ser fiel a nossa individualidade/autonomia ou ao contrato do relacionamento?

## **Anexos**

## Anexo A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -  
UFRGS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Relacionamentos extraconjugais não consentidos: A visão de homens e mulheres

**Pesquisador:** Adriana Wagner

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 23718014.4.0000.5334

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia - UFRGS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 607.339

**Data da Relatoria:** 07/04/2014

#### Apresentação do Projeto:

O envolvimento extraconjugal (EEC) tem sido apontado nas últimas décadas como uma das maiores causas de divórcio no cenário nacional e internacional, sendo avaliado como um dos problemas mais difíceis de tratar em terapia de casal. A literatura aponta para uma inconsistência na definição do EEC por tratar-se de um fenômeno multifacetado e complexo de mensurar, além de lacunas nos estudos sobre envolvimento extraconjugais. Além disso, percebe-se a escassez de estudos empíricos relativos a este fenômeno no contexto brasileiro, mostrando a relevância desta pesquisa, visto que diferenças culturais influenciam no estudo da temática. Assim, a presente pesquisa pretende avançar no estudo sobre EEC, contribuindo para o enriquecimento dos conhecimentos neste campo a partir dos seguintes objetivos: 1) mapear a definição de envolvimento extraconjugal de adultos em relacionamento conjugal estável através de pesquisa bibliográfica; 2) propor uma medida de avaliação a partir do conceito definido; 3) investigar as associações entre EEC e características pessoais da pessoa infiel, seu cônjuge/parceiro, ao casamento e contexto. Metodologia Proposta: O Estudo 1 trata da construção e validação de um instrumento para mensurar o envolvimento extraconjugal. O Estudo 2 se caracteriza por um estudo quantitativo para investigar a associação entre o envolvimento extraconjugal e variáveis

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600  
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-5898 Fax: (51)3308-5898 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Protocolo: 007.009

pessoais, do parceiro/cônjuge, do casamento e do contexto.

**Critério de Inclusão:** Homens e mulheres heterossexuais em situação de casal há no mínimo 6 meses com idade superior a 21 anos e nível educacional superior a ensino médio completo. A meta é 600 sujeitos de pesquisa.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Criar um instrumento multidimensional para avaliar o envolvimento extraconjugal que contenha escalas válidas e confiáveis que abarquem as diferentes dimensões relacionadas ao EEC, tais como atitudes e comportamentos extraconjugais sexuais e emocionais das pessoas envolvidas em EEC e seu cônjuge/parceiro, aspectos relacionados ao casamento e ao contexto; Investigar a associação entre o EEC e variáveis pessoais, do parceiro/cônjuge, do casamento e do contexto.

**Objetivo Secundário:**

Criar um instrumento para avaliar o envolvimento extraconjugal a partir das dimensões revisadas na literatura; Realizar a validação de conteúdo e aparente do instrumento criado, com auxílio de juízes experts e da área da psicologia; Verificar as qualidades psicométricas do instrumento; Descrever as características sociodemográficas de homens e mulheres envolvidos em EEC emocional e sexual; Verificar a relação entre insatisfação

conjugal em homens e mulheres e EEC sexual e emocional; Examinar a relação entre compromisso com o relacionamento em homens e mulheres e ECC sexual e emocional; Investigar a relação entre níveis de intimidade com o relacionamento em homens e mulheres e ECC sexual e emocional; Averiguar a relação entre variáveis do contexto de homens e mulheres com o EEC sexual e emocional.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Apresenta riscos mínimos para os participantes da pesquisa. Entre os benefícios está a construção de um instrumento capaz de identificar as variáveis que mais contribuem no estabelecimento de boas relações conjugais, o que contribuirá para o desenvolvimento de futuros projetos de intervenção visando aprimorar cada vez mais o bem-estar conjugal.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A avaliação psicométrica do instrumento seguirá os seguintes passos. Inicialmente, será realizada a matriz de correlações. Após, será rodada a análise fatorial exploratória, a fim de averiguar a estrutura inerente entre as variáveis da análise (Hair, Black, Babin, et al, 2009). Serão considerados somente os itens com carga fatorial acima de 0,3, sendo excluídos os itens que não preencherem

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600  
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 007.209

este quesito. Também será verificada a consistência interna de cada um dos fatores através do Alpha de Cronbach. Este teste visa verificar a congruência que cada item do teste tem com o restante dos itens do mesmo teste

(Pasquall, 2003). O tamanho da amostra será calculado a partir do número de itens da escala, sendo multiplicado por 10 para que os testes possam ser realizados sem prejudicar os resultados obtidos. Por fim, visando averiguar o quão bem as variáveis

medidas representam o constructo, será realizada uma análise fatorial confirmatória no software SPSS Amos 21.0.0 (Hair, Black, Babin, et al, 2009). O modelo testado na análise fatorial confirmatória será aquele indicado pelos dados da análise fatorial exploratória. Estudo 2: As respostas dos participantes ao questionário serão transpostas para um banco de dados, a partir do qual serão realizadas as análises estatísticas através do programa SPSS para Windows (versão 18). Análises Descritivas ocorrerão para averiguar médias e desvios-padrão com relação aos dados sociodemográficos da amostra e, também, com relação às questões do instrumento. A existência de missings, se ocorrerem, poderão ser substituídas pelo valor da média das respostas dadas à questão em que ocorreu o não preenchimento pelo participante. Os objetivos serão investigados através de análises de correlação que serão escolhidas de acordo com o tipo de variável. Frente a duas variáveis nominais, utilizaremos o Qui-quadrado de Pearson. Na presença de uma variável nominal e uma numérica, utilizaremos o teste ANOVA caso os pressupostos sejam Estudo 1: As respostas dos participantes ao questionário serão transpostas para o banco no programa estatístico SPSS para Windows (versão 18) onde serão analisadas. Inicialmente, serão realizadas análises descritivas para averiguar médias e desvios-padrão com relação aos dados sociodemográficos da amostra e, também, com relação às questões do instrumento. A existênciaatendidos. Caso contrário, será optado por estatística não paramétrica. Também será realizada análise de regressão linear múltipla diante de duas variáveis métricas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A pesquisadora atendeu a pendência, retificando o título da pesquisa no TCLE e no projeto. O projeto está eticamente e metodologicamente adequado.

**Recomendações:**

O projeto está eticamente adequado.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto está eticamente adequado.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2500  
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-5898 Fax: (51)3308-5898 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 007.009

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

PORTO ALEGRE, 07 de Abril de 2014

---

**Assinador por:**  
**Clarissa Marcell Trentini**  
**(Coordenador)**

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600  
Bairro: Santa Cecília CEP: 91.035-003  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)308-5898 Fax: (51)308-5898 E-mail: cep-psico@ufrgs.br